

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO CONJUNTO URBANO DE SÃO BARTOLOMEU - OURO PRETO, MG

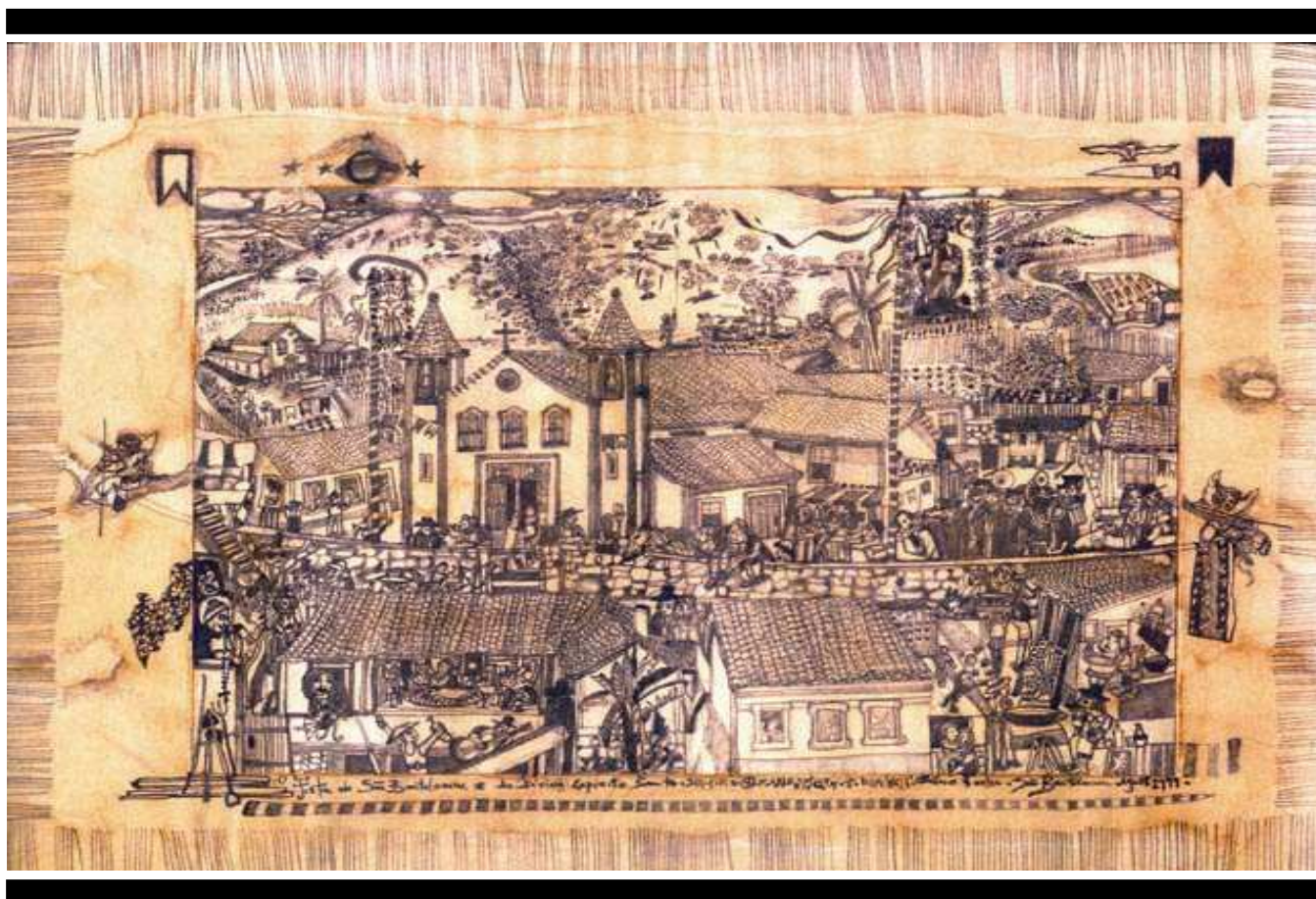


Figura 0.1- Representação da
Festa de São Bartolomeu
Fonte: Acervo Gê Fortes

MARÇO / 2007

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO	4
2. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO	6
2.1 O COMEÇO	6
2.2 MINERAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO	8
2.3 FORMAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E RELIGIOSA	12
2.4 UM SÉCULO DE OURO: BATALHAS, SEDIÇÕES E CONSPIRAÇÕES	15
2.5 FAUSTO ARTÍSTICO , ARQUITETÔNICO E CULTURAL	18
2.6 JACUBAS E MOCOTÓS	25
2.7 O OITOCENTOS: IMPÉRIO E VIDA SOCIAL	27
2.8 O SÉCULO XX	33
2.9 NOMES DE VULTO E TIPOS POPULARES	40
2.10 DISTRITOS	47
2.11 CRONOLOGIA	60
2.12 DADOS GERAIS	61
2.13 DESCRIÇÃO FÍSICA GERAL DO MUNICÍPIO	63
3. HISTÓRICO DE SÃO BARTOLOMEU	65
3.1 CONTEXTO E PRIMÓRDIOS	67
3.2 OCUPAÇÃO, ABASTECIMENTO E MINERAÇÃO	69
3.3 HISTÓRIA ULTERIOR	72
3.3.1 VISLUMBRE NA DOCUMENTAÇÃO CARTORÁRIA	72
3.3.2 OBRAS PÚBLICAS: ÁGUAS E AGRURAS	74
3.3.3 OBRAS PÚBLICAS: TRAGÉDIAS E LENDAS	75
3.4 CONTEXTO RELIGIOSO	78
3.4.1 MATRIZ DE SÃO BARTOLOMEU	83
3.4.2 IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	93
3.4.3 CAPELA DE SÃO FRANCISCO	94
3.4.4 ORATÓRIOS	95
3.5 ATUALIDADE	97

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO NÚCLEO URBANO	99
4.1 TIPOLOGIA URBANO-ARQUITETÔNICA	99
4.2 OCUPAÇÃO E MORFOLOGIA URBANA	101
4.3 Uso	103
5. JUSTIFICATIVA DE TOMBAMENTO	111
6. DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO	113
7. DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE ENTORNO DA ÁREA TOMBADA	116
8. PROPOSTA DE DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO DA ÁREA A SER TOMBADA E ENTORNO	119
8.1 DIRETRIZES DA ÁREA TOMBADA	119
8.2 DISPOSIÇÕES GERAIS	123
8.3 DIRETRIZES PARA A ÁREA DE ENTORNO DO PERÍMETRO TOMBADO	124
9. DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E FOTOGRÁFICA	125
9.1 CARTOGRAFIA	125
9.2 FOTOGRAFIAS	129
10. FICHAS DE INVENTÁRIO	138
10.1 FICHA DE INFORMAÇÕES GERAIS	138
10.2 FICHA DE CARTOGRAFIA	143
10.3 FICHAS DO NÚCLEO URBANO A SER TOMBADO	145
10.3.1 FICHAS DO ACERVO RELIGIOSO	145
10.3.2 FICHAS DO ACERVO URBANO	184
10.3.3 FICHA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO	388
10.3.4 FICHAS DO INVENTÁRIO DE 2005	393
11- LAUDO TÉCNICO DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO	754
12- CONSIDERAÇÕES FINAIS	768
13- REFERÊNCIA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA	769
13.1. ARQUIVOS CONSULTADOS	769

13.2. LIVROS E TRABALHOS	769
13.3. ARTIGOS	771
13.4. DICIONÁRIOS	772
14. FICHA TÉCNICA	773
15. CÓPIA DA ATA DO CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL APROVANDO O TOMBAMENTO PROVISÓRIO DO NÚCLEO URBANO	777
16. PARECER SOBRE O TOMBAMENTO ELABORADO POR PROFISSIONAL HABILITADO	803
17. PARECER SOBRE O TOMBAMENTO ELABORADO POR CONSELHEIROS INTEGRANTES DO CONSELHO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL	807
18. NOTIFICAÇÕES AOS PROPRIETÁRIOS DOS IMÓVEIS QUE COMPÕE O NÚCLEO URBANO	816
19. CÓPIA DA ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL APROVANDO O TOMBAMENTO DEFINITIVO	881
20. CÓPIA DO EXECUTIVO TOMBANDO DO NÚCLEO URBANO	885
21. CÓPIA DA INSCRIÇÃO DO BEM CULTURAL NO LIVRO DE TOMBO MUNICIPAL	889
22. CÓPIA DA PUBLICAÇÃO DO ATO DE TOMBAMENTO	898

1. INTRODUÇÃO

A iniciativa deste trabalho – o tombamento do Conjunto Urbano do Distrito de São Bartolomeu – partiu de um pedido da Associação de Desenvolvimento Comunitário de São Bartolomeu (ADECOSB), encaminhado ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto e oficializado na reunião ordinária de setembro de 2005. A partir de então, a Secretaria de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Ouro Preto assumiu os trabalhos de elaboração do Dossiê de Tombamento para ser encaminhado novamente ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto e apresentado à comunidade para aprovação. Após parecer favorável do Conselho supracitado, o Decreto de Tombamento Municipal do Conjunto Urbano do Distrito de São Bartolomeu foi homologado no dia 08 de Fevereiro de 2007.

Dessa forma, o presente trabalho reúne uma série de informações – estudo histórico, descrição do Distrito e sua geografia, caracterização urbana e arquitetônica – que tem por objetivo fundamentar e justificar o tombamento do Distrito. O dossiê também traz a proposta de Delimitação do Perímetro de Tombamento e de Delimitação do Perímetro de Entorno da Área Tombada, além de Diretrizes para as duas áreas – tombada e de entorno.

O trabalho de campo, realizado nos dias 29 e 30 de setembro e 3, 4 e 6 de outubro, contou com a colaboração de toda a equipe da Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio e da população do distrito, organizadas em equipes de 3 pessoas, sempre com um arquiteto ou estudante de arquitetura presente. Dentre os participantes, estavam estagiários de engenharia civil, direito, história, além de outros funcionários da Secretaria de Cultura e Patrimônio. De janeiro a março de 2007 foram realizados os trabalhos de revisão do Dossiê de Tombamento com atualização de todas as fotos componente do mesmo e nova coleta de dados para complementação do inventário.

Durante a nossa presença no Distrito, a participação e a receptividade da comunidade foi significativa. Mesmo não tendo preparado atividades específicas de educação patrimonial, tivemos a participação espontânea das crianças, que acabaram por elaborar desenhos das fachadas. A percepção e atenção de cada um em cada detalhe das casas que compõem São Bartolomeu, foi uma experiência bem interessante, ainda mais a empolgação quando aquele desenho se tornava base de trabalho e recebiam as medidas reais da construção. Poucas foram as recusas dos moradores em receber a equipe; as demais onde não foi possível realizar o levantamento foi devido à residência ser de fim de semana.

Foram levantados 80 imóveis inseridos dentro do núcleo original do distrito, determinado a partir do estudo histórico. Destes levantamento, 51 foram sumários (64% do total levantado) e 29 completos (36% do total levantado). Os levantamentos sumários foram aqueles onde foram consideradas as características do lote, de volumetria e de fachada das edificações, ou seja, as relações de parcelamento e ocupação do solo no conjunto urbano. No levantamento completo, além das características do lote, de volumetria e de fachada das edificações, foram consideradas as qualidades arquitetônicas da edificação, como sistemas construtivos, materiais de acabamento, tipologia de planta etc. Foram levantadas aquelas mais representativas no contexto urbano, com maior proporção de características ainda preservadas.

A partir do levantamento planialtimétrico foi possível elaborar o primeiro mapa cadastral do distrito (a partir de uma Base Cartográfica da CEMIG de 1985). A partir do preenchimento das fichas e sistematização de suas informações foi possível a realizar a caracterização urbana e arquitetônica do conjunto hoje.

2. APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO

2.1 O COMEÇO

Quase tudo o que se conta sobre o descobrimento de ouro nos vales do Ouro Preto se originou na versão dada por Bento Fernandes Furtado, filho do Coronel Salvador Fernandes Furtado, que era um paulista dos que primeiro singraram a região. Seguiram os escritos de Bento Fernandes: Pedro Tacques, Silva Ponte, Cláudio Manuel da Costa, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos e, mais recentemente, Diogo de Vasconcelos. Por exemplo, no seu Fundamento Histórico do poema Vila Rica, Cláudio Manuel da Costa (destacado Inconfidente de 1789) assim descreve nossos primórdios:

Ouro Preto que compreende em si vários ribeiros e morros com diferentes denominações, como são Passa Dez, Bom Sucesso, Ouro Fino, ou Bueno etc., teve por descobridores, nos mesmos anos de 1699, 1700 e 1701, a Antônio Dias, natural de Taubaté, ao Padre João de Faria Fialho, que viera por capelão das tropas de Taubaté e Tomás Lopes de Camargo, que se situou nas lavras, que, ao depois, vieram a ser de Pascoal da Silva e Francisco Bueno da Silva, ambos paulistas¹, e, este último, primo do primeiro descobridor de Ituverava, Bartolomeu Bueno, de todos estes tomaram nome alguns bairros de Vila Rica.²

Baseado neste tipo de descrição provinda do século XVIII, mais próxima dos fatos originais, escreveu Diogo de Vasconcelos, alterando alguns dados, uma versão mais completa. São de 1901 estas linhas:

Conhecido portando o caminho, Antônio Dias entrou por onde os antigos aventureiros haviam saído. Da Serra da Borda, avistando a Itatiaia, veio em direita ao Rodeio e, transpondo ai a Serra do Pires, alcançou o ribeirão chamado hoje de Cachoeira, de onde subiu para o Campo Grande. Foi esta a jornada decisiva, a memorável vigília da História.

No dia seguinte, alvorecendo, sexta-feira, 24 de junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuí, iluminado então pela aurora, rasgou-se dali aos olhos ávidos: e o Itacolomi, soberano da cordilheira, estampou-se nítido e firme no cerúleo do céu, que a luz reclamava de púrpura e ouro, de anil e rosas. Tomando o santo do dia, São João Batista foi o patrono da nova terra, voz clamanti sin deserto³; e essa voz, ressoando nos ecos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do anjo: Ave Maria! Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a era cristã das Minas Gerais. Estava descoberto o Ouro Preto.⁴

¹ Errou Cláudio Manuel da Costa: Pascoal da Silva, o famoso Mestre-de-Campo líder da Revolta de 1720, era português de nascimento.

² JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, pp. 49 e 50.

³ Alusão às palavras proféticas sobre João Baptista: *a voz que clama do deserto*.

⁴ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*, p.134.

Esta narrativa, um tanto poética, com floreios literários e exacerbos descritivos, foi bastante contestada. Augusto de Lima Júnior, por exemplo, negando a concomitância das bandeiras de Antônio Dias e João de Faria Fialho, apontou outros possíveis descobridores, como o aventureiro Manuel Garcia. Para Lima Júnior coube a Antônio Dias a descoberta de ouro somente no bairro que hoje leva seu nome. De toda forma, há muito que se reconhece a bandeira de Antônio Dias como a precursora e a data - 24 de junho de 1698 - como a data fundadora dos primeiros arraiais dos morros e vales que comporiam Vila Rica.

Para essa versão oficial, lapidada desde os tempos de Diogo de Vasconcelos, a Bandeira de Antônio Dias seria uma expedição - dentre outras - que percorreram o território mineiro em busca do Pico do Itacolomi. Segundo boato corrente, aos pés do pico - estranha formação rochosa servida de baliza para os primeiros desbravadores⁵ - um mulato de Taubaté havia, algum tempo antes, encontrado ouro de excelente qualidade. Uma vez noticiada a descoberta, várias expedições partiram à procura do local onde haviam sido encontradas aquelas pepitas que, pelo negrume da cor e teor único, chamaram muita atenção. Antônio Dias obteve sucesso nessa empreitada, 'redescobrimo' o Ouro Preto em 1698.

Em pouco tempo os vales e morros da região se povoaram de levas de aventureiros de todas as partes da colônia e do reino. Vários arraiais mineradores salpicaram os morros e as margens dos ribeiros. A desorganização fazia da paisagem um emaranhado de gentes, casebres e lavras. A Ouro Preto desta época foi descrita pelo sacerdote jesuíta João Antônio Andreoni (cognominado Antonil) em obra publicada em 1711. No seu *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, este jesuíta florentino descreve o lugar como um imenso acampamento que medonhamente comportava cerca de 30.000 almas!



Figura 2.1- Mapa do interior do Brasil do Séc. XVIII
Fonte: Acervo digital da AMIC

⁵ Ao que tudo indica, do tupi: “a pedra (mãe) e o menino”.



Figura 2.2- Mapa de Vila Rica, fins do Séc. XVIII
Fonte: Acervo digital da AMIC

2.2 MINERAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO

Um antigo relatório assim descreve a exploração aurífera na Serra do Ouro Preto, em 1740:

É esse morro muito alto, tem dado e dará muito ouro e há neste sitio várias paragens de moradores, como o de Ouro Fino, o Ouro Podre, o Soca e Quebra, o Alto do Baiacu, o Jacutinga e o Córrego Seco. Todas essas paragens nomeadas, o foram a custa de muita força de ouro. É este morro muito alto, formado de uma só pedra chamada de tapanhuacanga, tem em si bastante mato carrasquento miúdo e, muito por acaso, alguma árvore, que se acha de pouco préstimo por ser a sua criação natal, pedra. Esta, ordinariamente é vermelha, do feitio da terra congelada e de pouca dureza; essa altura de seis até vinte e cinco palmos tem ou segue natureza diferente. Principiamos a fazer buracos; rompida a pedra acha-se barro muito vermelho e neste, às vezes, achamos faísca de ouro a que se chama “ouro de serrapilheira”, mais abaixo do barro, acha-se caco muito duro e logo jacutinga, que é areia preta fina, e, entre esta, costuma algumas ordens de cacos também duros. Rompendo mais abaixo, dá-se em piçarra azul, muito magra (...) a formação de ouro corre por debaixo desta pedra (...).⁶

Na verdade as técnicas e os locais de exploração variavam muito: indo desde os vales, nas beiras dos ribeiros, até os altos de serra através de profundas minas. O certo é que a quantidade de ouro produzida foi formidável, ascendendo a várias toneladas. O ouro, aparentemente inesgotável, deu novo fôlego à economia do império português: em pleno declínio luso o ‘eldorado mineiro’ era um alento para os cofres do reino endividado.

⁶ JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, pp.35 e 36.

Crescidos os arraiais, finda a confusão inicial pela presença gradativa de representantes da Coroa Portuguesa, se houve por bem, então, criar uma nova capitania com autonomia administrativa (mas que compartilharia o mesmo governador de São Paulo). As terras designadas como Rio das Velhas, Rio das Mortes, Ribeirão do Carmo e Minas Gerais do Ouro Preto, passaram a compor a nova capitania oficializada em 1709.

Em 1711 o governador, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, erigiu nossas primeiras vilas. Naquele ano, no dia 8 de julho, foi oficialmente criada a Vila Rica de Albuquerque. Na mesma data foi constituída a primeira Câmara Municipal, eleita conforme as ordenações do reino português. Os primeiros camaristas foram: Coronel José Gomes de Melo, Fernando da Fonseca Sá, Manuel de Figueiredo Macedo, Félix de Gusmão Mendonça Bueno, Antônio de Faria Pimentel e Manuel de Almeida Costa. Posteriormente o adjunto toponímico “Albuquerque” (uma homenagem ao governador de então) não foi aceito pelo rei de Portugal: “a ilustre Vila Rica caminhou para a História com sua definição própria, significativa e gloriosa”,⁷ conforme salientou Augusto de Lima Júnior.

Naquele momento os ânimos ainda estavam turbulentos: a corrida aurífera causava, via de regra, exaltações e sediciosos não faltavam: o clima de motins dominava os ares. Foi especialmente por esta razão que o próprio Antônio de Albuquerque instalou sua capital na vizinha Vila de Ribeirão do Carmo (hoje cidade de Mariana). Posteriormente, com o abrandamento da situação, Vila Rica passou a ser a capital oficial da Capitania das Minas, desmembrada oficialmente da de São Paulo em 1720.

Agora, mais especificamente, como se deu o crescimento urbano da Vila Rica? Como os morros e os vales se aglutinaram e contribuíram para a formação da urbe?

O primeiro foco de interesse - e o que mais óbvio nos parece - diz respeito, justamente, à ocupação dos morros e encostas. Aportados aqui os primeiros exploradores a ocupação deu-se de duas formas: nas margens dos ribeiros, onde o ouro abundava, e nos morros que circundam a cidade, repletos de minas e sarilhos. Nos primeiros tempos tomaram vulto os arraiais que ocuparam as íngremes encostas. Dominados por pequenas e pitorescas capelas e por extensas áreas mineradoras, estes arraiais fizeram o fausto de vários aventureiros, alguns erigidos em verdadeiros potentados locais (neste pormenor destaca-se Pascoal da Silva Guimarães, dono das minas do Ouro Podre, incendiadas a mando do

⁷ JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, p.74.

Conde de Assumar em 1720). Estes vários núcleos, de ocupação muito antiga⁸, teriam logo seu brilho ofuscado por outros, nascidos às margens dos ribeiros, nos fundos dos vales que sulcam a cidade.

Dois arraiais se distinguiram fora das montanhas: o Arraial de Nossa Senhora do Pilar e o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.⁹ Suas duas capelas, situadas nas proximidades de córregos auríferos, tiveram atuação preponderante na evolução urbana do núcleo maior que então se desenhava. Tanto isto é veraz que em 1711, com a criação da Vila Rica, os dois núcleos foram eixo de discussão, e em 1724, com a instituição das primeiras freguesias colativas das Minas Gerais, Pilar e Antônio Dias tiveram seus templos elevados à categoria de igrejas paroquiais.

Somente mesmo a febre aurífera para erguer uma cidade em terreno tão austero para com a presença humana. Somente o ouro engendraria formas para, conforme imposições locais, driblar as barreiras da natureza e fazer nascer a Vila Rica!



Figura 2.3-Imagem de Lavra de mineração
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.1- Detalhe de uma bateia
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Figura 2.4-Cena de ocupações domésticas
Autoria: Moritz Rugendas/ Séc. XIX
Fonte: www.cidadeshistóricas.art.br



Figura 2.5 - Paisagem urbana de Vila Rica
Autoria: Moritz Rugendas
Fonte: MORAES, 2001:69

⁸ O provável primeiro núcleo, desenvolvido ao redor da capela de São João, teve origens por volta de 1698.

⁹ Não se deve esquecer a presença do Arraial do Padre Faria, sito no fundo de um vale, no caminho antigo para Mariana. Porém, nada se compara ao papel preponderante dos dois núcleos citados no texto.



Figura 2.6- Pintura do conjunto urbano de Vila Rica
Fonte: www.idasbrasil.com.br



Figura 2.7- Pintura do conjunto urbano de Vila Rica
Fonte: Acervo digital da AMIC



**Ilustração de Viajante do Séc. XVIII, da atual
Praça Tiradentes**

Figura 2.8- Vista do conjunto arquitetônico da Praça Tiradentes(Séc. XVIII)
Fonte: Acervo digital da AMIC

2.3 FORMAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E RELIGIOSA

A indústria da mineração necessitava de todo um “entorno” econômico, razão pela qual nem todos se dedicavam diretamente às lavras. De acordo com vários pesquisadores da nossa história, foi notória uma fome que assolou as Minas nos anos de 1700 e 1701: preocupados com a bateia, muitos se descuidaram do arado e alguns, literalmente, morreram de fome. Ainda hoje, no distrito de Rodrigo Silva, existe um lugar chamado de Campo da Caveira, termo advindo, segundo alguns, de esqueletos dos miseráveis garimpeiros que tentaram, desesperadamente, abandonar as lavras em busca de alimento. Verdade ou ficção, o certo é que vários arraiais que circundavam Vila Rica (e que hoje constituem distritos) se dedicaram especialmente à agricultura e ao comércio, se destacando entre estes, Cachoeira do Campo e Amarantina (antigo São Gonçalo do Amarante). O comércio de produtos agrícolas ou de utensílios auxiliares fazia a diversidade da vida econômica da Vila. Alguns comerciantes e agricultores enriqueceram, constituindo cabedal portentoso e admirável. Portanto, nem só das minas, Minas vivia...

A heterogeneidade das atividades econômicas tinha paralelo no diversificado mundo social que, aos poucos, foi se constituindo nas Minas e, conseqüentemente, em Ouro Preto.

Ao lado dos mineradores, a sociedade ouropretana possuía um número expressivo de burocratas (lusos ou nativos). Estes funcionários, todos ligados à Coroa Portuguesa, atuavam no que tangia à administração da capitania ou, localmente, estavam ao redor de assuntos que diziam respeito à Vila e seu Termo. Havia também um grande número de clérigos constituindo uma espécie de “burocracia eclesiástica”. Em número expressivamente maior que os religiosos, porém, estavam os militares, cujas patentes se multiplicavam sobremaneira.

Havia, fora do poder público e religioso, uma grande quantidade de artistas e artífices (que durante todo século XVIII e parte do XIX iriam dar feição às nossas igrejas barrocas e às requintadas construções laicas), pedreiros, carpinteiros, ferreiros, mercadores, tropeiros, ourives, boticários, quitandeiras, “mulheres erradas”, escravos, salteadores, vadios, aventureiros, mendigos etc.

No que diz respeito à formação étnica é notória a quantidade de mestiços (chamados de “pardos”). Este grupo pardo, fruto em grande parte do concubinato não oficial com negras e

mulatas (cativas ou forras), influenciaram grandemente a trajetória de Vila Rica e de todas as Gerais. Braço expressivo de uma geração nativa, os veremos atuar em todas as áreas, desde a mineração até as artes mais elaboradas.

Um potencializador importantíssimo de aglomeração social serão as irmandades que, desde o princípio, extrapolaram os motivos fundamentalmente religiosos. Para entender as irmandades de Ouro Preto, basta entender como eram as irmandades mineiras e como se organizaram.

Como forma de organização religiosa, manifesta na sociedade colonial como meio de congregação e, ao mesmo tempo, segregação social, as irmandades leigas proliferaram nas Minas Gerais. Eram um tudo na vida religiosa. No social eram muita coisa: espaço de convívio entre os pares, fator de coerção social, forma de agremiação política e econômica etc. Eram espécies de associações de pares, para inserção social. Perpassavam a vida e a morte dos seus irmãos, que tinham suas campas ou covas em espaço comum. Espaço comum que compartilhavam em vida.

Com a coibição da instalação de ordens religiosas regulares nas Minas, as irmandades mineiras tomaram feição muito peculiar. Além de formas de organização social, já citadas, as irmandades inçaram o solo mineiro de igrejas e capelas, cujas feições características, adaptadas ao meio (a princípio inóspito), deram um ar de originalidade à arte e arquitetura vindos da Europa e das cidades litorâneas. Ainda é possível encontrar exemplares das primeiras capelinhas rústicas, feitas em geral nos montes ou colinas de onde se podia observar e ser mais facilmente observadas pelos primeiros incursionistas que se guiavam por caminhos ainda não tão bem delimitados. Eram pontos de referência. Exemplo disto é a pequena capela de Santa Quitéria do Alto da Boa Vista, nos arredores do atual distrito de Rodrigo Silva: a silhueta da velha capela, com as cruces do seu cemitério, espanta o caminhante, solta como está na vastidão dos campos. Ao seu redor somente ruínas do que foi um dia o antigo povoado da Boa Vista. Muitas capelas deste gênero, construídas nos primórdios de Minas, quando as incertezas dos desbravadores eram muitas, foram cedendo lugar desde cedo a belas Igrejas Matrizas, cujos oragos geralmente herdavam das ermidas, suas antecessoras.

No interior destas igrejas coabitavam altares dedicados a outras invocações, que não a principal do altar-mor, erigidos por outras irmandades, e os irmãos - que podiam fazer parte

das outras irmandades locais ou irmandades de outras freguesias - também utilizavam o mesmo espaço comum. Às vezes desavenças havia que culminavam com o pretexto de irmandades construírem capelas próprias para si. Casos como estes se multiplicavam.

As origens da irmandade e da capelinha, pode-se dizer, eram quase sempre concomitantes. Ou, como também pode ter acontecido, a irmandade se organizava pouco depois da ereção da capela. Todavia sempre esteve presente na construção do templo definitivo. Como quase tudo o que envolve os primórdios, os documentos também escasseiam nestes primeiros tempos e poucos dados temos da fundação destas primeiras irmandades. O certo é que precederam a instalação do aparelho burocrático e militar da capitania.



Foto 2.2- Inauguração da estátua de Tiradentes
Fonte:Acervo IFAC
Data: 21 de abril de 1894



Fotos 2.3 e 2.4- Procissão em festividade religiosa(séc. XX); população com alta porcentagem de pardos e negros
Fonte:Acervo IFAC



Foto 2.5- Praça Tiradentes; Procissão dos Passos (29 de março de 1931)
Fonte:Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

2.4 UM SÉCULO DE OURO: BATALHAS, SEDIÇÕES E CONSPIRAÇÕES

O século XVIII foi, sem dúvida, o século áureo de Ouro Preto, a fase epopéica de sua formação e consolidação: vem desta centúria a maior parte das riquezas culturais, arquitetônicas e artísticas que projetariam a antiga Vila Rica para o mundo. Mas é correto dizer que o mesmo século XVIII foi também o mais violento e conturbado da história desta cidade. Marcam o setecentos (não só o setecentos vilarriquenho, mas o setecentos mineiro) três especiais momentos que, por causa mesmo da turbulência, constituem instantes privilegiados de ruptura. São eles: a Guerra dos Emboabas, a Sedição de Filipe dos Santos (também chamada de Revolta de Vila Rica ou Revolta de 1720) e a Inconfidência Mineira (por vezes chamada de Conjuração Mineira). Analisemos sucintamente cada uma.

Alegadamente os bandeirantes paulistas foram os descobridores das primeiras minas de ouro. Natural que as notícias sobre a riqueza repentina advinda da exploração do mineral espalharam-se pelo Brasil e Portugal. Levas de imigrantes principiaram a chegar não só de São Paulo, guiados pelos antigos caminhos bandeirantes, mas de toda a colônia e reino. Os forasteiros, especialmente os portugueses, não eram vistos com bons olhos pelos paulistas. Estes, como descobridores das minas, julgavam-se usurpados do seu direito de exploração (que queriam fosse exclusivo).

O imaginário nacional idealizou a figura dos bandeirantes paulistas como intrépidos homens, bem vestidos, protegidos e armados. Mas isto não passa de idealização. Andavam nossos bandeirantes em geral descalços, com uma espécie de bermuda. Muitas vezes descamisados. Entre as armas, o arco e flecha indígena. A língua era uma mistura de tupi com português. E foram estas diferenças, irredutíveis em si, que deram origem aos atritos. Os paulistas começaram a chamar os portugueses de emboabas, palavra indígena que significa “pinto calçado”, uma alusão ao fato, estranho aos paulistas, dos portugueses usarem calças e botas!

Os primeiros atritos tiveram origem no Caeté, envolvendo o poderoso português Manuel Nunes Viana, que logo viria a se tornar o líder emboaba. Tanto paulistas, quanto emboabas, reivindicavam o direito de exploração. Não tardou muito e o conflito deu origem às escaramuças armadas que a historiografia consagrou como Guerra dos Emboabas. Corria o ano de 1708.

Do Caeté, cada vez mais acuados, os paulistas vieram se refugiar no Arraial de Cachoeira do Campo (município de Ouro Preto). Em Cachoeira prepararam-se para a grande batalha, fortificaram o arraial, cavaram trincheiras (que ainda podem ser vistas em algumas partes). Vindos pelo vale do Amarante (hoje distrito de Amarantina), seguindo o Rio Maracujá, os portugueses enfrentaram os paulistas numa batalha encarniçada, batizada por Diogo de Vasconcelos como Batalha da Cachoeira. Três dias depois os Emboabas expulsaram os paulistas do arraial. Os atritos entre paulistas e forasteiros marcam decisivamente o período inicial de exploração aurífera, assinalam essencialmente uma época em que o aparelho governamental português ainda não se fazia sentir nas Minas recém descobertas. Ouro Preto nesta época era um amontoado de arraiais, compostos por choupanas pobres, sem nenhuma infra-estrutura urbana.

Nos primeiros anos da ocupação do território mineiro foram muitas as revoltas contra o aparelho burocrático e tributário que a metrópole portuguesa estava instalando. Entre as revoltas de caráter fiscal se destaca aquela conhecida como Sedição de Filipe dos Santos.

Em 1720, o governo português propôs a instalação de casas de fundição em Minas, onde todo o ouro descoberto seria recolhido para que 20% dele fosse mandado para a Coroa em forma de impostos. Era o acirramento da política tributária sob a forma do malquisto quinto, que agora seria cobrado com mais eficiência. Isto gerou descontentamento geral entre os mineradores. Logo começaram as manifestações pelos arraiais da região. Filipe dos Santos, um dos líderes do movimento, foi preso no adro da Matriz de Cachoeira do Campo, enquanto agitava a população. Dali foi levado para Vila Rica onde foi enforcado e esquartejado, na presença do governador Conde de Assumar.

O outro líder da revolta, o português Pascoal da Silva, homem poderoso e influente, teve o agrupamento em torno de suas minas incendiado a mando do Conde. Naquela época suas possessões compunham o Morro do Ouro Podre. Algumas ruínas enegrecidas nos morros de Ouro Preto marcam atualmente o lugar do incêndio, sendo conhecidas hoje como Morro da Queimada.

O Conde de Assumar, após este episódio, sugeriu ao rei de Portugal a separação das Minas e São Paulo (que até então formavam uma só capitania). Era o nascimento oficial de Minas Gerais.

Em fins do século XVIII - quando o esgotamento das minas era evidente - começou a ser impossível o pagamento das cem arrobas mínimas de ouro anuais que eram devidas à Coroa Portuguesa, conforme se havia instituído anteriormente. A dívida aumentou de tal forma que o governo da metrópole, não acreditando que a exploração aurífera estava se esgotando, resolveu cobrar à força a quantia restante, sendo chamada esta iniciativa de Derrama. O constante atrito entre o povo e o governo, agravado por estas medidas, causou insatisfação geral. Em 1788, começou a se formar um movimento de conspiração que ficou conhecido como Inconfidência Mineira. Influenciado pelo trânsito internacional de idéias¹⁰, o grupo era bastante heterogêneo: participaram do movimento eruditos, poetas, políticos, fazendeiros, mineradores, membros do clero e militares. Entre eles se destacaram: Tomás Antônio Gonzaga, José Álvares Maciel, Francisco de Paula Freire de Andrade, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa e Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes.

O movimento tinha como principal objetivo formar uma nação livre em Minas. Para tanto, era preciso arquitetar uma revolução e depor o governador. Tiradentes era o principal propagandista do levante - homem simples, pertencente ao Regimento Regular de Cavalaria de Minas. Porém, a revolução não aconteceu: Joaquim Silvério dos Reis, em 15 de março de 1789, denunciou o movimento ansioso em ter suas dívidas perdoadas. Todos integrantes foram presos e mandados ao Rio de Janeiro, onde três anos mais tarde seriam condenados a degredo perpétuo. Somente Tiradentes sofreu a pena máxima, sendo enforcado no dia 21 de abril de 1792. Seus quartos foram espalhados pelos caminhos de Minas e sua cabeça exposta na praça principal de Vila Rica. É certo que este movimento teve representantes e desdobramentos em várias regiões das Gerais, mas Vila Rica, capital e maior vila de então, foi foco central e ponto de convergência de todos conspiradores.

Pode-se ver que o século XVIII - o Século 'de' e 'do' Ouro - foi um século profundamente irrequieto: eram aqueles os últimos de anos do Brasil colônia. Este período conturbado, foi, contudo uma época de esplendorosa criatividade artística, um dos momentos mais inventivos da história brasileira, como veremos no próximo tópico.

¹⁰ Os Inconfidentes Mineiros estavam influenciados, em grande medida, pelos ideais iluministas franceses, pelo humanismo italiano e pela então recente Revolução Americana de 1776, que culminou com a criação dos Estados Unidos da América. Consta nos arrolamentos do processo de julgamento dos Inconfidentes que vários livros com este teor contavam nas bibliotecas privadas dos mesmos.



Foto 2.6- Casa dos Inconfidentes (foto do século XX)
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.7- Casa dos Inconfidentes (2005)
Autoria: Raquel A. Ferreira



À esquerda, quartel dos Dragões da Capitania

Foto 2.8- Vista do conjunto urbano de Ouro Preto, tendo à esquerda o antigo quartel dos Dragões da Capitania.(Cerca de 1870)
Fonte: Acervo IFAC

2.5 FAUSTO ARTÍSTICO, ARQUITETÔNICO E CULTURAL

Falar da história da arte e da arquitetura em Ouro Preto é como sintetizar a história da arte em Minas. É em Ouro Preto que o Barroco Mineiro pulsa com maior inventividade e nuances criativas. Este barroco - que começou em primitivas capelas espalhadas nos cimos e pés de morros e nos fundos de vales mineradores - teve como palco de primeira exuberância artística as duas matrizes que, mais tarde, marcariam a vida religiosa de Vila Rica. Poucos anos após o descobrimento das jazidas, as rudimentares capelas que serviam como matrizes foram postas abaixo, sendo iniciada a construção das grandiosas matrizes locais atuais (Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Pilar). Cada uma marcou, bem a seu modo, os focos principais dos bairros que em torno delas se originaram. Foi, por

exemplo, para a inauguração da Igreja Paroquial do Pilar, no bairro de Ouro Preto, que se realizou a procissão e os festejos do chamado Triunfo Eucarístico - que foi das mais pomposas festas barrocas ocorridas na América Portuguesa. Este Triunfo, ocorrido no ano de 1733, foi assentado por escrito por Simão Ferreira Machado. Os escritos de Simão, publicados pela mesma época, constituem hoje uma fonte valiosa de informação sobre a grandiosidade das celebrações de caráter barroco durante o setecentos brasileiro.

As diversas irmandades que concorrerem no todo das obras paroquiais são de fundamental importância para se entender a sociedade ouropretana do século XVIII, síntese que é de toda sociedade colonial mineira. Várias destas irmandades se encarregaram, posteriormente, da construção de novos templos, mais condizentes com a realidade dos confrades. A partir de meados do XVIII, ao lado das irmandades, começam também a tomar vulto as Ordens Terceiras. Em Ouro Preto tem destaque a Ordem Terceira de São Francisco de Assis e a de Nossa Senhora do Carmo, ambas patrocinadoras de majestosos templos segundo o gosto rococó, vigente e moderno na época.

É nesse fervilhante ambiente cultural que encontramos explicação para a grande quantidade de capelas, passos e igrejas com os quais nos deparamos em Ouro Preto. Os principais templos são: do lado do Pilar - Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja de São José, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja do Bom Jesus do Matosinhos, Igreja de São Francisco de Paula; do lado do Antônio Dias - Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria, Igreja de Santa Efigênia, Igreja de Nossa Senhora das Dores, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, Igreja de São Francisco de Assis.

Não só as criações de caráter religioso marcam a trajetória da cidade. É bom que se destaquem também os monumentos de origens outras - governamentais ou particulares - como a Casa de Câmara e Cadeia (atual Museu da Inconfidência), o Palácio dos Governadores (atual Museu da Ciência e da Técnica da UFOP), Casa dos Contos (antiga residência do contratador João Rodrigues de Macedo, atualmente abriga um Museu e o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro). Também chamam atenção, espalhados pela cidade, o expressivo número de chafarizes: alguns imponentes, outros singelos, todos a enfeitar as ruas, compondo uma paisagem única e marcante. Outro monumento digno de nota é a Casa da Ópera (mais antigo teatro em funcionamento ininterrupto das Américas), que, apesar da

arquitetura mirrada, merece palavra a parte pelo muito que nos revela sobre a vida cultural no setecentos e oitocentos.

Vem de longa data o gosto lusitano pelo teatro. Nas Minas Gerais, os mais antigos registros sobre atividades lúdicas datam de 1726, quando, em Vila Rica, se apresentaram comédias por ocasião do casamento dos príncipes portugueses. Em 1733, nos pomposos festejos do Triunfo Eucarístico, foi montado um tablado junto à nova Matriz do Pilar para encenação de três peças de Calderón de la Barca. Contudo, estes dois exemplos (como tantos outros), não passaram de acontecimentos esporádicos, organizados sobre armações efêmeras, improvisadas. Afonso Ávila supõe que entre 1737 e 1740 existiu uma primitiva casa de espetáculos em Vila Rica - mas dela não restaram vestígios.

A Casa da Ópera de Ouro Preto é fruto do empreendedorismo do Contratador dos Reais Quintos e Entradas, o Coronel João de Sousa Lobo, sob os auspícios de quem foi inaugurada a 6 de junho de 1770, aniversário de Dom José I, El Rei. Foram entusiásticos apoiadores do projeto o poeta Cláudio Manuel da Costa e o governador - Conde de Valadares - para quem Cláudio dedicou um drama musicado: o Parnaso Obsequioso. Escolheu-se como local da edificação terreno íngreme que, ao feitio de anfiteatro natural, bem à moda dos gregos, serviu para instalação do palco e camarotes. Este fato proporcionou, essencialmente, a aparência que sua fachada conserva até hoje: pavimento único, com frontão triangular simples, de dimensões mirradas perto da sua vizinha Igreja do Carmo.

Há uma interessante relação de contribuintes/assinantes datada de 1772, onde se registram nomes de vulto, pessoas de altas patentes militares, magistrados, intendentess e letrados (entre os quais, o mesmo Cláudio Manoel da Costa). Entre 1772 e 1775, Sousa Lobo dedicou incansável serviço ao seu teatro, agenciando vários atores em Sabará e no Tejuco, encomendando peças em Lisboa e mandando compor outras. Homem de visão, se jactou certa vez por ter inserido na sua Casa da Ópera atrizes, em vez dos travestis, que, via de regra, representavam papéis femininos. Depois da morte de seu fundador, em 1778, o teatro vilarriquenho passou por períodos turbulentos, alternando momentos de glória e malogro.

Somente pela segunda década do século XIX a Casa da Ópera recuperaria seu fausto inicial, conforme se depreende das várias verbas repassadas pelo Poder Público. Por esta época, pelo menos uma peça era encenada por semana, sendo assistida, então, por alguns

ilustres viajantes estrangeiros (como Saint-Hilaire, Luccock, Freyress, Mawe, Johann Pohl, Spix e Martius etc). Durante o século XIX o hábito de assistir encenações lúdicas tomou força entre os ouropretanos, tanto que a Lei nº 668, de 18 de maio de 1854, previu a construção de outro teatro, em lugar mais condigno. Como a obra exigia grandes despesas, o governo provincial decidiu-se por subsidiar a Sociedade Dramática local - que havia tomado para si a árdua tarefa de reformar a já quase centenária Casa da Ópera. A obra, concluída no ano de 1862, alterou bastante a estrutura física do teatro (data desta época, por exemplo, as colunas de ferro que servem de sustentáculo aos camarotes).

Poucos anos antes da mudança da capital, ainda se ventilava a idéia de se construir um novo e espaçoso teatro, idéia, todavia, que nunca se concluiu, e que, por isso, conservou para a posteridade o velho teatro ouropretano, tido como o mais antigo do gênero existente na América do Sul.

Por todas estas credenciais, Ouro Preto é uma das mais importantes cidades brasileiras, símbolo maior da nossa cultura e expressão máxima da História e do Barroco Mineiro.



Foto 2.9- Igreja de N. Sra. Do Pilar
Fonte: www.ouropretotour.com



Foto 2.10- Procissão religiosa na Rua Direita
Fonte: www.ouropretotour.com



Foto 2.11- Igreja de N. Sra. Da Conceição de Antônio Dias (Meados do século XX)
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.12- Igreja de N. Sra. Da Conceição de Antônio Dias / 2002
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.13- Igreja de São Francisco de Assis / 2003
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.14- Igreja de N. Sra. Do Carmo / 2004
Autoria: Raquel A. Ferreira



Figura 2.9 – Antigo Mercado em frente ao adro da Igreja de São Francisco de Assis
Fonte: Acervo Itafoto, 2001



Figura 2.10 – Rua Cláudio Manoel, por José Pio
Fonte: Acervo Itafoto, 2001



Foto 2.15- Ponte Seca construída para o Triunfo
Eucarístico
Autoria: Raquel A. Ferreira/ 2004



Foto 2.16- Chafariz de Marília
Autoria: Raquel A. Ferreira/ 2004

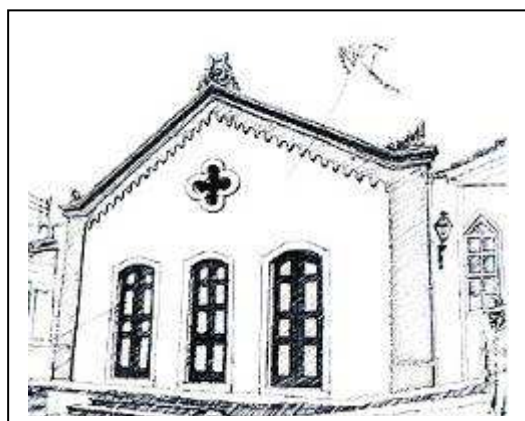


Figura 2.11 – Teatro Municipal Casa da Ópera
Fonte: www.ctac.gov.br



Foto 2.17- Casa dos Contos
Fonte: www.ouropretotour.com



Gravura de Burmeister

Figura 2.12- Antiga Casa de Câmara e Cadeia
Autoria: Burmeister/ Séc. XIX
Fonte: Acervo digital da AMIC



Foto 2.18- Atual Museu da Inconfidência
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.19- Antigo Fórum na Praça Tiradentes(Século XIX)
Fonte:Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



**Saída das Tropas rumo à Guerra do Paraguai
"Voluntários da Pátria"**

CONHECIMENTO & 2ª FOLHA SÉCULO XIX POR PRISCILA BARBOSA

Foto 2.20- Praça Tiradentes com a tropa dos
"Voluntários da Pátria" na saída rumo à Guerra do
Paraguai.(1864 a 1870)
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.21- Praça Tiradentes
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Praça Tiradentes em foto do Século XIX

Foto 2.22- Praça Tiradentes/ Século XIX
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.23- Praça Tiradentes
Autoria: José Pio
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.24- Praça Tiradentes
Autoria: José Pio
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.25- Praça Tiradentes(1922-1925)
Fonte: MORAES, 2001



Foto 2.26- Praça Tiradentes; casarão incendiado
encoberto por tapumes
Autoria: Alexandre Borim/2004
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

2.6 JACUBAS E MOCOTÓS

Várias cidades coloniais mineiras possuem uma rivalidade bairrista característica. Em Ouro Preto esta “rivalidade” vem gestada desde o período colonial e está intrinsecamente ligada ao surgimento e desenvolvimento urbano da cidade. Durante muitas décadas do século XVIII a Vila Rica era composta de dois núcleos principais separados, cada um com paróquia própria: o Antônio Dias (cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição) e o Ouro Preto (devotada a Nossa Senhora do Pilar). Ambas tinham suas matrizes, ambas tinham irmandades com mesmo orago, ambas tinham Ordens Terceiras (Franciscana no Antônio Dias; Carmelita no Ouro Preto). O Pilar de Ouro Preto tinha sua igreja das Mercês, Rosário e seu templo de Ordem Terceira, o Carmo. Antônio Dias tinha também sua Mercês e Rosário (Santa Efigênia) e também sua representante de Ordem Terceira, São Francisco de Assis. A cidade só adquiriu sua feição atual com a terraplanagem do cimo do Morro de Santa Quitéria: a Praça, atualmente chamada Tiradentes, tornou o ponto central e o clímax

físico evolutivo do período aurífero - dando à vila o seu aspecto de homogeneidade e unicidade que atualmente possui - já transcorrido a maior parte do século XVIII. Ainda hoje, todavia, para quem caminha nas velhas ruas de um e outro bairro, é possível perceber um “quê” de diferença que perpassa as construções e o arruamento.

Esta diferença, outrora bem mais evidente, foi batizada com terminologia própria pelo menos desde o século XIX: os de Ouro Preto eram chamados de Mocotós e os de Antônio Dias, de Jacobas. As explicações sobre a origem destes termos são as mais variadas. Em 1967 Alcebíades Taciano Jerônimo propôs, baseado em tradição anterior, que o termo “Jacobas” era corruptela popular de jacobino, nome de grupamento importante na Revolução Francesa, em 1789. Mas, por que esta origem distante? Em Antônio Dias residiam os elementos políticos mais irrequietos e os democratas mais destacados da cidade. E “Mocotós”? Para Alcebíades o termo vem do orgulho pitoresco dos moradores do Pilar de Ouro Preto, que se auto-intitulavam Pés-de-Boi ou Mocotós¹¹ (segundo o mesmo pesquisador o termo também pode ser empréstimo do congolês “macota”, que significa pessoa com influência).¹²

Augusto de Lima Júnior dá uma versão diferente. Para Lima Júnior:

os moradores de Ouro Preto denominavam jacobas aos de Antônio Dias, alegando, que, estando o matadouro de rezes na freguesia de Ouro Preto, os outros só se alimentavam de farinha e rapadura. Os de Antônio Dias respondiam que, se o matadouro estava em Ouro Preto, a carne ia para Antônio Dias,¹³ contentando-se os fregueses do Pilar com as mãos das rezes ou mocotós.

Esta rivalidade característica proporcionou à cidade uma infinidade de lendas, tipos de rua, anedotas etc. Estas rixas antigas enfeitam a já rica história de Ouro Preto, mostrando quão fecunda é a cultura de nossa gente e quão variados são os enfoques de abordagem que se pode dar os que se aventuram a estudar a sociedade ouropretana.

¹¹ *Mocotó* é a pata de boi que, já sem o casco, é usada na alimentação. Ou seja: mocotó (ou o pé-de-boi) é o sustentáculo do bovino, aquilo que ergue e segura o vigoroso corpo.

¹² Vide JERÔNIMO, Alcebíades Taciano. *Lendas Tradições e Costumes de Ouro Preto*, pp.87 e 88.

¹³ JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, p.187.



Foto 2.27- Igreja de N. Sra. da Conceição de Antônio Dias
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.28- Vista do bairro Antônio Dias
Cerca de 1870/ 1875
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.29- Torres da Igreja Matriz de N. Sra. do Pilar vista
por trás do casario.
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.30- Vista do bairro do Pila; Cerca de 1870/1875
Fonte: Acervo IFAC

2.7 O OITOCENTOS: IMPÉRIO E VIDA SOCIAL

Após a repressão violenta dos movimentos da Inconfidência, acentua-se ainda mais o declínio econômico de Portugal e a decadência do “ciclo” do ouro se manifesta aterradoramente. A riqueza e o fausto de outrora começam a ceder lugar à pobreza e à simplicidade. Minas inteira entra em crescente crise. Povoados são abandonados. A maioria dos pequenos agricultores perde espaço para os grandes fazendeiros que, apesar da crise, conseguem manter sua influência. A população diminui drasticamente. Vila Rica não foge à regra: a população que, no auge do período aurífero devia girar em torno de dezenas de milhares, agora, no século XIX, não passará de 15 mil habitantes (quando não menos).

Apesar da crise e da aparente decadência, Vila Rica ainda permanece a capital de Minas Gerais - Minas que, em 1822, com a proclamação da Independência, deixa de ser capitania e passa a ser província. Em 1823 a Vila é elevada a cidade, com o novo nome de Imperial

Cidade de Ouro Preto, permanecendo como sede da Província. Começava a fase Imperial da nossa história.¹⁴

Durante o século XIX serão valiosos os registros feitos por vários viajantes estrangeiros que visitaram as Minas - todos, é obvio, não deixaram de conhecer a famosa Ouro Preto, outrora Vila Rica, cuja existência, já quase lendária, aguçava a curiosidade dos estudiosos europeus que singravam o Brasil de então.

Parece que o geólogo inglês John Mawe foi o primeiro destes viajantes a visitar Ouro Preto. Datam de 1812 suas impressões: o aspecto da veneranda Vila Rica o decepcionou - vinha esperando encontrar o fausto do século anterior e topou com uma cidade em declínio econômico. Encantaram-no, por outro lado, os pomares e jardins bem arrumadinhos. A Rua Direita valeu-lhe elogios, chamando sua atenção, além da arquitetura característica, os orantes postados em oratórios inseridos nas edificações desta ladeira.

Em 1816 foi a vez de Auguste de Saint-Hilaire. O naturalista francês ficou impressionado com o aspecto sombrio, taciturno e triste da velha capital: assim como Mawe, esperava encontrar a cidade reluzente do século de ouro. É interessante que, como outros estrangeiros, queixou-se de não encontrar muitas senhoras pelo caminho. Somente, por ocasião de um baile no Palácio dos Governadores, teve oportunidade de observá-las, dançando (algumas, diga-se, graciosamente).

O negociante inglês John Luccock visitou as Minas pela mesma época que Hilaire: é dele a observação primeira que somente 'o ouro ergueria uma cidade em lugar tão hostil'. Luccock é mais benevolente que os outros para com o aspecto urbano da capital: agradou-lhe alguns edifícios públicos, cuja grandeza desconhecia em outras partes do país. Agradou-lhe também os vários chafarizes, alguns nobremente instalados. Observou ainda que os negros e mulatos eram a maioria dos tipos humanos encontrados nas ruas, sendo pois, a velha Vila, uma capital mestiça.

O reverendo inglês Walsh visitou-nos por volta de 1828-29. Falou da já imperial cidade com simpatia, apesar de tudo. Chamou muito sua atenção a quantidade imensa de manufaturas inglesas encontradas nas lojas da cidade (o que bem testemunha a invasão de produtos ingleses nas possessões portuguesas d'alem mar após a abertura dos portos). A Praça

¹⁴ Assim que declarada nossa independência, o país foi transformado em Império, tendo, durante os quase 70 anos de existência, dois imperadores: D.Pedro I e seu filho, D.Pedro II.

Principal (atual Tiradentes) valeu-lhe palavras elogiosas, tal a localização e a vista panorâmica. Fala ainda do grande número de igrejas (que davam aos ares um certo ar de importância).

Em livro publicado em Viena, em 1837, o naturalista austríaco Johann Emanuel Pohl deixou também seu relato a respeito de sua visita à Ouro Preto. Como vários outros antes dele, chamou-lhe atenção o ar tristonho e decadente. Fez, todavia, uma descrição urbana que se pode chamar de detalhada. Falou ainda - e com bastante minúcia - sobre as apresentações teatrais da cidade: companhias ambulantes visitavam o teatro local propiciando algum regalo aos grandes e/ou aos letrados da cidade. Salienta, com ar pitoresco, que ali os papéis femininos eram desempenhados por homens travestidos (uma vez que não era aceitável que moças de família representassem). Durante sua permanência em Vila Rica Pohl assistiu à apresentação das seguintes peças: uma opera cômica de Ditterdorf, a *Donzela de Mariemburgo* e a peça mais famosa entre os portugueses, *Inês de Castro*.

Muitos outros estrangeiros visitaram Ouro Preto, não cabendo seus apontamentos nestas linhas sucintas: alguns - para além de palavras - fixaram Ouro Preto em imagens desenhadas ou pintadas (como Rugendas e Burmeister), cujo acervo visual constitui fonte preciosa acerca da aparência da cidade em tempos idos.

É cabido, a título de comparação, relatar pelo menos uma visão diferente desta dos estrangeiros (que, como não podia deixar de ser, estava imbuída de preconceitos). É muito interessante o relato nativo de Henrique Barbosa da Silva Cabral sobre a Ouro Preto de outrora. Apesar de ter passado a maior parte da vida no século XX, são dele várias observações acerca dos hábitos do período imperial. Transcrevemos a seguir, pelo muito que nos legam, longos trechos da sua obra póstuma, editada tardiamente:

Era simples e cheia de encantos a vida social na velha capital mineira. As famílias, entrelaçadas, em geral, pelo mesmo sangue, mantinham convivência agradável pela amizade que as unia. Todas se conheciam, todas se estimavam; todas se dispunham a auxiliar umas as outras nos momentos de dor ou de provações: todas se alegravam nas horas de regozijo.¹⁵

¹⁵ CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*, p.179.

Sobre a vida social noturna escreveu:

Na boa sociedade, a festa mais agradável, das que ainda alcançamos, era a que denominavam *soirée íntima* ou *assustado*. Consistia em danças, que se iniciavam às 20 horas e se prolongavam comumente até às duas da madrugada. Em dias como o de Natal, passagem de ano, Sábado da Aleluia, datas natalícias, iam até às 4 e 5 horas da madrugada. Moças e rapazes sempre alegres dançavam incessantemente ao som do piano ou de pequena orquestra de 3 ou 4 figuras. Essas soirées eram sempre muito animadas e iniciadas por uma quadrilha. Seguiam-se valsas, polcas, tangos, schottish e lanceiros. Lanceiros! A dança das medidas e da graça aristocrática com movimentos de recato e polidez!¹⁶

Também haviam os bailes, conforme salientou Henrique Barbosa:

Além destas soirées, havia os grandes bailes ou bailes de luxo, como diziam. As damas se apresentavam com finas toilettes de seda, vindas do Rio, e com grandes decotes. Os cavalheiros compareciam de casaca, luvas, sapato baixo de verniz e chapéu claqué que conservavam fechado e seguro em uma das mãos, quando dançavam. Se em uma soirée ou em um baile uma dama não era tirada para dançar, diziam que estava comendo peru. Nas quadrilhas era comum os pares de namorados se colocarem vis-à-vis. Depois se revezavam.¹⁷

Nas quadrilhas oficiais ou de bailes de luxo, a autoridade maior ou político mais graduado deveria dançar com a senhora de outra igual posição social; se a festa se realizava em casa particular, era de bom-tom que os donos da casa tomassem parte nessas quadrilhas. A autoridade mais elevada dançava com a dona da casa, enquanto seu marido procurava para par a esposa de outra pessoa eminente. Às 23 horas se distribuía um cálice de licor ou vinho Moscatel ou do Porto e à uma hora era servida uma mesa de doces finos, chá e café. Rara era a festa em que ofereciam cerveja e conhaque, embora houvesse destas bebidas para quem as quisesse.¹⁸

Algumas palavras sobre o lazer cotidiano:

Uma outra diversão muito usada era a do piquenique. Diversas famílias amigas, com dias de antecedência, combinavam um passeio campestre que, em regra, tinha lugar na Lagoa do Gambá, em cujas proximidades existe, hoje, o Quartel do 10º Regimento do Exército.¹⁹ (...)

Outra diversão que a velha Ouro Preto muito apreciava era a serenata. Alguns moços se reuniam em noite de luar e conduzindo diversos instrumentos musicais paravam em frente de casas amigas para executarem músicas e cantarem modinhas. Havia serenatas extraordinárias, em que tomavam parte mais de 10 e 15 figuras de bons músicos que levavam o cavaquinho, violino, flauta, violão, clarineta, bombardino, violoncelo, baixo etc.²⁰

¹⁶ *Idem*, p.180.

¹⁷ *Idem*, p.181.

¹⁸ CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*, p.182.

¹⁹ Que hoje é o complexo do CEFET-OP. *Idem*, p.182.

²⁰ *Idem*, p.184.

Aliás, a música sempre foi uma constante na vida da capital:

Os ouro-pretanos foram sempre apreciadores da boa música. Rara era a casa onde não se encontrassem, nas salas-de-visita, instrumentos musicais, principalmente piano e violino. Não eram somente as moças que se dedicavam à arte mágica dos sons, que encantam e deleitam o espírito e falam ao coração. Arte que, com facilidade, exprime aquilo que sentimos, mas que as palavras são impotentes para manifestar! Não, também rapazes se faziam bons artistas ou musicistas.(...)²¹

Entre outros, a velha capital contou com estes: Clube Musical João da Mata, de que faziam parte os exímios clarinetistas Francisco Moreira e Fernando Moreira, sendo aquele o regente da orquestra. Este clube fez sucesso. Sociedade Musical União e Fraternidade, fundada em abril de 1872, por iniciativa de José Egídio Costa. Nesta mesma ocasião, foi organizada a Sociedade União Musical e Confraternidade, que tinha como secretário Francisco Roberto Veloso; Sociedade Musical Henrique de Mesquita, em Antônio Dias e que deu grande concerto em 20 de Janeiro de 1884. Euterpe Ouro-Pretana; Filarmônica Ouro-Pretana, e outras mais.²²

Quão diferente é esta visão de um nativo daquela visão, austera e estranhada, do viajante estrangeiro! Durante o século XIX a decrepitude descrita pelos viajantes (que nunca saberemos se foi exagerada ou não) foi gradualmente dissipada. Os olhos imperiais deitaram mais de uma vez a visão sobre Ouro Preto - tanto é que, por exemplo, em 1839 foi criada a Escola de Farmácia e, em 1876, nascia, graças ao empenho de um estrangeiro, Henri Gorceix, a Escola de Minas. Deve-se frisar também que em 1888 Ouro Preto era ligada à capital, Rio de Janeiro, por uma Estrada de Ferro, clímax de uma obra demorada, custosa e de soluções construtivas engenhosas.

Em 1897 a capital foi transferida para o antigo Curral del-Rey (Belo Horizonte). Começava outra fase da velha cidade. Houve, é certo, novo declínio, mas, como a lendária fênix, Ouro Preto foi novamente redescoberta e renasceu do ostracismo.

²¹ *Idem*, p.188.

²² CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*, p.189.



Cerimônia de posse do governador
Cesário Alvim, em Ouro Preto

Foto 2.31- Cerimônia de posse do governador Cesário Alvim em Ouro Preto/ 1889
Fonte: Acervo I FAC



Foto 2.32- Panorama de Ouro Preto; cerca de 1870/1875
Fonte: Acervo I FAC



Foto 2.33- Panorama de Ouro Preto; cerca de 1875
Fonte: Acervo I FAC



Foto 2.34- Panorama de Ouro Preto com ladeira
de Sta. Efigênia; cerca de 1875
Fonte: Acervo I FAC



Foto 2.35- Rua São José
Autoria: J. Guilherme Libeneau/ 1881
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.36- Vista panorâmica com fundos da Igreja de N. Sra. Do
Pilar/ Século XIX
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.37- Ladeira do Pilar/ 1882
Fonte: Acervo IFAC

2.8 O SÉCULO XX

Amanhece o século XX e Ouro Preto - a velha Vila Rica, de passado faustoso e cultura pródiga - já não é mais capital das Minas Gerais. Findo o período da exploração aurífera e o Império, amargurava a cidade a nostalgia de tempos mais prósperos e florescentes. Estava Ouro Preto fadada ao esquecimento? Não! Nosso passado era por demais marcante para deixar patrimônio tão vasto passar despercebido. Coube novamente aos paulistas - desta vez aqueles modernistas de 1922 - a “redescoberta” de Ouro Preto. Procuravam, naquele momento, o reavivamento da Memória Nacional, o encontro de uma cultura e arte de caráter brasileiro ou nacionalizante. E é nas Gerais que irão achar a inspiração para esse encontro: o Barroco Mineiro será a tônica das discussões...

É claro que Ouro Preto nunca esteve abandonada ou esquecida: sua fama ainda era lendária e nativos mineiros ainda propagavam nossa história (como Diogo de Vasconcelos). Todavia, coube aos modernistas a difusão nacional (e internacional) da cultura artística mineira. Mas também é bem verdade que Ouro Preto nunca foi uma cidade morta (à semelhança daquelas descritas por Monteiro Lobato). O próprio Manuel Bandeira lhe chama de viva, vigorosa - pitoresca em cada viela, panorâmica em cada rua. Enfim, a partir dos modernistas estava inaugurado, a bem dizer, mais um período da nossa história: o período dos turistas, na atual acepção da palavra.

O patrimônio de Ouro Preto, redescoberto e então em voga, foi prontamente reconhecido pelos dirigentes da época: em 1931 o prefeito João Veloso promulga lei impedindo a descaracterização do casario colonial da cidade. Em 1933 o governo do presidente Getúlio Vargas eleva Ouro Preto a Cidade Monumento Nacional. Em 1938 o conjunto urbano foi tombado pelo instituto que hoje constitui o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Seguindo a onda de revalorização histórica, em 1944 é criado o Museu da Inconfidência. Por aquela época escritores como Augusto de Lima Júnior apregoavam nossa história através de textos e livros. No campo educacional dão projeção à cidade a criação, em 1944, da Escola Técnica Federal, e, em 1969, da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Em 1980 a cidade é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade.

Em 1994 a cidade se torna sede da primeira grande conferência do Mercosul, justamente aquela que tratava da criação do organismo. Em 1998 houve grande comemoração por ocasião do tricentenário de fundação do arraial. Em 2003 um grande incêndio destrói o antigo Hotel Pilão, que seria reinaugurado em 2006 como Centro Cultural e Turístico FIEMG. No mesmo ano de 2006 houve a reinauguração da Estrada de Ferro Ouro Preto-Mariana.

Atualmente, muito se escuta sobre as questões relativas ao crescimento desordenado da sede. O problema da ocupação irregular do solo de Ouro Preto, especialmente dos morros, é problema antigo: questões pertinentes ao uso e regulação do espaço urbano de Ouro Preto já existem desde o século XIX, conforme atesta a documentação camarária. Não custa salientar que um dos motivos para mudança da capital, em 1897, foi justamente a falta de condições técnicas viáveis para se ocupar as encostas da sede. Nas últimas décadas, todavia, grande parte das encostas, à montante da cidade, foi ocupada desordenadamente, transformando os verdejantes morros em bairros apinhados de casas, com ruas tortuosas e becos intransitáveis aos automóveis.²³ Parte desta ocupação se deve ao crescimento populacional, intensificado a partir da década de 1970 com a instalação de diversas mineradoras na região. As tentativas do Poder Público em organizar os espaços urbanos citados têm sempre causado conflito entre determinados setores da sociedade. As atuações conjuntas recentes entre a Prefeitura e o IPHAN dão mostras, contudo, de sinais favoráveis.

E é desta forma que nasceu a Ouro Preto de hoje, irrequieta e dinâmica, cheia daqueles ares do passado que tanto impressionam os turistas. Suas montanhas ainda produzem

²³ A questão do trânsito urbano é problema também no centro histórico, cuja passagem de veículos pesados é ameaça constante ao patrimônio edificado.

inestimáveis riquezas minerais, como o ferro e o Topázio Imperial. O ouro, todavia, ficou no passado: preservou-se nas igrejas mineiras e nos palácios portugueses ou esvaiu-se nas chaminés das indústrias inglesas. Ouro, montanhas, riquezas, patrimônio: esses são os componentes da bem sucedida e famosa história de Vila Rica!



Foto 2.38- Epitácio Pessoa sai da Estação Ferroviária/
Início do século XX
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.39- Chegada de membros do Instituto Pan-
Americano de Geografia e História/ 1933
Autoria: Luiz Fontana
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.40- Casa da Baronesa; início do século XX
Fonte: Acervo IPHAN



Foto 2.41- Casas do Conjunto Alpoim; início do século XX
Fonte: Acervo IPHAN



Foto 2.42- Estação Ferroviária e entorno; início do
século XX
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.43- Praça Reinaldo Alves de Brito/ século XX
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.44- Vista aérea de Ouro Preto/ 1935
Autoria: Alcebiades Delamare
Fonte: Acervo Alcebiades Delamare



Foto 2.45- Antigo Lyceo de Artes e Ofícios e atual Cine Vila Rica/ século XX
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

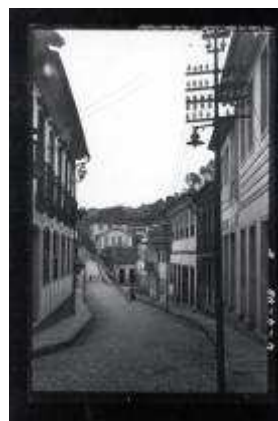


Foto 2.46- Ponte do Rosário no Início da Rua Alvarenga/ século XX
Fonte: Acervo IPHAN



Fotos 2.47, 2.48 e 2.49- Fases do processo de ocupação visto a partir do largo da Igreja de N. Sra. da Conceição de Antônio Dias
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.50- Ocupação desordenada da Serra de Ouro Preto
Autoria: Raquel A. Ferreira
Data: Março de 2007



Foto 2.51- Anexos que descaracterizam os fundos das edificações da Rua São José
Autoria: Raquel A. Ferreira
Data: Março de 2007



Foto 2.52- Situação atual de ocupação dos morros
Fonte: Maria Cristina Cairo Silva



Foto 2.53- Situação atual de ocupação dos morros
Fonte: Maria Cristina Cairo Silva



Foto 2.54- Situação atual de ocupação dos morros
Fonte: Acervo Alex Bohrer

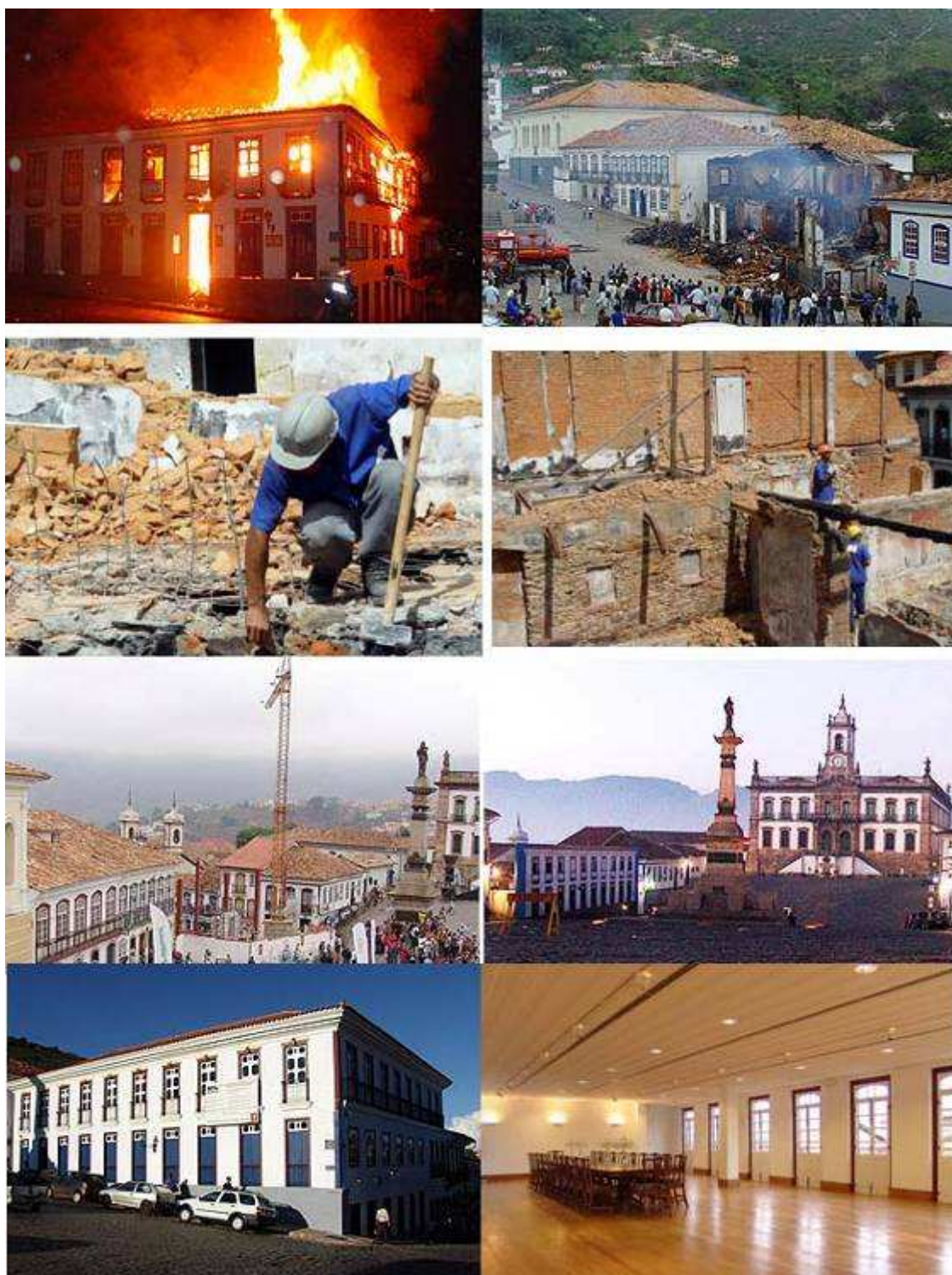


Foto 2.55- Casarão da Praça Tiradentes incendiado em abril de 2003 e depois restaurado para sediar um Centro Cultural da FIENG em abril de 2006.
Fonte: www.ouropreto.com.br



Foto 2.56- Estação Ferroviária restaurada pelo Projeto Trens da Vale
Fonte: www.ouropretotour.com



Foto 2.57- Procissão da Semana Santa
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.58- Grupo de Congado na Praça Tiradentes
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.59- Grupo de Congado na Rua São José
Fonte: www.ouopreto.com.br



Foto 2.60- Grupo de Congado na Praça Tiradentes
Autoria: Raquel A. Ferreira
Data: fevereiro de 2005

Foto 2.61- Encontro do Mercosul em Ouro Preto/ 2004
Autoria: E. Tropa
Fonte: www.ouopreto.com.br



2.9 NOMES DE VULTO E TIPOS POPULARES

Muitas personalidades fizeram a história de Vila Rica - tantas que se torna impossível listar todas. Escolhemos aquelas figuras emblemáticas de época: alguns são filhos de Ouro Preto outros tem sua biografia de tal forma enlaçada às páginas de nossa história que torna-se dificultoso falar de Ouro Preto sem delas dizer palavra.

Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes)

Joaquim José da Silva Xavier nasceu em 1746 na Fazenda Pombal nas proximidades de São José del-Rey (hoje Tiradentes). Foi criado por seu padrinho - que era cirurgião e do qual aprendeu a profissão de dentista que lhe valeria o seu famoso apelido: Tiradentes. Ainda jovem também foi tropeiro e mascate, além de mostrar conhecimentos em engenharia e mineralogia.

Com mais de 30 anos alistou-se no Regimento dos Dragões das Minas Gerais, alcançando a patente de alferes²⁴. Por volta de 1787 conheceu José Álvares Maciel, jovem cientista brasileiro recém chegado da Europa. Provavelmente data daí os primeiros contatos que o Alferes Tiradentes teve com revolucionários ideais libertários. Em breve formou-se um grupo de idealistas conhecido, mais tarde, como Inconfidentes. Os principais inconfidentes eram: Joaquim José da Silva Xavier, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José Álvares Maciel, entre outros.

A Inconfidência Mineira foi denunciada por Joaquim Silvério dos Reis ao Visconde de Barbacena no dia 15 de março de 1789, no Palácio de Veraneio em Cachoeira do Campo, local onde residia o governador. Todos os Inconfidentes foram presos e julgados, contudo somente Tiradentes sofreu o suplício máximo. Foi enforcado e esquartejado no dia 21 de abril de 1792, no Rio de Janeiro. Seus quartos foram espalhados pelos caminhos de Minas e sua cabeça foi exposta na praça central de Vila Rica. Quando da Proclamação da República, Tiradentes foi elevado a Herói Nacional.

Silva Jardim, orador do movimento republicano, assim o descreve:

²⁴ Posto hoje correspondente ao de Segundo Tenente.

Não era belo. Não lhe coubera instrução fora do comum, porém era sagaz, podendo de um olhar aprender o valor e a extensão de uma idéia; era um coração bem formado, generoso, cheio de bondade... Sua ambição tinha os mais nobres fins; seu amor e veneração à pátria foi sem limites. Sua franqueza selvagem, sua indignação por toda a vileza, seu anseio pela idéia que o possuía, eram tais que os vulgares apodavam-no louco, e os bem nascidos estimavam-no herói.

Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho)

Antônio Francisco Lisboa nasceu escravo, filho natural do arquiteto e mestre-de-obras português Manoel Francisco Lisboa e de sua escrava Isabel. Nasceu nos arrabaldes de Antônio Dias, Vila Rica, no ano de 1738 (ou 1730, como querem alguns). Provavelmente alforriado ao nascer, recebeu o sobrenome do pai. Certamente aprendeu com o pai a técnica dos riscos e os preceitos básicos de arquitetura. A arte da escultura deve tê-la aprendido com artesãos renomados, especialmente os da oficina de seu tio Antônio Francisco Pombal (de quem certamente herdou o nome). Muitos aventam que foi com o artista português João Gomes Batista, desenhista e gravador, que Aleijadinho se instruiu nos elementos teóricos e eruditos pertinentes à sua formação.

Por volta de 1777 apareceram-lhe os primeiros sintomas da doença deformante que lhe valeu o apelido.²⁵ era corrente afirmar que, para obrar, fazia com que se lhe atassem o cinzel e o martelo de escultor nas mãos mutiladas.

Suas obras, quase todas de caráter religioso, se espalham por igrejas da região de Ouro Preto (São Francisco de Assis, Carmo etc), Congonhas do Campo (Profetas e Passos da Basílica do Bom Jesus do Matosinhos), São João del-Rey (São Francisco de Assis, Carmo), Sabará (Carmo), Tiradentes (novo risco da fachada da Matriz de Santo Antônio) etc. É considerado o maior artista brasileiro de todos os tempos, pelo conjunto e grandeza da obra.

Morreu em 1814 e foi sepultado na Igreja Matriz de Antônio Dias, em frente ao altar de Nossa Senhora da Boa Morte.

²⁵ A doença do escultor tem sido aventada por muitos pesquisadores e as hipóteses variam desde a lepra, passando pela poliomielite, AVC (Acidente Vascular Cerebral) e porfiria (conforme defende o Dr. Geraldo Barroso, médico que coordenou a recente exumação das ossadas do escultor).

Somente em meados do século XIX vai lhe aparecer o primeiro biógrafo, fazendo jus ao seu acervo criativo. Data de 1858 os dados biográficos recolhidos e publicados por Rodrigo José Ferreira Bretas.

Tomás Antônio Gonzaga

Nasceu em 1744 na cidade do Porto, Portugal. Com sete anos de idade veio para o Brasil com seus pais. Iniciou seus estudos no Colégio Jesuíta na Bahia. Em 1761 ingressa na Universidade de Coimbra, bacharelando-se em Leis. Exerceu o cargo de Juiz de Direito em Beja. Em 1782 foi nomeado ouvidor de Vila Rica. Em Vila Rica apaixonou-se por Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, musa enamorada que imortalizaria nas liras de seu poema mais famoso: "Marília de Dirceu". Uma vez envolvido na Inconfidência Mineira, foi preso e transferido para o Rio de Janeiro. De lá, em 1792, foi degredado para Moçambique. Na África recompôs sua vida, casando-se com a filha de um abastado negociante.

O poema Marília de Dirceu é dos mais lidos e editados da língua portuguesa, sendo a obra máxima do arcadismo brasileiro. O arcadismo, modismo literário pautado pelo gosto do bucolismo e da vida pastoril, inspirou sobremaneira nossos poetas setecentistas, tanto que em 1768 foi fundada em Vila Rica a Arcádia Ultramarina, onde se congregavam os aficcionados pelas belas letras. É neste estilo que Gonzaga compõem suas liras, exemplificadas a seguir pela Lira I:

*Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!*
Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado;
Os Pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste
Nem canto letra que não seja minha.

Também lhe é atribuído a composição das "Cartas Chilenas": escritos de caráter satírico em que criticava o governador da época.

Faleceu no exílio em 1810.

Cláudio Manuel da Costa

Cláudio Manuel da Costa nasceu na Fazenda da Vargem, pertencente ao município de Mariana, em 1729. Fez os estudos introdutórios em Vila Rica. Com 20 anos de idade foi para Lisboa e depois a Coimbra, onde ingressou na Universidade, se formando em Cânones em 1753. Ali publicou três poemas: 'Munúsculo Métrico', 'Labirinto de Amor' e o 'Epicédio'. Nestes poemas o caráter barroco da composição é ainda evidente. Uma vez regresso ao Brasil, publica, em 1768, o poema *Obras*, marco de nascimento do arcadismo brasileiro. Em 1773 compõe o poema épico *Vila Rica*, homenagem à cidade em que agora vivia Envolvido na Inconfidência Mineira, foi encontrado morto em 1789 no cubículo em que estava aprisionado. O laudo da época apontou como causa da morte o suicídio, mas até hoje há quem afirme que o venerando poeta foi assassinado.

É o patrono da Cadeira n.º 8 da Academia Brasileira de Letras.

Manoel Silva Alvarenga

Nasceu em Vila Rica em 1749. Como tantos outros conterrâneos e companheiros de letras, estudou em Coimbra. Defensor resolutivo do Marquês de Pombal, escreveu um poema heróico-cômico para exaltar as atuações do primeiro-ministro. Voltou ao Brasil em 1776, estabelecendo-se em Vila Rica. Posteriormente mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez parte de uma importante sociedade literária. Suspeito de conspiração, foi detido em 1794. Permaneceu preso por três anos ao fim dos quais recebeu indulto real. Dois anos depois publicou seu poema mais famoso: *Glaura*. Morreu no Rio de Janeiro em 1814.

Glaura, nome fictício da sua musa, fez sucesso e foi também marco importante da nossa literatura. Seguem, como amostra, alguns versos do poema:

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira,
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.
Sobre a relva o sol doirado
Bebe as lágrimas da Aurora,
E suave os dons de Flora
Neste prado vê brotar.

Hoje um dos distritos de Ouro Preto chama-se 'Glaura' em homenagem a esta obra e seu idealizador.

Bernardo Vasconcelos

Nasceu em Vila Rica em 1795. É considerado com justiça o político mais importante do período imperial e o verdadeiro solidificador do império brasileiro. Foi deputado na Primeira Câmara Legislativa Imperial, em 1826. Como ministro ocupou as pastas da Fazenda em 1831 e do Império em 1837.

Dentre as inúmeras contribuições de Bernardo de Vasconcellos à nossa formação política estão o Ato Adicional de 1840 e os Códigos Civil e Criminal. Foi fundador do Arquivo Nacional. É autor de inúmeros artigos para *O Universal*, de Ouro Preto, o *Sete de Abril* e a *Sentinela*, do Rio de Janeiro. Seu escrito mais importante é a famosa “Carta aos Eleitores Mineiros”, redigida em 1827 na sua terra natal e publicada em São João Del Rei. Faleceu em 1850, no Rio.

Bernardo de Vasconcelos é sem dúvida a maior personalidade política ouropretana do século XIX.

Rodrigo José Ferreira Bretãs

O imortal biógrafo do Aleijadinho, Rodrigo Bretas, nasceu em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, em 1815. Entre 1820 e 1839 alfabetiza-se e forma-se em humanidades nos Colégios do Caraça e Congonhas do Campo. Entre 1839 e 1844 leciona latim, filosofia e retórica em Barra Longa, Barbacena e Ouro Preto, além de ter sido nomeado Promotor Interino da Comarca. Em 1845 casa-se com Maria Cândida de Souza Maciel. Entre 1846 e 1849 funda e dirige um colégio em Bonfim do Paraopeba. Em 1850 é nomeado Oficial Maior da Secretaria do Governo da Província. Em 1852 é eleito deputado provincial, o primeiro de quatro mandatos. Em 1854 publica um livro sobre as origens das idéias do espírito humano. Em 1855 é agraciado com a nomeação de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Em 1859 instala a Biblioteca Pública de Ouro Preto. Em 1861 é nomeado Inspetor da Instrução Pública em Ouro Preto e em 1862 assume da direção do Colégio de Congonhas. Além de professor e político Rodrigo Bretas foi um iminente inventor, criando e aperfeiçoando um novo e prático tear mecânico. Faleceu em 27 de agosto de 1866.

Em 1858 Bretas concluiu sua obra mais famosa: a primeira biografia do Aleijadinho, o que lhe valeu a eleição de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nesta biografia Bretas resgata para a posteridade a vida e as obras do famoso Mestre do Barroco Mineiro. Valeu-se de documentos e de entrevistas realizadas com idosos que haviam conhecido o Aleijadinho em vida, entre eles Joana, a nora do escultor. Por tudo isso Rodrigo Bretas é justamente reconhecido com um dos maiores vultos mineiros do século XIX.

Bernardo Guimarães

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, escritor, magistrado e poeta, nasceu em Ouro Preto em 1825. Dos 4 aos 16 anos viveu em Uberaba e Campo Belo. De volta a Ouro Preto terminou os cursos preparatórios. Em 1847 ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Juntamente com Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa fundou a “Sociedade Epicuréia”, que granjeou fama em São Paulo. Em 1852 Bacharelou-se. Nesse mesmo ano publicou *Cantos da Solidão*. Exerceu o cargo de juiz municipal e de órfãos em Catalão (em Goiás). Em 1864-65 o escritor viveu na Corte carioca. A partir de 1866 fixou-se em Ouro Preto, sendo nomeado professor de retórica e poética no Liceu Mineiro. Casou-se no ano seguinte com Teresa Maria Gomes. Entre 1869 e 1872 escreveu várias obras. Em 1873 foi nomeado professor de latim e francês na Vila de Queluz, atual Conselheiro Lafayette, MG. Em 1875 publicou o seu romance mais famoso e que melhor define sua campanha abolicionista: *A Escrava Isaura*. Dedicando-se inteiramente à literatura escreveu vários romances e duas coletâneas de versos. Em visita a Ouro Preto, em 1881, Dom Pedro II prestou homenagem ao escritor que tanto admirava. Em 1884 morre em Vila Rica. Hoje um vigoroso monumento funerário marca-lhe o túmulo no cemitério da Igreja de São José.

A ‘Escrava Isaura’ teve duas versões para televisão em forma de telenovela, o que prova o sucesso da obra deste imortal ouropretano.

Bernardo Guimarães é o patrono da Cadeira nº. 5 da Academia Brasileira de Letras

Honório Esteves

Pouca gente sabe, mas um dos maiores artistas mineiros do século XIX, Honório Esteves, nasceu em Santo Antônio do Leite, distrito de Ouro Preto, por volta de 1860. Conta-se que desde cedo manifestou gosto pela pintura, executando pequenos trabalhos e expondo-os

em Ouro Preto. Em 1871 já estudava desenho com o professor Chenoti. No mesmo ano torna-se moedor de tintas do pintor ouropretano Cardoso Resende. Em 1873 continuou seus estudos no Liceu Mineiro. Em 1875 aperfeiçoou seu desenho com o professor Bernardino de Brito.

Em 1880, com apenas 20 anos, fez retoques no forro da capela-mor da Matriz de N. Sra. de Nazaré de Cachoeira do Campo, serviço primoroso que certamente lhe deu projeção e fama. Conta-se que D. Pedro II, impressionado com a perícia do jovem pintor, concedeu-lhe bolsa de estudos no Rio de Janeiro, para onde rumou, consagrando-se como exímio artista. De retorno à sua terra, Santo Antônio do Leite, executou excelentes pinturas de forro na Igreja de Santo Antônio. Em Cachoeira do Campo, além da Matriz, há obras suas no Colégio D.Bosco e na Escola Estadual Pe. Afonso de Lemos. Na diretoria desta última está o belo quadro, de 1883, retratando Pe. Afonso de Lemos. Na parte inferior da pintura, a assinatura caprichosa de Honório Esteves.

No começo da década de 80 foi organizada a exposição “*Eu, Honório Esteves*” no Museu Mineiro.

Sinhá Olympia

Olympia Angélica de Almeida Cotta nasceu em Santa Rita Durão, distrito de Mariana, em 1889.²⁶ Se celebrizaria com a alcunha de Sinhá Olympia, tipo de rua dos mais folclóricos e lendários de Minas Gerais. É - com muito bom humor - considerada, pelo modo de vida e jeito de se vestir, como a ‘precursora’ da moda *hippie* no Brasil. Diz-se que foi a partir da década de 40 que Olympia começou a perambular pelas ruas de Ouro Preto, prosseguindo nesta “tarefa” até 1976, ano de sua morte.

Na sua imaginação se via como a favorita de Dom Pedro II e parente do Conde D’Eu. Afirmava que era alvo dos amores de vários fidalgos. Suas vestimentas eram um misto de luxo e trapos: cobria-lhe um vestido ou capa cheia de atavios coloridos, andava sempre com um chapéu enfeitado e um cajado (não menos colorido e enfeitado).

Em 1990 foi tema da Mangueira, no carnaval carioca. Deu nome também a uma escola de samba de Ouro Preto.

²⁶ Algumas fontes secundárias dão como local de nascimento o distrito de Santa Rita de Ouro Preto.

João Pé-de-Rodo

João da Mota Sobrinho Filho - natural de Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto - provinha de família tradicional, sendo filho do cabo militar Manuel da Mota e de Josina Pereira Guimarães. Nasceu em 1910, época em que os recursos eram poucos para que tratasse a enfermidade que lhe acompanhou a vida toda: João possuía um defeito congênito que lhe impossibilitava de andar normalmente, fato que lhe rendeu o apelido. Nos primeiros anos da adolescência foi para Rodrigo Silva (também distrito do município), para casa de seu parente, José Pereira da Silva. Conta-se por lá que um dia João desapareceu sem deixar rastro. Com muita procura foram localizá-lo nas ruas de Ouro Preto, vivendo nas repúblicas estudantis. Como tinha ido parar ali? Acompanhou uma vaca pela Estrada de Ferro, desde Rodrigo Silva até Ouro Preto!²⁷ Verdade ou lenda, o certo é que durante grande parte da sua vida residiu num quatinho, entre as repúblicas Butantã e Cassino, no Pilar. Pelas ruas da velha cidade foi montando, aos poucos, o tipo humano que todos conheceram: homem baixinho, com roupas grandes e desengonçadas, o sapato, bem maior que seu número real, a arrastar pelas ruas (o que lhe reforçou o apelido *Pé-de-Rodo*). Sempre cismava que era militar, com a patente de capitão, razão pela qual costumava se apresentar com roupas militares, cheia de condecorações imaginárias, de plástico.

João Pé-de-Rodo inspirou algumas belas linhas do escritor Adhalmir Elias dos Santos Maia, que assim o descreve:

Baixo, muito baixo mesmo, talvez um metro de altura. Vestes alheias, que lhe são dadas pela população, que muito gosta dele, pela sua inocência, pelo seu comportamento, quase sempre hilariante (...) Ele costuma anunciar:
-Sou do Salto (como se o Salto fosse metrópole), distrito de Barbacena, estado da Bahia.²⁸

Quando faleceu causou grande comoção. A população lhe devotava imenso carinho.

2.10 DISTRITOS

Ouro Preto continua polarizando seus distritos, sendo o município, contudo, somente sombra do que foi outrora o Termo de Vila Rica. Em 1923, pela Lei Nº 843 de 7 de

²⁷ Outra variante da lenda reza que a vaca foi acompanhada desde o Salto até Ouro Preto. É interessante notar que, mesmo não tendo transcorrido muito tempo e existindo ainda alguns parentes de João e várias pessoas que o conheceram, os fatos começam a se envolver nas lendas. É exatamente desta forma que nascem os mitos populares.

²⁸ MAIA, Adhalmir Elias dos Santos. *Ouro Preto, Momentos*, p. 34.

setembro, emancipa-se a antiga Itabira do Campo, atual Itabirito e em 1953 cria-se o município de Ouro Branco, desmembrado do de Ouro Preto pela Lei Nº1039, de 12 de dezembro.

Atualmente são os seguintes os distritos de Ouro Preto: Cachoeira do Campo, Amarantina, Glaura (Casa Branca), São Bartolomeu, Santo Antônio do Leite, Rodrigo Silva, Miguel Burnier, Engenheiro Correia, Santa Rita, Santo Antônio do Salto, Antônio Pereira e Lavras Novas.

Destes, os que têm origem colonial²⁹ são: Cachoeira do Campo, São Bartolomeu, Glaura (Casa Branca), Amarantina, Antônio Pereira, Lavras Novas. Tomaram vulto no século XIX pela atividade comercial: Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Salto, Santo Antônio de Leite (apesar dos três também terem cerne no século XVIII, só tomaram impulso no XIX). Se desenvolveram no século XIX em consequência da presença da ferrovia (com marcante presença de arquitetura ferroviária): Rodrigo Silva, Miguel Burnier, Engenheiro Corrêa.

Segue-se abaixo resumo histórico destes.

Amarantina

Cresceu a cidadezinha aos pés da velha capela que mais tarde os féis transformariam em uma grande igreja, com duas torres imponentes. Insiste a lenda em dizer que a atual igreja, que no século XIX substituiu a antiga capelinha, é réplica em menor tamanho da Igreja de São Gonçalo do Amarante, em Portugal. Vinte anos atrás sua capela-mor foi, infelizmente, destruída. A imagem original do santo também se perdeu. Conserva hoje em seu interior, de interesse artístico, dois altares em estilo D João V, simplificados, e um curioso chafariz de pedra.

Pouco distante da igreja encontram-se as ruínas de uma imensa casa construída de pedra. Atribui a tradição popular que o casarão foi construído pelos primeiros bandeirantes que lá chegaram nos idos do século XVII. Parece realmente, pela análise estrutural, que se trata de construção muito antiga. Porém não foram encontrados documentos acerca da verdadeira origem da 'Casa Bandeirista' e, nem tampouco, da própria Amarantina. Acredita-se que o povoado tenha surgido em meados do XVIII quando a produção agrícola de Cachoeira

²⁹ *Origem colonial* no sentido da existência como povoado, com arruamento e característica urbana (e não somente com presença de fazendas e paragens).

entrou em seu apogeu, reservando para os agricultores da baixada o plantio de alguns produtos especiais cujo terreno encharcado era propício - como o alho, por exemplo. Esta baixada, porque estava constantemente inundada pelas águas do Rio Maracujá, recebeu o nome de Tijuco. Posteriormente São Gonçalo do Tijuco, em homenagem ao santo vindo de Portugal. Coexistiu daí em diante com a denominação de São Gonçalo do Amarante, em lembrança da cidade de origem da imagem. No século XX - Decreto-Lei nº1.058, de 31 de dezembro de 1943 - mudaram-lhe o nome para Amarantina.



Foto 2.62- Peças do Museu das Reduções
Fonte: www.idasbrasil.com



Foto 2.63- Peças do Museu das Reduções
Fonte: www.masterix.com.br/pmop

Antônio Pereira

Nos fins do século XVII milhares de aventureiros afluíram aos territórios mineradores das Gerais. Dentre estes cumpre frisar o *Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira*, raro exemplo - entre estes principais núcleos afastados da Vila - em que o topônimo é lembrança direta aos primeiros povoadores.

Mas, quem era o *homem* Antônio Pereira? Vários historiadores estão de acordo que se trata de Antônio Pereira Machado, português, nascido na Freguesia de São João de Caldas, Termo da Vila de Guimaraens, Arcebispado de Braga. Este imigrante, dos muitos que de Portugal vieram na febre aurífera, foi certamente o descobridor e primeiro explorador da região que hoje leva seu nome. Entre 1700 e 1701, fugindo da fome que grassava entre os mineradores, estabeleceu-se nas cercanias do atual distrito.

Em 1703 o mesmo Antônio Pereira mudou-se para o Arraial do Carmo. Diz Salomão de Vasconcelos que o verdadeiro fundador do Arraial do Carmo também foi Antônio Pereira que o encontrou, em 1703, exaurido de víveres. Anos depois, uma vez necessário, doou sua sesmaria quando da criação da Vila do Carmo, em 1711. Vê-se que a Cidade de Mariana deve muito ao Antônio Pereira.

Das muitas minas que se espalharam pela região de Antônio Pereira cumpre citar: Mata-Mata, Romão, Macacos, Manuel Teixeira, Capitão Simão, Fazenda do Barbaçal, Mateus, Mateus das Moças, Rocinha etc.

Devem-se destacar no distrito como pontos históricos importantes: as ruínas da antiga Matriz, incendiada no século XIX, e a Gruta de Nossa Senhora da Lapa, alvo de romarias intensas no mês de agosto. Observe-se, entretanto, que o povoado se desenvolveu no eixo, outrora provável rota processional, formado entre a antiga Matriz, destruída, e a atual, adaptada no século XIX para os ofícios paroquiais, sendo este espécie de caminho tronco, parte da 'estrada do mato-dentro'.



Foto 2.64- Ruínas da antiga matriz
Fonte: www.idasbrasil.com

Cachoeira do Campo

Segundo a tradição, por volta de 1680 um aventureiro chamado Manuel de Mello teria se estabelecido em Cachoeira, tornando-se o seu primeiro morador. Provas concretas sobre sua existência são escassas. Um dos livros da Irmandade do Santíssimo Sacramento deixa entrever, num assento de 1709, que o primeiro nome do lugar foi *Cachoeira do Manuel de Mello*. Recentemente foi encontrada na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (obra digna de visita pelos labores em talha dourada) uma pequena bússola confeccionada em meados do século XVII. Este instrumento, típico dos bandeirantes, talvez seja a prova mais convincente que realmente aventureiros se estabeleceram em Cachoeira no último quartel dos anos de 1600.

Em sua *Monografia Histórica* Pe.Afonso de Lemos afirma que o povoado teve início nos anos de 1700 e 1701 quando uma grande fome abateu os mineradores, forçando a procura de espaços propícios para o plantio. Pela fertilidade do solo e amenidade do clima, Cachoeira tornou-se então um dos centros regionais de produção agrícola.

Cabe ainda salientar que - pela posição estratégica (proximidade do Capão do Lana e do Xiqueiro dos Alemães, pontos de convergências das principais estradas mineiras do XVIII) aliada a outros fatores (como a amenidade do clima) - Cachoeira foi escolhida como lugar ideal para se construir um *Palácio de Campo dos Governadores* (também chamado de *Palácio da Cachoeira* ou *Palácio de Recreio* ou ainda, *Palácio de Veraneio*). Em 1782 Dom Rodrigo Jozé de Menezes transformou a edificação numa luxuosa residência, que contava, entre outras regalias, com um imenso lago artificial (100 x 35m) com capacidade de armazenamento estimada em mais de 20 milhões de litros d'água. Neste lago ziguezagueava até uma embarcação a vela, um *scaller*, de 7m de comprimento. A poucos quilômetros deste Palácio, mandou outro governador - desta vez Dom Antônio de Noronha - construir um quartel destinado a ser a Sede da Cavalaria Paga das Minas, isto no ano de 1779, conforme ainda se lê no brasão de pedra-sabão do seu frontispício. Ambas edificações foram doadas aos salesianos e são hoje, respectivamente, o chamado 'Colégio das Irmãs' e o Colégio Dom Bosco.



Foto 2.65- Matriz de N. Sra. De Nazaré/
2001
Autoria: Rodrigo Gomes
Fonte: Acervo digital da AMIC

Engenheiro Corrêa

Nas cercanias do atual Engenheiro Corrêa existiu em outros tempos um antigo povoado cognominado Santo Antônio do Monte. Em torno da pequena capela (ainda existente) várias fazendas se estabeleceram (vestígios de vários e extensos muros de pedra seca, limítrofes destas fazendas, ainda podem ser vistos em várias partes). A poucos metros do adro da capelinha existe ainda uma pequena e rústica construção de pedra, herança de um povoado a muito desaparecido.

A atual sede do distrito se desenvolveu em torno da estação ferroviária inaugurada em 1º de dezembro 1896, com o nome de Estação Sardinha (lembrança àquela vasta região banhada pelo Ribeirão Sardinha). Por ocasião da inauguração houve grandes festejos que prenunciavam, de certa forma, o desenvolvimento futuro. Devido ao crescimento urbano considerável (em 1930, por exemplo, o cartório já fora instituído), em 1953 o lugar foi elevado à categoria de distrito pela Lei N° 1039, de 12 de dezembro daquele ano, com território desmembrado de Miguel Burnier.

O topônimo atual é uma homenagem a Manuel Francisco Corrêa Júnior, engenheiro supervisor da Estação Sardinha e falecido em desastre nas proximidades da estação.



Foto 2.66- Estação Ferroviária
Autoria: Gutierrez L. Coelho
Data: Set. de 2004
Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Glaura (Casa Branca)

O nome mais antigo de Casa Branca do qual se tem registro é *Santo Antônio das Minas de Balthazar de Godoy*. Este Balthazar possuía, segundo Pe. Afonso, uma ermida com três altares e uma imagem de Santo Antônio. Quando em meados do século XVIII deu-se início a construção da atual Matriz estes altares foram inseridos no interior da igreja, como estão até hoje, preservados na nave. Estes retábulos, mesmo estando atualmente muito repintados, deixam entrever partes do douramento da talha primitiva, em um Nacional Português que muito se assemelha ao de São Bartolomeu.

Dispomos de poucos dados acerca da construção da antiga Matriz de Casa Branca. O início das obras se deu em 1757 e o fim provável foi em 1764, data existente na peanha da cruz que encima o frontão. Foram arrematantes José Coelho de Noronha, Antônio Moreira Gomes e Tiago Moreira. Ereta originalmente para servir de Matriz somente em meados do século XIX é que passou a ser filial da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (este fato aconteceu também com a Igreja de São Bartolomeu).

Em 1943 o poder público municipal mudou o velho nome do povoado para Glaura, alusão ao poema do árcade Silva Alvarenga (Decreto-Lei nº1.058, de 31 de dezembro). Contudo, a população ainda conserva o nome primitivo, chamando o povoado somente de *Casa Branca*.

O arruamento primitivo se desenvolveu em torno da pequena capela, depois transformada em Matriz. Algumas ruelas atingiam, desde a praça principal, parte da antiga Estrada Real do Sabará, que, em Glaura, forma rua com interessante casario conservado. Esta rua, muito pitoresca, atingia a Praia do Rio das Velhas a pouca distância do centro do arraial.



Foto 2.67- Matriz de Sto. Antônio
Fonte: www.masterix.com.br/pmop



Foto 2.68- Casarão colonial
Fonte: www.idasbrasil.com

Lavras Novas

Passado os primeiros anos da exploração aurífera, caracterizado pela exploração intensa, muitas minas se esgotaram rapidamente, trazendo estagnação econômica a vários lugarejos e arraiais. Todavia, novas expedições continuaram esquadrihando o território minerador, mesmo já encontrados os veios de maior abundância. Neste contexto se insere o surgimento de Lavras Novas que, como o próprio nome indica, marca lugar de exploração aurífera mais recente, se comparada com outros arraiais mais antigos (como São Bartolomeu e Antônio Pereira).

Em 9 de outubro de 1762, a pedido dos moradores do lugar, a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres foi erigida à capela filial da Freguesia de Santo Antônio de Itatiaia (atual Itatiaia, distrito de Ouro Branco). Este orago - Nossa Senhora dos Prazeres - é bastante incomum na região das minas.

Guarda o povoado ainda a característica dos primeiros arruamentos abertos pelos mineradores, sem grandes intervenções posteriores: é certo que o casario não é original ou possui homogeneidade, mas o formato de acampamento, ereto em torno da antiga ermida,

foi mantido no largo que se formou à frente e aos fundos da atual igreja (reerguida, ao que parece, na segunda metade do século XVIII). O gracioso cruzeiro de pedra, que orna o largo citado, é símbolo da fé dos primeiros povoadores, marcando o fervor religioso barroco no espaço público das ruas.

Corre lenda muito disseminada que o local tenha em sua origem um quilombo para o que, contudo, não encontramos documentação comprobatória. A nosso ver a prevalência da população negra tem cerne no século XIX quando o exaurimento das lavras deve ter forçado o abandono da população branca que, já à esta época, deveria estar em profundo processo de mestiçamento.

Lavras Novas só foi elevada à categoria de distrito no ano de 2005, no dia 22 de outubro.



Foto 2.69- Capela de N. Sra. Dos Prazeres
Autoria: Bruno Tropa
Data: Janeiro de 2007

Miguel Burnier

Desde o século XVIII dominava as cercanias do atual distrito de Miguel Burnier o lugar conhecido por Chiqueiro do Namon ou Xiqueiro do Alemão (sendo chamado somente de “Xiqueiro” no famoso mapa de Cláudio Manoel da Costa). Possuía especial importância, pois que aí perto se encontravam o Caminho Novo e o Caminho Velho, no local chamado de “Rodeio”, já referido por Antonil.

No começo do século XX, nas proximidades do ‘Xiqueiro’, se instalou uma famosa fundição - a Usina Wigg - cuja produção era escoada pela estrada de ferro que ia a Ouro Preto e que passava nas proximidades. O ‘Xiqueiro’ foi gradualmente abandonado quando o lugarejo de São Julião passou a ser ponto estratégico pela maior proximidade da ferrovia e da usina (já em 1884 uma promissora estação ferroviária foi instada no local).

Em 1911 São Julião - pela Lei nº 556, do dia 30 de agosto - foi elevado à categoria de distrito (em detrimento do antigo 'Xiqueiro' que nunca fora elevado a tal). Em 1948 o distrito passou a se chamar Miguel Burnier - Decreto Nº 336 de 27 de dezembro - em homenagem ao engenheiro Miguel Noel Nascentes Burnier, diretor da estrada no ano da inauguração da estação (1884).

Parte do casario se desenvolveu em torno da antiga estação, com arquitetura típica. Outra vertente da expansão urbana se deu nas proximidades da imponente igreja do arraial. Esta expansão, irregular, deu a feição atual do distrito, ainda com arruamento confuso, e, por isso mesmo, curioso e pitoresco.



Foto 2.70- Estação Ferroviária
Autoria: Alex Bohrer
Data: Set. de 2006



Foto 2.71- Igreja do Sagrado Coração de Jesus
Autoria: Alex Bohrer
Data: Mar. de 2007

Rodrigo Silva

Os primeiros registros relativos ao local denominado José Correia sempre estão ligados à Santa Quitéria do Alto da Boa Vista, antiga paragem colonial, hoje abandonada, nas proximidades de Rodrigo Silva. A mineração de topázio sempre esteve presente na história do lugar. Viajantes estrangeiros já registravam a exploração de topázio no início do século XIX. Algumas destas lavras eram gigantescas, empregando centenas de escravos.

Até a chegada dos ferroviários José Correia compunha-se de fazendas espalhadas por léguas de distância. A mais famosa delas é a Fazenda do Fundão, ainda existente. Nesta fazenda nasceu em 1870 Alfredo Fernandes dos Prazeres personagem importante na construção da nova cidadezinha ferroviária. Quando no começo da década de 1880 fez-se o projeto da estrada de ferro ligando o Rio de Janeiro à Ouro Preto, projetou-se também uma nova paragem a se estabelecer em José Correia, que teria seu nome mudado para Rodrigo

Silva em homenagem a um ministro imperial. O complexo ferroviário - inaugurado por Dom Pedro II em 1888 - estendeu-se posteriormente de um lado a outro, paralelo à estrada de ferro. Esta conformação urbana em torno da antiga ferrovia deu a feição atual do arruamento, que, grosso modo, se estende por uma larga e comprida rua principal paralela aos trilhos. Desta rua principal partem pequenas ruelas ou becos que atingiam, outrora, sítios e fazendas, nos fundos dos vales.

No começo do século XX fundou-se a Sociedade Musical Santa Cecília de Rodrigo Silva, símbolo primeiro da cultura desenvolvida pelos ferroviários. No arquivo desta banda encontram-se composições feitas pelos ferroviários, demonstração de grande apuro musical.

Hoje nos trilhos de Rodrigo Silva não passam mais trens, mas a cultura do topázio continua, com a exploração do famoso topázio imperial, raríssimo.

O distrito, propriamente dito, foi criado pela Lei nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962, com território desmembrado do distrito sede.



Foto 2.72- Estação Ferroviária
Fonte: www.idasbrasil.com

Santa Rita de Ouro Preto

Sabe-se que no século XVIII pequena capela já marcava o solo do atual distrito de Santa Rita. Esta pitoresca capela, típica das primitivas edificações religiosas mineiras (com frontão triangular e telhado simples de duas águas), possuía uma portada em pedra-sabão e capela-mor com altar artisticamente trabalhado. Em 1964 a capelinha foi infelizmente destruída. Em seu lugar se ergue hoje uma ampla igreja de feição moderna. O antigo acervo de imagens, contudo, ainda está conservado no interior da nova igreja. O povoado, propriamente dito, só se desenvolveu com arruamento expressivo durante o século XIX. Caminhos de tropeiros e rotas antigas de comércio fizeram a prosperidade dos fazendeiros

e comerciantes da região, invariavelmente ponto de pouso de tropeiros e rotas das suas caravanas. Estes velhos caminhos guiaram, como era de se esperar, a expansão urbana.

A pedra-sabão que ornava o frontispício da igreja citada acima foi abundantemente extraída no século XVIII para manuseio nos canteiros de obras de toda região, porém seu uso desde meados do século XIX foi esporádico. A partir da década de 1970 a extração de pedra-sabão toma novo fôlego, impulsionada pelo artesanato e turismo. Hoje o distrito de Santa Rita é o maior produtor de pedra-sabão do município.

O antigo povoado de Santa Rita de Cássia só foi elevado a distrito pelo Decreto-Lei N° 148, de 17 de dezembro de 1938 - com território desmembrado da sede -, quando passou a ser denominado, oficialmente, com o nome de Santa Rita de Ouro Preto.



Foto 2.73- Paisagem do entorno
Fonte: www.idasbrasil.com



Foto 2.74- Vista panorâmica do distrito
Fonte: www.masterix.com.br/pmop

Santo Antônio do Leite

Desde sua fundação Santo Antônio do Leite esteve ligado à Cachoeira do Campo. Várias famílias dos dois locais possuem troncos familiares comuns. Santo Antônio do Leite só se separou oficialmente de Cachoeira, como distrito autônomo, nos primeiros anos do século XX. As fazendas da região abasteciam Cachoeira de leite e bananas - Santo Antônio do Leite já foi um dos maiores produtores de bananas do Brasil.

O principal monumento do 'Leite', visível de vários pontos e ao longe, é a Igreja de Santo Antônio. Conta a lenda que certo personagem apareceu por lá nos idos do século XIX. Veio cumprir uma promessa: construir uma grande igreja para Santo Antônio, santo de quem alcançara um milagre. Com muito esforço e esmola, por fim, a capelinha deu lugar a uma

ampla e graciosa igreja. Para decorar os tetos do templo contrataram um filho de Santo Antônio do Leite, o famoso pintor Honório Esteves.

Na década de 80, infelizmente, a capela-mor da igreja foi derrubada para ampliação do espaço interno e o altar principal se perdeu. Fruto da falta de conscientização patrimonial, este tipo de ação tem suprimido muitas páginas da história de Minas. Porém o visitante pode ainda vislumbrar a grandiosidade das pinturas de Honório Esteves. As obras deste pintor estão entre os principais legados do século XIX à cultura mineira.

O arruamento se desenvolveu em torno da igreja que, por sua vez, se encontra à beira de movimentado caminho antigo. Este caminho outrora rumava, como trajeto secundário e opcional, ao Ouro Branco e às Congonhas.

Santo Antônio do Leite foi elevado a distrito, desmembrado de Cachoeira do Campo, em 7 de setembro de 1923, pela Lei nº 843. Em 1948, pela Lei nº 336, de 27 de dezembro, passa a se chamar Bárbara Heliodora, homenagem à esposa de Inácio de Alvarenga Peixoto, Inconfidente. No dia 12 de dezembro de 1953, pela Lei nº 1.039, retorna ao nome antigo.



Foto 2.75- Igreja de Sto. Antônio
Fonte: www.masterix.com.br/pmop

Santo Antônio do Salto

Entre os vestígios físicos remanescentes dos primórdios do povoamento minerador no atual distrito de Santo Antônio do Salto, cumpre destacar a paragem denominada Fundão da Cintra, com graciosa capelinha ainda existente. Esta paragem situava-se às margens de um antigo caminho de abastecimento, rota secular de tropeiros que negociavam nas fazendas e vendas da região.

Confina o atual distrito com o município de Mariana em cujas terras, do outro lado da imponente serra, nasceu o poeta inconfidente Cláudio Manuel da Costa. Corre interessante

lenda local que o menino Cláudio teria sido batizado na capelinha do Fundão da Cintra. A verdade é que um caminho tortuoso e íngreme ligava as fazendas marianenses ao Salto, não sendo improvável visitas freqüentes da ilustre família Costa.

O arruamento antigo do distrito se concretizou em torno da pequenina Capela de Santo Antônio (hoje profundamente descaracterizada). Outras vertentes da expansão urbana se insinuaram timidamente às margens de velhos caminhos.



Foto 2.76- Paisagem do entorno
Fonte: www.idasbrasil.com



Foto 2.77- Capela de Sto. Antônio
Fonte: www.masterix.com.br/pmop

São Bartolomeu

O Arraial do Apóstolo São Bartolomeu é dos mais antigos das Minas, sendo seus mais remotos documentos datados de fins do século XVII. Entre os vestígios remanescentes do período áureo cumpre destacar a Igreja do padroeiro, cujos altares demonstram uma fatura recuada em Estilo Nacional Português, isenta ainda da ornamentação antropomorfa (que está presente na Matriz de Cachoeira, por exemplo). A própria arquitetura desta igreja é prova também da antiguidade do local, sendo a fachada - com suas três janelas, as torres com telhadinho e os cunhais de madeira - típica da primeira 'fase' construtiva que Minas conheceu. Sua fachada e seu interior, bem preservados, nos dão uma idéia de como eram as primeiras igrejas matrizes erguidas com o esforço dos mineradores.

No interessante casario preservado neste povoado podemos encontrar certas curiosidades. Em algumas casas, por exemplo, encontram-se raridades do século XVIII e XIX: oratórios públicos inseridos nas construções. Há pelo menos três destes oratórios na rua principal. O casario se estende por uma comprida rua retilínea (certamente projetada), sendo dominada, de um lado, pelo largo da Matriz, com seus muros de arrimo de pedra.

Os enormes monturos de cascalho ao longo do Rio das Velhas (a poucos quilômetros das nascentes), as muitas minas e *saris* (ou sarilhos) indicam a atividade mineradora dos primeiros anos do setecentos. Foi encontrado há poucos anos, perto desses monturos, um delicado estojo de cadinhos, com numeração ainda preservada, usado, ao que parece, na pesagem do ouro.

Em agosto a imagem de São Bartolomeu é alvo de romarias vindas de várias partes do Brasil, à procura dos milagres do padroeiro. Na festa do santo apóstolo, o mundo profano se mistura com o sagrado, barracas de jogos e doces se misturam com vendedores de velas e terços. Gente de toda a parte movimentava o pequeno povoado. Esta religiosidade, sempre presente em São Bartolomeu, nos legou várias manifestações culturais.



Foto 2.78- Matriz de S. Bartolomeu
Autoria: Alex Bohrer
Data: Jan. de 2007

2.11 CRONOLOGIA

1698 - “Redescoberta” de Ouro Preto pelo Bandeirante Antônio Dias;

1708 - Guerra dos Emboabas;

1711- Criação de Vila Rica (sede municipal), pelo governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, Antônio de Albuquerque;

1720 - Sedição de Vila Rica (ou sedição de Filipe dos Santos);

1724 - Elevação das Paróquias de Vila Rica (junto com outras de Minas) à categoria de colativas;

1733 - Triunfo Eucarístico (traslado do Santíssimo Sacramento da Capela do Rosário para a Igreja Matriz do Pilar, por ocasião de sua inauguração);

1738 (?) - Nascimento de Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho;

1789 - Inconfidência Mineira;

1792 - Morte de Tiradentes (21 de Abril);

1814 - Morte do Aleijadinho;

1822 - Visita do príncipe regente Dom Pedro (futuro Pedro I);

- 1822** - A antiga Capitania das Minas Gerais é transformada em província do Império Brasileiro;
- 1823** - Elevação de Vila Rica a Imperial Cidade de Ouro Preto, pelo Imperador Dom Pedro I;
- 1831** - Segunda visita do Imperador Dom Pedro I;
- 1839** - Criação da Escola de Farmácia,
- 1876** - Criação da Escola de Minas;
- 1881** - Primeira visita do Imperador Dom Pedro II;
- 1889** - Segunda visita do Imperador Dom Pedro II e inauguração da Estrada de Ferro Ouro Preto-Rio;
- 1897**- Mudança da Capital Mineira para Belo Horizonte;
- 1911**- Comemorações do Bicentenário de Ouro Preto (200 anos de elevação a Vila)
- 1924** - Visita dos Modernistas a Ouro Preto;
- 1931**- Proibição, pelo prefeito João Veloso, de construções em desacordo ao estilo colonial;
- 1933** - Ouro Preto é elevada a Monumento Nacional pelo presidente Getúlio Vargas;
- 1938** - Registro de Ouro Preto no Livro de Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
- 1944** - Inauguração do Museu da Inconfidência e Criação da Escola Técnica Federal de Ouro Preto;
- 1969** - Criação da Universidade Federal de Ouro Preto;
- 1962** - O pintor Alberto da Veiga Guignard é sepultado no cemitério da Igreja de São Francisco de Assis;
- 1980** - Ouro Preto é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco;
- 1998** - Comemoração do Tricentenário de Ouro Preto (300 anos da criação do arraial);
- 2003** - Incêndio do antigo Hotel Pilão;
- 2006** - Reinauguração do antigo Hotel Pilão (agora Centro Cultural e Turístico FIEMG) e reinauguração da Estrada de Ferro Ouro Preto-Mariana.

2.12 DADOS GERAIS

Área do Município: 1.248,56 km²

Limites do Município: Catas Altas da Noruega, Itaverava, Ouro Branco, Congonhas, Belo Vale, Moeda, Mariana, Itabirito e Santa Bárbara.

População (Conforme Censo de 2000 - IBGE):

Pessoas Residentes: 66.277

Homens Residentes: 32.566

Mulheres Residentes: 33.711

Pessoas Residentes Área Urbana: 56.292

Pessoas Residentes Área Rural: 9.985

População Total Estimada em 2004: 68 208 habitantes (IBGE).

Rios da Região:

Rio das Velhas: *Nasce na Cachoeira das Andorinhas em Ouro Preto, passa pelos distritos de São Bartolomeu e Glaura (Casa Branca) de onde segue para Itabirito, para, finalmente, desaguar no São Francisco, no norte de Minas.*

Gualaxo do Norte: *Nasce em Antônio Pereira e ruma ao Espírito Santo, se unindo antes com outros da Bacia do Rio Doce.*

Gualaxo do Sul: *Nasce no povoado de Dom Bosco em Cachoeira do Campo, segue em direção a Santa Rita, se unindo a riachos e formando o Rio Mainart em Ponte Nova.*

Ribeirão do Funil: *Nasce próximo ao Tripuí e forma, em Ouro Preto, o Ribeirão do Carmo (que atravessa a cidade de Mariana).*

Outro rios destacáveis: *Piracicaba, Paraopeba e Maracujá.*

Altitude:

Altitude na Praça Tiradentes - 1.150m

Altitude na Praça da Estação - 1.060m

Altitude Máxima do Município - 1.891m (na divisa com o município de Santa Bárbara)

Altitude Mínima do Município - 989m na foz do Rio Maracujá (arredores de Amarantina)

Clima:

O clima ouropretano é o tropical de altitude.

Temperatura Média Anual: 17,4° C

Posição e Coordenadas Geográficas:

O município de Ouro Preto insere-se na Região Central da Macrorregião Metalúrgica. Situa-se na Serra do Espinhaço, na região conhecida com Quadrilátero Ferrífero.

Suas coordenadas são 20°23" de Latitude Sul e 43°30" de Longitude Oeste.

Prefeitos de Ouro Preto (desde 1931):

1931 – Dr. Alfredo Baeta Neves

1931 a 1936 – Dr. João Batista Veloso

1936 a 1947 – Dr. Washington de Araújo Dias

1947 a 1951 – Dr. Serafim da Silva Gomes

1951 a 1955 – Dr. Amadeu Barbosa (Vice: Dr. José Pedro Xavier da Veiga)

1955 a 1959 – Dr. Orlando Ramos (Vice: Dr. José Pedro Xavier da Veiga)

1959 a 1963 – Dr. Benedito Gonçalves Xavier (Vice: Dr. Jair Pena)

1963 a 1967 – Prof. José Benedito Neves (Vice: Dr. José de Araújo Dias)

1967 a 1968 – Dr. Genival Alves Ramalho (Vice: Antônio Cardoso Roriz)

1968 – Dr. Theódulo Pereira (substituiu Genival Ramalho por 60 dias)

1968 – Dr. Genival Alves Ramalho (Vice: Antônio Cardoso Roriz)

1971 a 1973 – Dr. Benedito Gonçalves Xavier (Vice: Rodrigo Vicente Tóffolo)

1973 a 1977 – Dr. Genival Alves Ramalho (Vice: Antônio Cardoso Roriz)

1977 a 1983 – Dr. Alberto Caram (Vice: Dr. Emanuel Resende)

1983 – Dr. Benedito Gonçalves Xavier (Vice: Dr. José Leandro Filho)

1983 a 1989 – Dr. José Leandro Filho (assumiu após a morte de Dr. Benedito Xavier)

1989 – Dr. Carlos Maurício Carmassi (Presidente da Câmara - Assumiu em razão da anulação das eleições)

1989 a 1992 – Dr. Wilson Milagres dos Santos (Vice: Paulo Marcos Xavier da Silva)

1993 a 1996 – Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos (Vice: Flávio Márcio Alves de Brito Andrade)

1997 a 2000 – Dr. José Leandro Filho (Vice: Dr. Renan Guimarães)

2001 a 2004 – Marisa Maria Xavier Sans (Vice: João Bosco Perdigão)

2005 a 2008 – Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos (Vice: Dr. Renato Moreira Figueiredo)

2.13 Descrição Física Geral do Município

O relevo do município de Ouro Preto varia desde as baixadas do Maracujá nos limites de Amarantina (900 m) e os mais de 1700 metros do Pico do Itacolomi (do tupi, “menino de pedra”) e da elevada Serra de Rodrigo Silva (da velha formação geológica do Alto da Varanda e do Alto da Figueira, ponto mais elevado da Central do Brasil no país), passando para formações mais brandas no planalto cachoeirense (1100 m).

O relevo acidentado não favorece as atividades agropastoris em grande escala. As indústrias extrativas se destacam: minério de ferro em Antônio Pereira; topázio branco e o famoso topázio imperial (único do mundo) em Rodrigo Silva; calcário e mármore em Cachoeira do Campo e Miguel Burnier; pedra-sabão em Santa Rita (processo artesanal) e em Cachoeira do Campo (processo artesanal e industrial). Vale ainda destacar a presença da NOVELIS (antiga ALCAN) e da CVRD (esta, espalhada pelo município; a outra, grande metalúrgica, localizada no Bairro de Saramenha na sede).

Os principais pontos turísticos do município são: Museu da Inconfidência (1784-1855), Museu do Oratório (único deste tipo no mundo), Casa dos Contos (1787), Teatro Municipal (1770, primeiro teatro das Américas, em funcionamento), Matrizes do Pilar (1711-1733) e do Antônio Dias (1727-1760), Igrejas de São Francisco de Assis (1765-1810), do Carmo (1765) e do Rosário (1780), Capela do Padre Faria (1701-1710), Escola de Minas (1741-1749), *(todos em Ouro Preto)*; Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (1700-1725), Igrejas de Nossa Senhora das Dores (1756-1761) e das Mercês (1908), Capela do Bom Despacho (1^a metade do século XVIII) e Colégio Dom Bosco (1775-1779), *(em Cachoeira do Campo)*; Matriz de São Bartolomeu e Igreja das Mercês *(em São Bartolomeu)*; Matriz de Santo Antônio *(em Santo Antônio do Leite)*; Matriz de Santo Antônio *(em Glaura)*; Matriz de São Gonçalo e Museu das Reduções *(em Amarantina)*; Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres *(em Lavras Novas)*. O turismo ecológico começa também a se destacar nas belíssimas paisagens entre *Lavras Novas e Rodrigo Silva*.

3. HISTÓRICO DE SÃO BARTOLOMEU

Constitui tarefa difícil estudar a história mineira. Escassez de arquivos organizados e catalogados, desaparecimento gradual de outros, desmembramento de coleções arquivísticas e bibliográficas se transformam em empecilho ao trabalho do historiador. Sabemos que é do movimento dialético de visões e enfoques diferentes que se produz conhecimento e “regimes” de verdade, mas, no caso da pesquisa mais objetiva, despojada de teses e/ou teorias explicativas, muitas vezes este movimento não é aplicável. Tal é o caso de São Bartolomeu, distrito de Ouro Preto, encravado no histórico Vale do Rio das Velhas. Ausência de acervo documental considerável (ou pelo menos “pesquisável”) e obras de referência ou de estudos verticais sobre o velho “arraial apostólico” põem em relevo as dificuldades de pesquisa.

No acervo arquivístico paroquial, hoje presente nos arquivos da Cúria Marianense, salta aos olhos o número reduzido de documentos recolhidos. E no acervo deste tipo remanescente no distrito grande parte dos livros virou pó, literalmente. No conjunto documental da Câmara e Prefeitura de Ouro Preto inexistente catalogação que permita verticalizar o tema em curto espaço de tempo. O próprio fato do desmembramento do acervo, pouco depois da criação da nova capital, dificulta sobremaneira a pesquisa.³⁰ O acervo cartorário, reunido hoje em grande parte na ‘Casa do Pilar’ em Ouro Preto, apesar de informações valiosas, se reduz a cinco livros. Informações esporádicas se encontram, todavia, em outros conjuntos, como, por exemplo, na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (na qual circunscreve hoje São Bartolomeu) e no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

Podemos, contudo, extrair informações importantes no que podemos chamar de *história contextualizada*. Qual o papel do contexto histórico e cultural de São Bartolomeu? Como se desenvolveu a *urbis*? As estradas, qual o papel delas? A presença de monumentos religiosos, nos diz o que? E os vestígios arqueológicos? Nestes quesitos o distrito do apostólico São Bartolomeu é pródigo! Por conservar grande parte da sua malha urbana original (sem muitos acréscimos), por persistir em seu solo tradições religiosas e profanas seculares, por existir materialmente abundantes vestígios de outros tempos, por ser marco indelével da cultura ouropretana e mineira, é que o tombamento legal do *centro histórico* do distrito é justificável.

³⁰ Grande parte do Arquivo da Câmara de Ouro Preto foi levado à Belo Horizonte, sendo o cerne do Arquivo Público Mineiro.

Algumas obras são de especial interesse no estudo da região em questão: “O Papel e o Surgimento do Entorno de Vila Rica / 1700-1750”, monografia elaborada por Miguel Arcanjo³¹, parece ser já trabalho referencial e será muito utilizada aqui; a “Memória Histórica I” manuscrito conservado em Cachoeira do Campo, da lavra de João Baptista da Costa, exímio pesquisador já falecido, também fornece dados essenciais³². Entre os moradores de São Bartolomeu houve também tentativas de pesquisa e preservação da história do distrito.³³

Aqui e acolá nos cercamos de outros pesquisadores que pincelaram o tema - raros como os documentos. Aqui e acolá procuramos documentos reveladores de uma sociedade dinâmica, religiosa e tradicionalista. Ainda que estudo específico e feito com mais vagar deva ser elaborado, o presente é fruto desta pesquisa incipiente.



Foto 3.1- O ambiente da foto ilustra a tranqüilidade do distrito desde época remota; casa colonial ao fundo
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.2- Pequeno morador do distrito
Fonte: Acervo Ge Fortes

³¹ Elaborada sob orientação da professora Dra. Adalgisa Arantes Campos, da FAFICH/UFMG.

³² Trata-se do resultado de estudos feitos entre a década de 30 e 70, recopilados em 1973. João Baptista da Costa nasceu em Cachoeira do Campo em 1913 e faleceu na mesma localidade em 1982. Autodidata, ao longo de sua existência, constituiu seleta biblioteca, abrangendo todos os ramos da Ciência. Lia e transcrevia, com exemplar segurança, obras em inglês, francês e alemão. Correspondia com vários diplomatas estrangeiros, abrigando documentos valiosos sobre isto. Seus conhecimentos lhe eram solicitados, amiúde, por catedráticos, alguns da Escola de Minas de Ouro Preto; por historiadores, como o Dr. Augusto de Lima Júnior e por consulados, à época instalados no Rio de Janeiro. Sua vastíssima obra, ainda inédita, é obra fundamental para se entender a história regional.

³³ Entre os documentos cartorários que eram preservados no distrito, moradores locais encontraram um interessante testemunho desta iniciativa: uma folha com um tímido ensaio de texto histórico. Transcrevo na íntegra, preservando o português frágil: “HISTÓRIAS DE S.BARTOLOMEU, MUNICÍPIO DE OURO PRETO, MINAS GERAIS. No meado do (c)éculo 17 os bandeirantes, e[n]tre outros aventureiros, o chefe Bartolomeu Bueno, fixando temporário (temporariamente?) nesta região (do) Rio das Velhas, distrito de S.Bartolomeu, construído (construindo?) primeiro casa grande, e depois a Matriz do Apóstolo S.Bartolomeu, isto é no século 17. Em 1696, batizei solenemente puz o santo óleo, João adulto, residente em Casa Grande desta freguesia do Apóstolo S.Bartolomeu. Só existe o resto de antiquíssima constru(s)ão que o sopro do tempo não conseguiu varrer da superfície da terra. Em 1710, celebrava festa em honra a São Miguel. Em 1714, foi elevada a Matriz de S.Bartolomeu. Em 24 de fevereiro de 1724, por documentos dos Reis de Portugal, foi decretado o primeiro distrito. S.Bartolomeu foi comarca (de) Conceição do Rio A(s)ima, districto de S.Bárbara (filhial) desta Matriz de S.Bartolomeu. Em 1775, o primeiro concerto na Igreja Matriz de S.Bartolomeu (...).”

É um interessante registro de esforço local de preservação da memória histórica. Não sabemos precisar a data exata da produção do documento. Trata-se, contudo, de pessoa minimamente inteirada da história do arraial, fornecendo algumas datas exatas e permitindo supor que teve em suas mãos documentos paroquiais, tal como se observa no trecho que grifei, cuja tipologia remete aos antigos assentos de batismo.



Foto 3.3- Grupo de moradores do distrito
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.4- Registro de uma festividade
Fonte: Acervo Ge Fortes

3.1 CONTEXTO E PRIMÓRDIOS³⁴

Para se entender o contexto primevo da exploração aurífera - onde a aventura real de bandeirantes se misturou às lendas, aos mitos fundadores, de lugares como a antiga Vila Rica e Mariana - temos que retornar ao tempo em que indígenas e sua terminologia ainda eram corriqueiros.

Ao rumarem para o norte, os primeiros exploradores paulistas reconheceram três regiões distintas no território, até então ignoto,³⁵ conforme a vegetação característica de cada um. Da Mantiqueira até a Borda do Campo encontrava-se a região dos *Cataguá*, lembrança dos indígenas que aí viviam. Das Serras da Borda do Campo até a Serra da Itatiaia estendia-se a região das *Congonhas*. Além da Itatiaia (que significa “*pedra que sua*”) e da Serra da Cachoeira começava o sertão do *Caeté*. Esta nomenclatura indígena adotada pelos bandeirantes (ou muitas vezes dada pelos próprios bandeirantes que falavam na sua maioria um misto de língua indígena e português) descrevia bem a cobertura vegetal das três principais regiões. Assim, no final do século XVII e início do XVIII - quando se principiavam a encontrar as jazidas auríferas - existiam acima dos Cataguases, onde o cerrado se alternava com matas, as Congonhas (que significa “*mato sumido*”) e que denominava perfeitamente a região dos campos: o lugar onde o *mato some*. Além dos campos abria-se o Caeté (ou “*mato fechado*”), lugar de matas espessas, quase impenetráveis.

³⁴ Para mais informações Vide BOHRER, Alex Fernandes. *Imaginário da Paixão de Cristo. Cultura Artística e Religiosa no Alto Rio das Velhas nos Séculos XVIII e XIX*, pp.14-20.

³⁵ Apesar de que, conforme demonstram certos estudos atuais, os caminhos não eram tão desconhecidos assim, sendo alguns deles abertos no calço de milenares rotas indígenas.

Parece que já nos primeiros anos de extração mineral estes nomes de origem indígena foram ‘aportuguesados’. Desta forma as Congonhas passaram a ser simplesmente os *Campos*, o Caeté passou a ser o *Mato Dentro*. O termo *cataguá*, como deixa entrever Antonil, passou então a uma designação mais geral.

Várias localidades tiveram como “sobrenome” a região em que se localizavam. Assim temos *Itabira do Campo* (atual Itabirito), *Congonhas do Campo*, etc. No *Mato Dentro* temos *Itabira do Mato Dentro* (atual Itabira), *Catas Altas do Mato Dentro*, *Conceição do Mato Dentro*, etc. Desta forma nasceram vários de nossos topônimos.

Neste respeito cumprem destacar os Arraiais de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do *Campo* e de Santo Antônio do *Campo* da Casa Branca, situados nos limites da região dos *campos* e o Arraial do Apóstolo São Bartolomeu, erigido já em território de matas fechadas, ou ‘*a mata*’, como dizem até hoje os mais velhos. As três localidades foram erigidas do lado oposto aos arraiais que comporiam Vila Rica, no outro contraforte da Serra da Cachoeira (ou, como posteriormente passou a ser conhecida, Serra de Ouro Preto). A histórica Serra se estende desde o vetusto lugarejo de Santo Antônio dos Tabuões (nos arredores de Cachoeira do Campo) até o atual município de Mariana. Na cumeada desta imponente serra existem ainda os calçamentos e os vestígios de uma antiga estrada de acesso à Vila Rica.³⁶ Nela se localizam também as nascentes do Rio das Velhas, rio de especial interesse na história da mineração nas Gerais. O território do antigo Arraial de São Bartolomeu dominava vasta região em torno das nascentes. Parte dos antigos caminhos foi construída tendo o Velhas como guia ou referência.

Estes caminhos guiaram desde cedo os primeiros aventureiros que para as Gerais aportaram. Os dados de que se apropriou Antonil³⁷ são elucidativos para se entender o amanhecer do século XVIII nas novas minerações. Em seus escritos o jesuíta cita as Minas de Balthasar de Godoy, na região de Casa Branca, e descreve as grandes plantações da vizinhança. Alguns dos velhos topônimos citados por ele já se encontram registrados também nos mapas mais antigos, apontando as cabeceiras do Rio das Velhas e seus afluentes. No conhecido mapa de 1782, elaborado por Cláudio Manuel da Costa, já

³⁶ Esta estrada seria substituída, em 1782, por uma nova, toda em curva de nível, situada cerca de 300 metros serra abaixo e mandada construir pelo governador de então - Dom Rodrigo Jozé de Menezes. Em lembrança da obra e do governador e para matar a sede dos viajantes (hoje reduzidos à escassos e aventureiros turistas) ainda acha-se a meio caminho entre Vila Rica e Cachoeira um belo chafariz de 1782, com detalhes em cantaria, com o nome de D.Rodrigo e o *porquê* da obra

³⁷ Uma vez que estudos recentes demonstram que ele (Antonil) provavelmente nunca esteve nas Minas.

constam, com maior precisão, estes locais. Em todos eles já se encontra, representado, o Arraial de São Bartolomeu.

Mas quem foram, efetivamente, os primeiros povoadores de São Bartolomeu? Sabe-se da importância da Bandeira de Fernão Dias para o desbravamento do interior mineiro. Partida a expedição em julho de 1674 atingiu, meses depois, a nascente do Rio das Velhas³⁸, antes de rumar ao lendário Sabarabuçu. Apesar dos dados concretos não possuírem muita precisão e não provarem de fato que Fernão e seu grupo foram os primeiros exploradores a percorrer a região, são, contudo, interessantes para se entender o contexto do Rio das Velhas na exploração mineradora. Tão importante que, na região do Sabará, onde o rio se avoluma, daria nome a toda uma comarca. Mas, é mais ao sul, mirrado, que nasce o Rio das Velhas, no distrito de São Bartolomeu. Foi inevitável, então, que os aventureiros do ouro não se guiassem até aquelas paragens.

3.2 OCUPAÇÃO, ABASTECIMENTO E MINERAÇÃO

É corrente afirmar-se que vários arraiais mineiros tiveram sua origem nas crises de abastecimento - e conseqüente fome - que assolaram o território minerador nos fins do século XVII e inícios do XVIII. Pe. Afonso de Lemos, autor da *Monografia da Freguesia da Cachoeira do Campo*³⁹, já em 1911 dá esta versão para o povoamento da região. Pouco antes, Diogo de Vasconcelos, no seu *História Antiga das Minas Gerais*, cita explicitamente São Bartolomeu (ao lado de Cachoeira e Casa Branca) como tendo surgido em decorrência das calamidades causadas pela falta de víveres.

Que a região era área de abastecimento, com grandes plantações e propriedades, provam algumas passagens de Antonil. Ao falar dos caminhos que demandavam às Minas escreve:

Desta serra [a de Itatiaia] seguem-se dous caminhos: um, que vai a dar nas Minas Gerais do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo e do Ouro Preto, e outro, que vai a dar nas Minas do Rio das Velhas, cada um deles de seis dias de viagem. E desta serra também começam as roçarias de milho e feijão, a perder de vista, donde se provêem os que assistem e lavram nas minas.⁴⁰

O ponto de bifurcação dos dois caminhos citados pelo jesuíta é sem dúvida o lugar chamado de Xiqueiro dos Alemães, ponto de convergência das duas estradas principais. Dali se podia seguir diretamente para Ouro Preto e Mariana (passando por Santa Quitéria do Alto da Boa

³⁸ Fato do qual discorda Salomão de Vasconcelos no seu *Bandeirismo* (vide Bibliografia).

³⁹ Vide LEMOS, Pe. Afonso Henriques de Figueiredo. *Monografia da Freguesia da Cachoeira do Campo*.

⁴⁰ ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*, p.183.

Vista, Três Cruzes e Tripuí) ou para o Sabará (pelo vale do Rio das Velhas). “As roçarias de milho e feijão, a perder de vista” sem dúvida se referem à região de Casa Branca, Cachoeira e São Bartolomeu.

Há muito que a visão de completa dependência externa - no que tange ao abastecimento das minas - caiu por terra. Sabe-se que o entorno dos grandes centros mineradores era responsável pelo abastecimento imediato de víveres. Neste contexto, segundo o historiador Miguel Archanjo, se insere São Bartolomeu. Analisando vários inventários e outros documentos, escreveu:

Nos inventários analisados, quase todos os inventariados possuíam cavalos com suas selas, cangalhas, sacos e bruacas, confirmando o papel que este animal representava como meio de transporte.⁴¹

Citando Carlos Magno Guimarães e Liana Maria Reis, escreve o mesmo Miguel Archanjo:

No dia 10 de junho de 1711 foi concedida carta a Manoel de Lima Pereira assistente em Tapanhuacanga, distrito de São Bartolomeu, *lavrador e mineiro atual há sete anos, que ele suplicante tem sete escravos e pretende mandar buscar sua família de mulher e filhos a vila de São Paulo para virem para Minas, em um sitio que habita.*⁴²

Estes trechos são elucidativos:

- *Primeiro*, inserem São Bartolomeu num contexto específico de abastecimento agrícola e rede de circulação de sortimentos;
- *Segundo*, provam a presença humana bastante recuada na região de São Bartolomeu, pois que, em 1711, já fazia sete anos que o suplicante Manoel minerava e plantava (portando, desde 1704). Se levarmos em conta que as primeiras ondas de fome se abateram nas minas por volta de 1700 e 1701,⁴³ temos, somente alguns anos após a crise, um agricultor com escravaria e já plenamente estabelecido (tanto que anseia buscar a família em São Paulo);
- *Terceiro*, trata-se, ao que tudo indica, de um paulista⁴⁴ (talvez um ex-aventureiro dos primórdios da exploração);

⁴¹ OLIVEIRA, Miguel Archanjo de. *O Papel e o Surgimento do Entorno de Vila Rica / 1700-1750*, p. 10.

⁴² Idem, p. 9.

⁴³ Conforme Pe.Afonso, entre outros.

⁴⁴ A família, conforme já salientado, estava em São Paulo.

- *Quarto*, Manoel não só plantava, mas minerava. Este último pormenor é um *esboço do todo*. Ao contrário de Cachoeira do Campo, São Bartolomeu não se restringiu somente ao plantio, mas se tornou também centro considerável de mineração.

Pela maior proximidade com Vila Rica, e por situar-se às margens do Rio das Velhas, São Bartolomeu tem uma ligação muito forte com a lavra de ouro. O livro da devassa do ano de 1738 aponta a existência de cinco mineradores e um faisqueiro, enquanto entre as outras freguesias [Casa Branca e Cachoeira] esta presença não é observada.⁴⁵

Em suma, o Arraial de São Bartolomeu é de ocupação muito antiga, se destacou pela produção de alimentos concomitantemente com a exploração aurífera. Juntando a esses fatores a proximidade com a antiga capital e a localização no Vale do Rio das Velhas, São Bartolomeu foi, em princípios do século XVIII, um ponto estratégico e de certa convergência.⁴⁶ A este respeito, citando José Affonso Mendonça de Azevedo⁴⁷, escreve João Baptista:

Os primeiros papéis públicos assinados naquela região do território mineiro (Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto) o foram em São Bartolomeu pelo guarda-mor das Minas Gerais do nascente, Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno, a 13 de dezembro de 1701 (...) seria assim São Bartolomeu primeira sede da administração naquele trato de Minas, mas o grosso da população advéncia, tangido pelos chefes das bandeiras, passaria a ocupar, de preferência, os morros de Ouro Preto, onde, em 1711, Albuquerque lança a sede oficial do governo da capitania.⁴⁸

Completa João Batista:

Ora, no município de Ouro Preto, o único lugar habitado e conhecido pelo nome dado pelo escritor como onde foram assinados os primeiros papéis públicos naquela região do território mineiro, é o velho arraial de São Bartolomeu, mediando entre Cachoeira e Ouro Preto (...) também ali, como em Cachoeira, não existe qualquer documentação com relação a sua fundação, só havendo a tradição que houve, ali, "antigamente, dali teve de fugir muita gente, pois a fome que grassava era intensa e muita gente tinha matado".⁴⁹ Por certo, essa tradição é uma recordação da fome de 1700⁵⁰, que dizimou a incipiente população das Minas.⁵¹

⁴⁵ OLIVEIRA, Miguel Archanjo de. *op.cit.*, p.17. O citado livro de devassas se encontra no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Devassas 1738, livro z01, prateleira Z.

⁴⁶ Conforme avançou o século XVIII São Bartolomeu deixou de ser localidade estratégica. Fato explicativo disto tem-se nas estradas abertas posteriormente, longe do centro do velho arraial, e a presença cada mais marcante de Cachoeira do Campo como centro estratégico pelo excelente clima e posição geográfica, construindo ai a Coroa Portuguesa um aprazível Palácio de Veraneio.

⁴⁷ Escreveu "A Mística de Ouro Preto"

⁴⁸ COSTA, João Baptista da. *Memória Histórica I*, p.2.

⁴⁹ Esta é uma citação que João Baptista certamente recolheu em entrevista no local. Adiante de seu tempo, João Baptista dava especial ênfase à tradição oral, recolhendo vários casos e lendas. Conservamos, para tanto, o texto original, de português um pouco destoante.

⁵⁰ Provavelmente a observação do historiador cachoeirense é a mais acertada.

⁵¹ COSTA, João Baptista da. *Op.cit.*, pp.2 e 3.

3.3 HISTÓRIA ULTERIOR

3.3.1 Vislumbre na Documentação Cartorária

Curiosa documentação se encontra no Arquivo Municipal de Ouro Preto (ainda que rala) e no arquivo cartorário produzido no distrito⁵². Passado os primeiros anos e o período áureo da mineração, este tipo de documento é elucidativo de outros pormenores da vida e cotidiano do arraial. Qual o contexto posterior à exploração aurífera? O que nos conta o século XIX?

A mineração de ouro, ao que parece, ainda adentrou o século XIX, mas já sem a força e vigor do XVIII. Em 1838 se lavrou a escritura de venda de “casas de pedra e terras” à Manuel Rodrigues Fontes e sua mulher. Nesta propriedade, sita em São Bartolomeu, existiam, entre outros:

Arvoredos e Mattos virgens, e a metade que tem em hum moinho (...) e parte em *Lavras e Agoas*; Cita na paragem chamada de Porteira, desta freguesia.⁵³

É interessante a presença de “lavras e agoas” nesta propriedade. Isto denota atividade mineratória com provável auxílio de águas desviadas para lavagem do ouro, como era típico do século anterior. Portanto, em 1838, ainda havia atividade deste tipo na região.

Em outra escritura de compra e venda, datada de 1877, feita por Francisco Xavier de Miranda, lê-se em determinado ponto:

Fazenda da tapeira, em Engenho⁵⁴, sita em São Bartolomeu (...) a fazenda é de cultura e criação, tem mattas *mineração consedidas* (...) ⁵⁵

Em 1877 ainda se falavam em concessões de mineração. Portanto o vale do Rio das Velhas, nas proximidades das cabeceiras, ainda teve atividade mineratória, mesmo que esporádica, até bem próximo o fim do XIX.

A população escrava também era numerosa no século XIX (assim como havia sido no XVIII).⁵⁶ Tanto a documentação cartorária quanto a eclesiástica (como citaremos

⁵² Hoje os livros cartorários se encontram recolhidos na Casa do Pilar, em Ouro Preto.

⁵³ Livro 1º de Notas do Escrivão do Juízo de Paz do Distrito de São Bartolomeu (Livro 1).

⁵⁴ Talvez se trata do lugar hoje denominado Engenho d'Água.

⁵⁵ Livro de Notas do Juízo de Paz do Distrito de São Bartolomeu (Livro 2).

⁵⁶ Não há dados que permitam comparar as oscilações da população escrava no distrito. Confeccionar estas listas despenderia muito tempo e seria necessário um trabalho especificamente voltado para isso.

posteriormente) está repleta de informações sobre a escravidão no arraial. Citemos aqui somente um caso de alforria (instrumento de liberdade amplamente difundido na América portuguesa e, depois, no Império Brasileiro). Cito parte de um documento (um entre vários) para deleite dos leigos:

Saibão quantos este público (instrumento) de Lançamento de carta de liberdade ou como em direito melhor nome tenha (vivem) que no anno do nascimento de Nofso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e cincoenta trigésimo da Independência do Império do Brasil aos vinte dous dias do mês de fevereiro do dito anno, neste districto de Sam Bartholomeu em (meu) cartório, appareceo Gregório Teixeira (...) e por elle me foi entregue huma carta de liberdade do escravo Gregório, por sua Sen^{ra}. Maria José Teixeira, requerendo-me que para segurança a carta fosse em nota lançada (...)⁵⁷

Alguns dados nos suscitam a imaginação e lançam um vislumbre na vida cotidiana do arraial, inserido no contexto das Minas. Ganhada a carta de liberdade o ex-escravo Gregório se encaminha ao cartório para que se lançasse em nota para maior “segurança”. Certamente, empolgado com a vida livre, e talvez por medo de, por algum acaso, retornar a escravidão, levou a carta ao cartório, precavendo-se. Repare-se também no nome do escravo - Gregório Teixeira - o mesmo sobrenome da Dona. Mas deixemos as especulações de lado...

O acervo cartorário também nos permite ter idéia de outros pormenores interessantíssimos. Sabe-se que a goiabada, hoje presença marcante na cultura do distrito, foi *substituta* natural do doce de marmelo, até então rei da culinária local.⁵⁸ Em 1819 já registrava o viajante austríaco Johan Emmanuel Pohl, em visita ao distrito, as excelentes marmeladas regionais. Esta cultura também está implícita nos registros cartorários. Em 1876 foi lavrada uma escritura de compra e venda de uma propriedade no lugar denominado Maciel⁵⁹. Foi vendida a Fidelis Gonçalves da Cruz “uma parte de terra, e poucos pés de marmello”⁶⁰. É interessante que os “poucos pés de marmello” tiveram destaque na compra. Teriam algum valor comercial, pela produção de marmeladas? Em um termo amigável de compra, de 1902, no lugar denominado Sitio⁶¹ foi vendida uma propriedade cujas divisas eram:

Pedra do muiño seguindo ao vallinho antigo vai ao córrego desse da grotta do coqueiro, subindo córrego assima athe um pau de (sauta cavallo) (...) da pedra grande de uma sauta cavallo da beira do córrego da horta velha subindo diretamente au olho d’agua (...) divisas de *marmelheiros* começando

⁵⁷ Livro 1º de Notas do Escrivão do Juízo de Paz do Distrito de São Bartolomeu (Livro 1)

⁵⁸ Os marmelheiros foram dizimados por uma peste na década de 1940 ou 50, segundo a população local.

⁵⁹ Que conserva seu nome até os dias atuais.

⁶⁰ Livro de Notas do Juízo de Paz do Distrito de São Bartolomeu (Livro 2).

⁶¹ Também conserva até hoje seu nome.

no quintal de Antonio Rodrigues Fontes vindo pelo rego athe um pau de espinho (...) *marmelheiros* de José Eustáquio Fernandes vindo do dito pau de espinho pelo mesmo rego athe uma baliza no touco de *goiabeira* deste rumo a retro (...) ⁶²

Marmeleiros como divisas, goiabeira como baliza. Em poucas palavras a importância destas duas plantas para a cultura local, impregnadas no cotidiano e no olhar dessas pessoas.

3.3.2 Obras Públicas: Águas e Agruras

Há um interessante documento guardado no Arquivo Municipal de Ouro Preto referente a uma querela. Sem o querer os envolvidos nos revelam um pouco sobre a atuação do Poder Público em questões de disputa e, o que é mais curioso, sobre o sistema de abastecimento de água do arraial. A contenda envolveu Francisca Romana de Mello que havia recorrido ao Presidente e mais vereadores da Câmara para:

A attenderem na injustiça que a supp^e. sofrera no esploração d'agua de uma propriedade cita no Arr^{al}. de S. Barm^{eu}. ⁶³

A citada Francisca pede que se atenda com “justiça e benignidade a sua suplica nomeando uma Com^m. de Cidadãos probos e imparciaes” para analisar o seu caso. O que reclamava Francisca? Um certo Luiz de Figueiredo Neves⁶⁴ encaminhou água que cortava a propriedade da reclamante para o chafariz público, o mesmo que ainda se encontra ao lado da Matriz. Deixemos que os documentos falem, para novo deleite do leitor:

Ela [Francisca] é senhora e possuidora de uma morada de caza que se acha alugada a 28 annos a Ignácio José de Fraga. *Esta caza sempre teve água de beber*, e da serventia domestica, vinda por um *encanamento já antiqúissimo feito pelos primeiros possuidores*; a supp^e. por si e por seus antepafsadados tem a posse desta água à mais de 50 anos sem já mais ter sido interrompida. Agora de próximo no dia 5 do corrente, acontece que Luiz de Figueiredo Neves a pretexto do bem publico (esbulhafse) a supp^e.; encaminhando a água para o chafariz publico, que fica ao lado da Matriz, quando é certo que este Chafariz tem água própria, que nasce em lugar muito differente daquelle, em que nasce a água que pertence a supp^e.. Alem disso, para que fosse levada esta água ao mencionado Chafariz, foi preciso levantá-la muito acima do seu próprio encanamento. Por tanto a supp^e. apresenta a inclusa declaração do Fiscal, p^a. que V.S^{as}. melhor interados do esbulho que se cometeu, hajão de providenciar, mediante os convenientes exames, que seja restituída a posse que a supp^e. tem da água em questão, ordenando q. ella em presença do Fiscal respectivo possa reconduzir ao antigo encanamento a água que lhe pertence, pelo q. espera = receber mercê. ⁶⁵

⁶² Livro de Notas do Juízo de Paz do Distrito de São Bartolomeu (Livro 3).

⁶³ Livro de Registro de Provisões de Patentes e Vendas de Águas. Microfilme 0218. Arquivo Municipal de Ouro Preto

⁶⁴ Pelo sobrenome trata-se de representante de família tradicional de Cachoeira do Campo.

⁶⁵ Idem.

Destas linhas podemos depreender várias informações valiosas sobre sistemas de encanamento, abastecimento e fiscalização municipal. Repare também no quão antigo era o sistema de água encanada de Francisca (“por si e por seus antepassados tem a posse desta água a mais de 50 anos sem já mais ter sido interrompida” - e - “vinda por um encanamento já antiqüíssimo feito pelos primeiros possuidores”). Certamente trata-se de sistema de encanamentos oriundo do século XVIII. Pelo texto supõe-se que a citada casa (que a suplicante alugava) se localizava na rua principal, nas proximidades do chafariz.

Repare-se também o quão curioso é o relato de uma das testemunhas do ocorrido:

Attesto por me ser esta pedida; q. hindo eu de pazeio ao Adro desta matriz; achei Luiz de Figueiredo Neves, com três trabalhadores dando um buraco no nascente da agoa que vai por encanamento mto. antigo a casa de residencia do sr. Juiz de paz Ignácio José de Fraga [o inquilino de Francisca] e achando agoa no referido cano; sendo este mais baixo dous palmos pouco mais ou menos do que vai ter ao chafariz, mostrando este cano que há muitos annos não corria agoa.⁶⁶

Luiz não encontrou água no cano de cima - o do chafariz - mas a encontrou no cano de baixo - o de Francisca. Neste ínterim apareceu na obra o Sr. Fraga, o inquilino, e disse que a ‘agoa estava chegando suja à sua casa’.

Convidando elle [Fraga] dito, ao Figueiredo para hir ver a agoa suja em sua caza, neste tempo, um dos trabalhadores a tapou encaminhando-a para o chafariz, sem que lhe ficasse uma só gota, servido (p^a. efse fim) levantar a agoa, para encaminha-la ao chafariz, e havendo resistência do dito Fraga, não foi possível tornar o Figueiredo a mandar tapala para honde tem corrido, que logo teve uso de razão; conheci a referida Agoa em caza do dito, e o chafariz publico com agoa, este acto foi praticado, sem que authoridade nenhuma do districto defese ordem para ifso. Sendo este acontecimento no dia 5 de janeiro do corr.^e⁶⁷

A querela termina com parecer favorável a Francisca.⁶⁸

3.3.3 Obras Públicas: Tragédias e Lendas

Corre interessante lenda em São Bartolomeu. Floreada pelo tempo e pelo povo diz respeito a uma enchente gigantesca que teria se abatido sobre o arraial. Engolida toda parte baixa, a água do Rio das Velhas chegou, segundo se conta, a margear a rua principal, ameaçando destruir todo o núcleo urbano. Em certo momento uma menina foi vista nas águas, para

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ No século XIX outros chafarizes foram instalados no arraial. Alguns remanescem desse período - confeccionados de ferro, possuem o mesmo feitio dos que foram espalhados pela rede ferroviária no século XIX.

desespero do arraial. Ninguém conseguiu salvá-la. No dia seguinte, as águas principiaram a baixar. Quando a população se reuniu para agradecer ao divino, no alto da Igreja das Mercês, perceberam que a barra da saia da pequena imagem da Senhora estava suja de barro. Bastou pouco e foi atribuída a ela o milagre de apaziguar o Velhas⁶⁹. Esta lenda popular, de caráter religioso/folclórico, guarda algo de realidade: a enchente que assolou o velho distrito.

No dia 16 de fevereiro de 1885 o fiscal do distrito, Antônio José d'Andrade, encaminhou um ofício ao presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto, o Cel. Raymundo Nonato da Silva Athayde. Transcrevo a correspondência na íntegra, tal o interesse do conteúdo:

Levo ao conhecimento de V.S. que na noite de nove para dez do corrente *houve uma enchente descomunal no Rio das Velhas*, que margêa esta Freguesia, *a qual levou todas as pontes* que davão comunicação a este Arraial, ficando assim o povo exaurido de rações, por não poderem transitar pelas estradas de Cachoeira, Casa Branca e Caraça. Peço a V.S. levar o ocorrido ao conhecimento do Ex^{mo}. Governo da província afim de dar as devidas providencias a tal respeito. Deus guarde a V.S.^a⁷⁰

Este precioso documento, além de demonstrar a persistência de tragédias desta magnitude na memória coletiva, demonstra alguns pontos relevantes.

- *Primeiro*, o comércio de abastecimento de São Bartolomeu era feito especialmente por Cachoeira (centro de tropeiros), Casa Branca (às margens do caminho da Comarca do Sabará) e Caraça (às margens do caminho do Mato-Dentro). Todos os três locais citados eram centros de troca e abastecimento de tropas, pontos estratégicos e de convergência.
- *Segundo*, mostra que o caminho para a capital, Ouro Preto, tinha outros fins que não os puramente comerciais e de abastecimento. Havia, por outro lado, a dificuldade de se chegar ao alto da serra, na estrada de Dom Rodrigo de Meneses, onde vários caminhos secundários desembocavam. E a outra estrada que circunda a serra (e que ainda é atualmente utilizada) sempre estava em péssimas condições.

⁶⁹ Para o qual se associou a menina vista na enchente com a santa, suja de barro.

⁷⁰ Arquivo Municipal de Ouro Preto. Caixa 4 (miscelânea) - não catalogado ainda.

- *Terceiro*, para atingir Cachoeira ou Casa Branca havia a necessidade do uso de diversas pontes que constantemente eram alvo de reclamações e reparos. Para isso existem vários documentos a respeito.

Em 26 de outubro de 1863 a Câmara de Ouro Preto mandou

Fazer os reparos de que necessita a ponte na entrada desse arr^{al}. [São Bartolomeu] contanto que a despeza não exceda ao orçam^{to}. Que acompanha a aquele em ofício na imp^a. de 74\$400 réis, que lhe será paga depois de concluída, e examinada a obra.⁷¹

O ofício era dirigido a Ignácio José de Fraga, Juiz de Paz do Distrito de São Bartolomeu (o mesmo inquilino da querela das águas acima citado), que devia providenciar a obra.

Em 1894 foi ajustada com Domingos Francisco Fortes a reconstrução da Ponte do Machado, na freguesia de São Bartolomeu:

Ficarão ellas [as obras] definitivamente terminadas no prazo de 60 dias (60) que há de terminar no dia 30 de setembro próximo (...) de cada dia de excesso de prazo, salvo cazo de força maior, pagará a multa de 5\$000.⁷²

Machado ainda é topônimo de região nas proximidades do povoado do apostólico.



Foto 3.5- Ponte de madeira sobre o Rio das Velhas
Fonte: Acervo Ge Fortes

⁷¹ Arquivo Municipal de Ouro Preto. Caixa 2 (miscelânea) - não catalogado ainda.

⁷² Arquivo Municipal de Ouro Preto. Livro de Contratos N^o 1 - 1887/1896. Registro 0861. Fl. 31v. Caixa 1619 (livro).

3.4 CONTEXTO RELIGIOSO

Muito se tem escrito sobre o mundo religioso de Minas colonial. A religiosidade do homem barroco tem suscitado a imaginação e o gênio criativo de vários pesquisadores, alguns dos quais produzindo trabalhos exímios. A riqueza da fé barroca, a pompa dos cultos, a exuberância e variedade das imagens, podem ser vislumbradas na produção artística da época (plástica e literária) e na documentação civil e religiosa (como testamentos e livros de irmandade). Os resquícios deste mundo que nos chegaram são fruto direto do homem que os construiu. São Bartolomeu, inserido como está neste contexto cultural, não escapa disso e, no quesito religiosidade, foi pródigo em realizações (apesar da exigüidade do arraial comparado aos grandes centros como Ouro Preto e Sabará).

A Freguesia de São Bartolomeu é das mais antigas de Minas. Segundo o Cônego Raimundo Trindade já estava em funcionamento pelo menos desde 1716. Em 1724 foi elevada à categoria de colativa, juntamente com outras freguesias de maior expressão.⁷³ São elas as primeiras freguesias oficiais das Minas - e São Bartolomeu está entre elas. O primeiro vigário colado foi o Pe. João da Fonseca, seguido de Ignácio José de Almeida, apresentado em 21 de dezembro de 1781; João Pimenta da Costa, apresentado em 9 de dezembro de 1806; Francisco Alves de Brito e Passos Lana, apresentado em 28 de agosto de 1815; José Magalhães Gomes, apresentado em 24 de dezembro de 1836; Francisco Candido de Magalhães Gomes, apresentado em 27 de outubro de 1842.

Antes de entrarmos em detalhes específicos de cada templo, algo há para se dizer sobre o contexto que envolve a materialidade dos cultos. Dois aspectos são fundamentais para se entender este mundo religioso: de um lado as celebrações religiosas festivas e pomposas, com procissões e rotas sagradas (característica barroca ainda presente em vários locais) e o outro diz respeito ao próprio universo cultural que envolve este todo (como o papel das irmandades, por exemplo). Vamos por partes. Primeiramente analisemos o contexto das festividades, dando primazia para as procissões (dentro do contexto urbano do arraial), a Semana Santa (culto largamente disseminado) e a Festa do Padroeiro.

⁷³ "Mappa das igrejas que S. Mag^e. é servido sejam erectas em vigararias colladas no distrito das Minas Gerais, bispado do Rio de Janeiro:- a igreja da Villa do Ribeirão do Carmo, a de São João de El Rey, a de Santo Antônio da Villa de São José do Rio das Mortes, da Villa Nova da Rainha do Caeté, a das Catas Altas, a do Príncipe do Serro Frio, a de N.S^a. de Nazareth da Cachoeira, a de N.S^a. da Piedade do Pitanguy, a de Guarapiranga, a do Bom Jesus do Forquim, a da Matriz da Villa Rica do Ouro Preto, a de São Sebastião, a de Santa Bárbara, a de São Bartholomeu, a dos Raposos, a do Bom Retiro. – Diogo Mendonça Conte Real." Conforme documento transcrito em TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*, p.12.

Seja pela Igreja Matriz (que geralmente dominava a paisagem), ou pelas capelas que pontuavam a área urbana, seja pela presença de oratórios em esquinas e casas (como os interessantes oratórios de São Bartolomeu), ou pela existência de cruzeiros (grandes ou pequenos, de pedra ou madeira, em praças, encruzilhadas ou até mesmo sobre pontes), o ritual sagrado estava no ambiente visual dos fiéis locais ou dos transeuntes. Era uma reafirmação mental do imaginário católico que se manifestava não só no recinto sagrado, mas nos espaços profanos. Em determinadas épocas do ano alguns desses marcos se transformavam em 'direcionadores' de rotas processionais, enfatizando certos pontos dentro do perímetro do povoado, cuja praticidade dos crentes elegeu como lugares 'estratégicos' da fé.

Analisemos os locais estabelecendo as possíveis rotas processionais antigas, utilizando, vez por outra, de informações guardadas acerca das rotas modernas (especialmente as procissões da Semana Santa). Cabe ressaltar que, pelo tamanho reduzido do distrito, o percurso das procissões provavelmente se manteve quase inalterado nos últimos dois séculos. A área urbana de São Bartolomeu não deixava muita opção para o estabelecimento de rotas processionais (tanto as da Semana Santa, quanto as do santo padroeiro ou de outras festividades). Quase que a totalidade do povoado era disposta, como se pode perceber hoje pelo casario preservado, em uma comprida rua que se estende no sentido leste-oeste. Os possíveis 'percursos sagrados' de São Bartolomeu eram, pois, muito simplificados. A procissão saindo da Matriz - podendo circundar ou não o largo adro - tinha destino certo na Capela das Mercês e vice-versa. As celebrações da Semana Santa estão atualmente muito 'resumidas' em São Bartolomeu que depende do pároco de Cachoeira Campo, sede da extensa paróquia. Que houberam essas procissões no passado é certo pela presença, na outrora Matriz, da imagem do Senhor Morto e, na Capela das Mercês, do Senhor dos Passos. Pessoas mais velhas do distrito nos informaram que os oratórios públicos existentes são alvos ainda hoje de uma celebração durante o período quaresmal em lembrança às 'almas penadas'.⁷⁴

A Festa do Padroeiro, de origem antiqüíssima, mereceria estudo a parte. A pequena imagem de São Bartolomeu foi alvo nos últimos três séculos da fé e fervor religioso de multidões. Considerado um santo milagroso, sua festa movimentava o arraial nas proximidades do dia 24 de agosto, dia que Ihe é consagrado. Várias lendas locais giram em torno da imagem apostólica. Estas lendas variam desde mitos fundadores do povoado

⁷⁴ Para mais informação vide BOHRER, Alex Fernandes, *op.cit.*

(como o estabelecimento do lugar da Igreja Matriz por aparições miraculosas da própria imagem), até lendas que dizem respeito ao cotidiano (como aparições do santo em redemoinhos de vento e lutando com o demônio).⁷⁵ Estas lendas, pela riqueza de detalhes e pelo inusitado de alguns temas, mereceriam também estudo específico e mais aprofundado.

No que concerne à cultura religiosa e sua ambientação, também podem ser ditas algumas palavras, se bem que sucintas. Para novo deleite do leitor transcrevi na íntegra alguns assentos paroquiais antigos, de várias tipologias, para se entender um pouco mais deste universo. O primeiro é um documento de 1749, um interessante registro de batismo:

Aos vinte e sete dias do mês de abril do anno de mil e sette centos e quarenta e nove nesta matris do apostolo Sam Bartholomeu baptisou, e pos os santos óleos o reverendo padre Hieronymo José da Silveyra de minha licencea (e) (acenthos) crioulo desta freguesia. Pay incógnito. Forão padrinhos (Gracia) escravo de Antonio Machado, solteyro, Maria Parda escrava de Manoel Gonçalves Lessa todos desta freguesia e para constar fiz este assento na supra.

O vigr. Dom^{os}. Fran^{co}. da Costa (rúbrica)⁷⁶

O contexto se repete em todas as Minas (e 'brasis'). Não era incomum este tipo de assento de batismo de crianças, filhos de pais 'incógnitos', cujos padrinhos eram escravos. Também ofícios funerários de escravos eram muito comuns:

Aos cinco dias do mês de dezembro de mil setecentos e sincoenta e sinco annos faleceo da vida prezente Manoel Mina com o sacramento da penitencia, escravo de Agostinho da Costa Pinheyro, foi sepultado no adro da Capela de Nossa Senhora da Conceição filial da Matriz de São Bartholomeu foi encomendado pelo padre (João Machado ?) de minha licença de que fiz este asento.

O vigr^f. Encomada^o. Irm^e. Barros Souza.⁷⁷

Morte de inocentes expostos⁷⁸ também não eram incomuns:

Aos vinte três dias do mês de dezembro de mil e setecentos e sefsenta e sinco annos dentro desta matris de S.Bartholomeo o R.João Machado Lima de minha licença encomendou, e deo sepultura a *Manoel innocente que foi exposto* em caza de Manoel Ferreyra (Feijó); de que fiz este assento. (assinatura ilegível)⁷⁹

⁷⁵ Uma variante desta lenda do santo lutador diz respeito à Guerra dos Emboabas, quando a imagem do santo, saída em procissão para deter o exército inimigo, teria ofuscado os olhos da multidão por meio de sua espada, impedindo a batalha e a invasão do arraial.

⁷⁶ AEAM: AA 02 / 1746-1767 (batismos)

⁷⁷ AEAM: AA 03 / 1727-1757 (óbitos)

⁷⁸ Expostos eram crianças recém nascidas abandonadas em instituições ou casas particulares.

⁷⁹ AEAM: AA 03 / 1727-1757 (óbitos)

Casamentos de ex-escravos também constituem documentação interessante, além de 'falar' algo sobre a vida dos libertos:

Aos dezoito dias do mês de mayo de mil e setecentos e sincoenta e sinco annos nessa Matriz de Sam Bartholomeu pellas honze oras da manham pouco mais, ou menos feitas as três denunciaçãoes canônicas na forma do sagrado concílio tridentino com provisão do rdo. (?) vigr. da vara desta comarca em minha presença e das testemunhas abaixo asignadas se refseberam (en facia eclezia) sem se despedir impedimento Manoel Gaspar preto forro nasção benguella e (Luvia) Francisca Peixoto preta forra nasção ganquella ambos moradores nessa freg^a. de São Bartholomeu e lhe de(u) as bênçãoes na forma do ritual romano de que tudo foram testemunhas prezente que aqui asignaram o cap^{am}. Manoel Velho de Castro, Ant^o. (Alves) Pafson, Luis Francisco Rodrigues e João (?) de (Lana) de que p^a. constar fiz esse asento que assignei.

O Vigr^o. Encom^e. Jerônimo Cardozo (Maynarte).⁸⁰

No dia 5 de julho de 1822 foi feito o registro da Visita Pastoral de Dom Frei José da Santíssima Trindade, Bispo de Mariana, ao Arraial de São Bartolomeu. Assim os visitantes descrevem o arraial, quando da visita:

Tem esta freguesia de São Bartolomeu 9 léguas de comprimento e, à distância, e a 7 léguas da Matriz, a capela curada de Nossa Senhora Conceição, com 500 almas pouco mais ou menos, sem capelão, e a quatro léguas, a capela de Santo Antônio de Capanema, com 200 e tantas almas. A Igreja Matriz tem 3 altares⁸¹ pobrememente ornados, mas com paramentos para o sacrificio decentes. Acham-se as paredes arruinadas e com espeques e para o seu reparo applicou um devoto 12\$000, e sua excelência pediu aos applicados, que melhor podiam, subscrevessem as suas esmolos, cujas subscrições chegassem a 1:000\$000 reis.

No arraial tem a capela de Nossa Senhora das Mercês por acabar, há 40 anos começada, e em toda freguesia só tem o Pároco Francisco Álvares de Brito e o Padre Alexandre Ferreira de Fonseca, incapaz de poder acudir ao confessional.⁸²

Percebe-se pelo relatório da Visita que o arraial apresentava (assim como quase todos visitados) aspecto decadente, com a igreja em estado ruinoso e com sacerdotes com dificuldade de locomoção (devido à extensão territorial da imensa freguesia que divisava com Santa Bárbara e Catas Altas!).

* * *

Estes documentos, esparsos, foram citados somente para ter-se uma idéia da 'moldura' cultural que circundava São Bartolomeu dentro do contexto mineiro. Em Minas colonial o

⁸⁰ AEAM: AA 05 / 1754-1777 (casamentos)

⁸¹ Certamente se equivocaram neste número.

⁸² OLIVEIRA, Ronald Polito de. *Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)*, p. 113.

'homem barroco' deixou seus 'ossos' por toda parte. Desde os centros urbanos de maior burburinho cultural e intelectual até os pequeninos povoados dominados por pitorescas capelas coloniais, todos são testemunhas de um mundo barroco nascido na distante Europa e miscigenado em solo americano.



Foto 3.6- Registro fotográfico de festividade religiosa
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.7- Registro fotográfico de festividade religiosa
Fonte: Acervo Ge Fortes

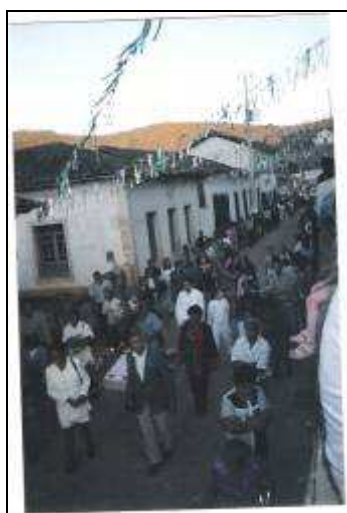


Foto 3.8- Foto atual; Procissão da Semana Santa
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.9- Foto atual da Festa do Divino
Fonte: Acervo Ge Fortes

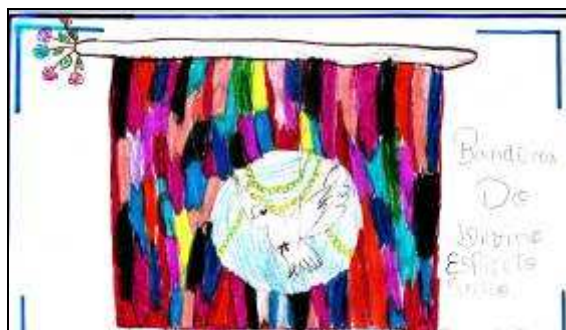


Figura 3.1- Desenho feito por aluno da escola municipal do distrito:
bandeira do Divino Espírito Santo/ 2001
Autora: Gilziane
Fonte: Acervo Escola Municipal Washington de Araújo Dias

Analisemos agora cada monumento religioso separadamente.

3.4.1 Matriz de São Bartolomeu

O que de mais importante as irmandades do povoado apostólico legaram aos pósteros foi sem dúvida a Matriz do padroeiro, igreja colonial das mais antigas de Minas. A sua construção foi iniciada no alvorecer do século XVIII em substituição a uma antiga ermida deixada ali provavelmente pelos primeiros bandeirantes. Talvez pela antiguidade não se encontraram ainda referências aos projetistas e entalhadores da capela-mor ou dos altares do cruzeiro e da nave.

Sua fachada e seu interior bem preservados, sem muitas superposições posteriores, fascinam o visitante, pela beleza e misticidade do ambiente. A fachada tem partido característico das primeiras matrizes mineiras: frontão triangular simples, sem ornamentação decorativa ou movimentação. As torres, em telhadinho, são também características do período. Na torre esquerda há guardada uma preciosidade incomum: um sino todo feito em madeira.

Possui a igreja cinco retábulos. Os laterais (da nave) foram confeccionados em Estilo Nacional Português. O altar-mor é uma mistura de estilos, uma montagem posterior aos outros altares, com dossel destoante do conjunto. A profusão de ornatos destes altares (infelizmente repintados), e do corpo da igreja pode ser interpretada por duas vias diferentes. A primeira é que a construção da igreja obedece aos parâmetros do gênero, então vigentes em Portugal e no litoral. A plethora decorativa explica-se então por ser esta uma das características do Estilo Nacional Português, que legou a Minas poucos exemplares. Mas pode-se interpretar também esta riqueza de outras formas mais regionalizadas, como manifestações locais de poder e fé.

Decora o teto da nave um forro em caixotões com cenas da vida do Apóstolo. Neste forro, inusitadamente⁸³, encontra-se a rocalha como motivo ornamental (sabe-se que o forro em caixotões é típico da pintura de colorido barroco e a rocalha é marca inerente do rococó, mais recente). Tal presença da rocalha não é de todo estranha nesta igreja. Sabe-se que em fins do século XVIII Manoel da Costa Ataíde residiu algum tempo no distrito de São Bartolomeu, servindo como alferes (militar que era), tendo trabalhado na Igreja Matriz. As rocalhas certamente não são do mestre, mas pela sua presença no arraial vê-se que ondas

⁸³ O forro em caixotões é típico dos primeiros tempos da arte religiosa em Minas, quase sempre têm colorido barroco e não os motivos rococós.

modernizadoras inspiraram as irmandades no final do século XVIII. Mas, qual obra fez Ataíde neste templo? Talvez foi ele responsável pela decoração do forro da capela-mor, hoje encoberto por pintura mais recente.

Chama atenção na nave a presença de uma capela inserida no lado da epístola, que, segundo a tradição, pertencia aos Irmãos do Rosário. Estes (diga-se de passagem, negros escravos ou libertos), conforme as lendas, impediram a demolição de capela mais antiga existente no lugar e conseguiram inseri-la no conjunto da nova Matriz, que teve seu projeto 'moldado' à velha capelinha. Verdade ou lenda, o certo é que este artifício arquitetônico é muito incomum nas Gerais.

Até hoje os moradores guardam numa caixa-forte os tesouros ainda remanescentes dos tempos áureos das irmandades, constituído por numerosas imagens, jóias e outras alfaias. O conjunto é raramente visto, e a maior parte nunca foi exposto em público.

Entre os anos de 1980 e 81, a igreja sofreu considerável restauração conduzida pelo IEPHA. Na época, sofreram intervenção: o forro da nave (cujas cimalkas estavam desmontadas), forro da sacristia e altar-mor.



Foto 3.10- Vista frontal da Igreja Matriz de São Bartolomeu
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.11- Moradores em frente à Matriz
Fonte: Acervo Ge Fortes



Figura 3.2- Desenho feito por aluno da escola municipal do distrito: Matriz de São Bartolomeu/ 2001
Fonte: Acervo Escola Municipal Washington de Araújo Dias



Foto 3.12 e 3.13- Vista da Rua do Carmo com o adro da Matriz à direita da foto; adro da Matriz com Capela das Mercês ao fundo
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.14- Vista do telhado da Matriz
Fonte: Acervo IEPHA



Foto 3.15- Vista do coreto e lateral da Matriz
Fonte: Acervo IEPHA



Foto 3.16 e 3.17- Detalhe do quartelão do retábulo-mor adornado com atlante; trono do camarim do retábulo-mor com a imagem de São Bartolomeu
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.18 e 3.19- Sino de madeira da torre do lado do evangelho; pintura do painel parietal da capela-mor
Fonte: Acervo Ge Fortes



Foto 3.20 e 3.21- Condição em que se encontrava as imagens da Matriz antes do restauro na década de 70
Fonte: Acervo IEPHA

FOTOS ATUAIS



Foto 3.22- Fachada frontal da Matriz de São Bartolomeu.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.23 – Fachada lateral esquerda da Matriz de São Bartolomeu.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.24 – Fachada lateral direita da Matriz de São Bartolomeu.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.25 – Fachada lateral direita da Matriz de São Bartolomeu com coreto.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.26 – Sino de madeira da torre esquerda.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.27 – Pintura do forro do átrio.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.28 – Pia de água benta.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.29 – Pia batismal contíguo ao átrio.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.30 – Pia batismal no nicho contíguo ao átrio.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.31 – Vista do coro.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.32 – Forro da nave.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.33 – Púlpito único do lado do evangelho.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.34 – Confessionário na balaustrada da nave.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.35 – Retábulo lateral de N. Sra. Das Dores; imagem atual.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.36 – Arco-cruzeiro.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.37 – Base da pilastra do arco-cruzeiro.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.38 – Retábulo co-lateral com brasão repintado; im. nova de São Gonçalo.
Autor: Raquel A. Ferreira; Data: 10-01-2007



Foto 3.39 – Retábulo co-lateral original de São Miguel; im. nova de N. Sra. da Conceição.
Autor: Raquel A. Ferreira; Data: 02-03-2007



Foto 3.40 – Nicho do lado do evangelho do retábulo da capela lateral de N. Sra do Rosário; Imagem do Sagrado Coração de Jesus.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.41 – Retábulo da capela lateral de N. Sra do Rosário; imagem N. Sra. das Dores.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.42 – Nicho do lado da epístola do retábulo da capela lateral de N. Sra do Rosário; Im.nova sem identificação.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.43 – Andor guardado no cômodo contíguo à capela lateral.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.44 – Andor no cômodo contíguo à capela lateral.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.45 – Retábulo-mor.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.46 – Trono com imagem de São Bartolomeu.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.47 – Imagem de N. Sr. Morto; mesa frontal
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.48 – Sacrário do retábulo-mor.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.49 – Nicho e colunas do
retábulo-mor.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.50 – Painéis parietais da capela-mor;
lado evangelho.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.51 – Painéis parietais da capela-mor; lado
epístola.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 10-01-2007



Foto 3.52 – Forro da capela-mor.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.53 – Escadaria presbitério.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.54 – Campa com tampo de
mármore.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.55 – Oratório da sacristia.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.56 – Chafariz da sacristia.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007



Foto 3.57 – Conversadeiras na
janela da sacristia.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.58 – Banco na sacristia.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.59 – Banco no corredor; lado da epístola.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.60 – Banco no corredor do lado do evangelho.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007



Foto 3.61 – Banco no cômodo onde estão
guardadas as imagens.
Autor: Raquel A. Ferreira
Data: 02-03-2007

3.4.2 Igreja de Nossa Senhora das Mercês

Sabe-se que a construção da Capela das Mercês foi iniciada em 1772, no alto de bonita colina. Segundo o documento produzindo pelos Visitadores de 1822 (documento já citado) ela estava “por acabar, há 40 anos começada” o que confirma a data acima e mostra a letargia das obras em um povoado que já estava engolfado em relativa estagnação. A paragem em que ela se localiza é de belo efeito paisagístico. Íngreme ladeira, anteriormente calçada, leva até uma velha escadaria de pedra, muito pitoresca. A fachada, em frontão simples triangular, desprovida de torres, não possui ornamentação artística. Tem lateralmente os puxados dos corredores que levam da nave à sacristia, colocada transversalmente, nos fundos. Possui pequeno mas expressivo acervo imaginário, cabendo ressaltar o pungente Senhor dos Passos, guardado em armário próprio na sacristia.⁸⁴ O altar-mor, muito alterado, revela superposições posteriores e colorido mais recente. Há poucos anos a igreja teve seu piso de madeira todo retirado e substituído por piso moderno, de cerâmica, o que causa impacto visual negativo.



Foto 3.108 - Foto antiga fundos da Capela de N. Sra. Das Mercês
Fonte: Acervo Ge Fortes

⁸⁴ Apesar de restauração amadora que lhe desfigurou grandemente a face e as mãos, esta imagem apresenta detalhes interessantes: as volutas formadas pela barba, descontraçadas no queixo, e os bigodes, saindo quase da narina, além dos olhos amendoados, nos fazem pensar numa obra ligada à ‘escola’ do Aleijadinho. Pelas características a datamos de fins do século XVIII e início do XIX.



Foto 3.109 –Foto atual da fachada da Capela de N. Sra. das Mercês.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
Data: 02-03-2007

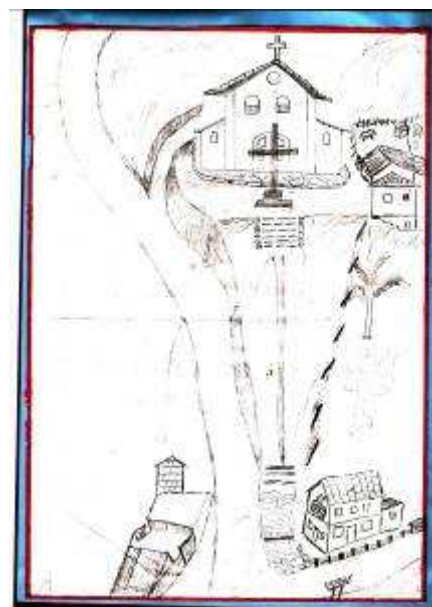


Figura 3.3 - Desenho feito por aluno da escola municipal do distrito :
Capela de N. Sra. Das Mercês/ 2001
Fonte: Acervo Escola Municipal Washington de Araújo Dias

Esta igreja era marco principal para procissões, estando localizada estrategicamente, atendendo ao culto festivo do arraial.

3.4.3 Capela de São Francisco

Situada no outro extremo do arraial, distante da área urbana original, a pequena Capela de São Francisco era, na verdade, um passo - marco de rotas procionais assim como a Igreja das Mercês. Tem a aparência singela dos passos típicos da Semana Santa.

Provavelmente a invocação atual é uma alteração posterior.



Foto 3.110 – Capela de São Francisco.
Autor: Bruno Tropia Caldas
Janeiro de 2007



Foto 3.111 – Cemitério ao lado da Capela de São Francisco.
Autor: Bruno Tropia Caldas
Janeiro de 2007

3.4.4 Oratórios

Muito curiosos são os oratórios de rua de São Bartolomeu. Existem três remanescentes na rua principal. O maior, localizado numa casa de esquina nas proximidades do chafariz principal, parece ser o mais antigo. Guarda interessante pintura. Tem pequena sineira inserida no beiral da casa. Os outros dois, bem mais simples, também possuem pequena sineira de beiral. Os sinos não existem mais.

Estes oratórios urbanos e públicos serviam para orações comunitárias. A mais concorrida destas orações eram as vespertinas, tidas ao entardecer, às seis horas da tarde.



Foto 3.112 – Oratório na fachada da
Rua do Carmo, s/nº.
Autor: Raquel Alves Ferreira
Janeiro de 2007



Foto 3.113 – Oratório na fachada
da Rua do Carmo, s/nº.
Autor: Raquel Alves Ferreira
Janeiro de 2007



Foto 3.114 – Oratório na fachada
da Rua do Carmo, 194.
Autor: Raquel Alves Ferreira
Janeiro de 2007

3.5 ATUALIDADE

São Bartolomeu, o distrito focado neste trabalho, é um dos maiores em extensão territorial, apesar de ter uma população um tanto quanto minguada (233 na área urbana e 553 na área rural⁸⁵). Suas atividades econômicas ligam-se essencialmente à trabalhos agropastoris, destacando-se a produção de doces. Atualmente começa a tomar vulto o turismo de lazer: cultural e ecoturismo.

São Bartolomeu possui os seguintes sub-distritos ou localidades: Chapéu do Sol, mais ao sul; Engenho d'Água, a oeste; Brás Gomes, a centro-norte; Maciel, a oeste; Catarina Mendes, a sul, entre outros. No distrito estão localizadas as cabeceiras do Rio das Velhas. Alguns córregos que merecem citação: Córrego Mata-Mata, Mata-Pea, Andaime, Ajuda, Granjeira, Mutuca, Córrego Acima, Serrinha, Mesquita, Grande, Lapa, Afogado, Jequiti, Alemão Etc. Alguns topônimos interessantes e antigos: Sitio, Mato-Dentro, Melo, Feixo, Machado, Granjeira, Mutuca, Catana etc. No território do distrito de São Bartolomeu se encontram também importantes áreas de preservação ambiental como a APA da Cachoeira das Andorinhas e a Floresta do Uaimii.

O povoado valeu a seguinte descrição de João Baptista Costa:

Diminuto, tendo ainda os seus antigos sobradões de pedra, com oratórios nas esquinas e, o mais exótico em lugarejo, todo calçado de pedras roliças, como ainda hoje se pode constatar. Igreja velhíssima, bonita, mas bastante danificada e ameaçada pelo tempo.⁸⁶

A área urbana do arraial compreende hoje a Rua São Francisco, a oeste, que se estende até a Rua Espírito Santo (onde começa a parte mais antiga do arraial). A Rua Espírito Santo desemboca na Rua do Carmo, rua principal, onde se encontra a maior parte do conjunto urbano. Segue a Rua do Carmo até a Rua das Mercês, a sudeste. A Rua dos Trapiches (cujo topônimo parece muito antigo) faz ligação entre a Rua Espírito Santo e Carmo com a São Francisco. Outra rua merece destaque pelo topônimo de origem muito antiga: a Rua da Praia. Por que praia?

Numa escritura de compra e venda lavrada em São Bartolomeu em 1880 lê-se:

⁸⁵ Segundo IBGE, Censo 2000.

⁸⁶ COSTA, João Baptista da. *op.cit.*,p.3.

Entre os bens que elles [os vendedores] possuem livres e desembargados se acha uma morada de *casas térreas, coberta de telhas com respectivo quintal, que vai ter a praia e situadas a rua principal do arraial de São Bartholomeu.*⁸⁷

Aqui se tem, num testemunho do século XIX, a descrição de uma das casas do distrito: casa de um andar, com telhado, possuindo quintal, sita na rua principal.⁸⁸ Qual o lado da rua em que se encontrava (ou se encontra) a casa? Do lado que demanda ao Rio das Velhas, contrário à serra (lado oposto à Matriz). Por que? Porque o quintal “vai ter a praia”. Onde é a praia? Esta é uma alusão, de origem muito antiga, às praias dos rios auríferos, neste caso às praias do Rio das Velhas - no século XVIII revirado e desviado várias vezes em busca de ouro. Estas margens exploradas eram chamadas, pois, de praia.

Atualmente grande parte das casas se acha fechada, sendo usadas somente aos fins de semanas por emigrados da região e de Belo Horizonte. A desocupação destes imóveis reflete a estagnação econômica moderna do distrito, forçando os habitantes a mudarem-se.

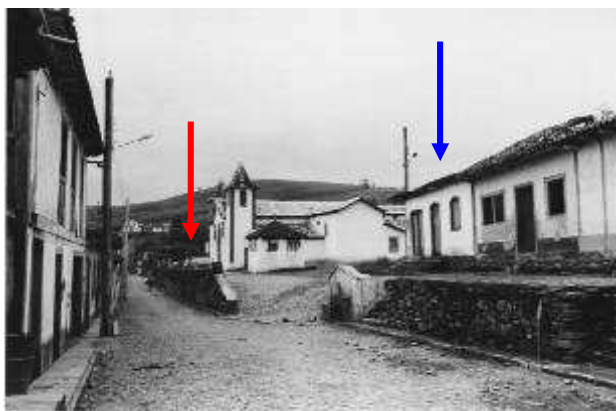


Foto 3.115 – Vista da Rua do Carmo, do adro da Matriz e algumas casas que compunham o conjunto arquitetônico.
Fonte: Acervo IEPHA



Foto 3.116 – Vista atual da Rua do Carmo identificando intervenções recentes.
Fonte: Acervo IEPHA



Foto 3.117 e 3.118 – Vista atual do espaço vago (ruína) onde existia uma casa representada na foto 3.115; vista atual das casas vizinhas
Autor: Raquel Alves Ferreira

⁸⁷ Livro de Notas do Juízo de Paz do Distrito de São Bartolomeu (Livro 2), p.43.

⁸⁸ Repare o quão atual ainda é essa descrição, sugerindo uma permanência visual no tecido urbano de longa data.



Foto 3.119 e 3.120 – Vista da Rua do Carmo, do adro da Matriz, algumas casas e ruínas que compunham o conjunto arquitetônico; vista atual identificando intervenções nas ruínas
Fonte: 3.119 - Acervo IEPHA; 3.120 - autor Bruno Tropia Caldas



Foto 3.121 e 3.122 – Vista da Rua do Carmo, da igreja das Mercês, algumas casas e ruínas que compunham o conjunto arquitetônico; vista atual identificando intervenções nas ruínas
Fonte: 3.121 - Acervo IEPHA; 3.122 - autor Bruno Tropia Caldas



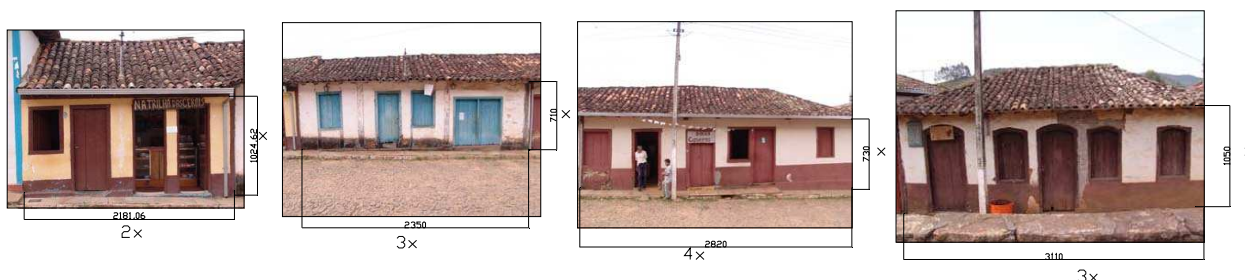
Figura 3.4- Desenho feito por aluno da escola municipal: Núcleo urbano de São Bartolomeu/ 2001
Autor: Cássio Xavier da Costa Leite
Fonte: Acervo Escola Municipal Washington de Araújo Dias

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO NÚCLEO URBANO

4.1 TIPOLOGIA URBANO-ARQUITETÔNICA

O conjunto urbano do distrito de São Bartolomeu destaca-se pela ocupação harmônica e bem preservada dos séculos XVIII e XIX, concentrada nas Ruas do Carmo e Espírito Santo, com alguns exemplares nas Ruas do Córrego, dos Trapiches e da Praia. O casario apresenta linguagem arquitetônica homogênea – colonial. A exceção está em edificações recentes, posteriores à segunda metade do século XX, que descaracterizam a tipologia e a morfologia urbana do conjunto original – volumetria, gabarito, relação entre área construída e área livre, etc. Outras buscam o modelo colonial e realizam pastiche (Mapa 1 – Mapa de Tipologia da Edificação).

As edificações mais antigas do distrito preservam a tipologia original, bastante simplificada, característica do século XVIII: em geral, organizadas internamente através de dois ou três cômodos dispostos lado a lado e em sucessão longitudinal com a circulação central. O sistema construtivo recorrente é o pau-a-pique e a alvenaria de pedra nas fundações. Na fachada, predomina a predominância dos cheios sobre os vazios, em proporção típica do século XVIII. A verga reta dos vãos, com esquadrias simples, sem caixilharia e vidro, em folhas cegas de madeira, salienta a característica. No revestimento a simplicidade ainda predomina com a caiçação na alvenaria e a pintura em tinta à óleo, em cores fortes, nas esquadrias, e no coroamento cachorrada e guarda-pó.



Fotos 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4 – Exemplos de imóveis com tipologia setecentista; destaque para proporção volumétrica.

Autor das fotos: Neno Viana.

Outubro de 2005

A volumetria diminuta, com edificações na sua maioria de pavimento térreo, é o que gera o caráter horizontalizado do conjunto. Com pés-direitos em torno de 3 metros, as construções se limitam a uma altura, até a linha da cumeeira, de cinco metros (55% das edificações). A cobertura é feita com telha cerâmica, tipo capa canal, em geral em 2 águas, com cumeeira

paralela à rua, também desenho característico da arquitetura mineira do século XVIII. Quando é o caso de dois pavimentos, as edificações ainda preservadas, chegam até os sete metros e meio, perfazendo do total 29% e, acima dessa altura, apenas 16%.

Os exemplares do século XIX - em menor número - demonstram maior elaboração na organização do espaço interno - como a presença do corredor central -, pés-direitos mais elevados, vergas alteadas, e um maior número de aberturas nas fachadas. O sistema construtivo persiste - pau-a-pique - assim como o coroamento e as esquadrias; no entanto, encontramos exemplares de edificações em adobe. Na cobertura, continua a telha capa-canal, que acaba por se estender até os dias de hoje, e aparecem esquemas mais elaborados de 3, 4 águas. O acabamento das fachadas continua tímido e segue o mesmo esquema do século XVIII.



Fotos 4.5, 4.6 e 4.6 – Exemplos de edificações com tipologia do século XIX
Autor: Bruno Tropia Caldas.
Janeiro de 2007.

Muitas destas edificações já sofreram modificações, sendo mais comum a substituição do sistema construtivo tradicional - o pau-a-pique - pela alvenaria de tijolos, a substituição do material de acabamento interno. Os acréscimos horizontais, quase que obrigatórios nas edificações coloniais, são também encontrados na totalidade das residências de São Bartolomeu, ocupando a parte posterior da edificação, incluindo o quintal, e adaptando o esquema interno das edificações à vida contemporânea - como a inclusão do banheiro e da cozinha na residência. (Mapa 2 - Mapa de Sistema Construtivo; Mapa 3 - Mapa de Estado de Preservação). Em algumas, o banheiro é inserido na própria planta original, transformando as alcovas, e colocando ventilação e iluminação zenitais. Estas modificações, executadas desde os fins do século XIX, são hoje parte integrante das construções.



Fotos 4.8 e 4.9 – Exemplos de edificações com o sistema construtivo em estrutura de madeira e vedação em pau-a-pique
Autor: Raquel Alves Ferreira
Janeiro de 2007



Fotos 4.10 e 4.11 – Exemplos de edificações com o sistema construtivo todo em pedra
Autor: Raquel Alves Ferreira
Janeiro de 2007

4.2 OCUPAÇÃO E MORFOLOGIA URBANA

O desenho urbano original de São Bartolomeu tem como via principal a Rua do Carmo, voltada para o sentido Sudeste-Noroeste, acompanhando o Rio das Velhas, e as vias secundárias, são traçadas perpendicularmente à primeira. A cidade ainda é pouco adensada, característica esta que qualifica de forma bastante positiva o espaço, com a presença marcante das áreas verdes (Mapa 4 – Mapa de Área Permeável). Os terrenos são pouco ocupados, com 95% dos lotes com apenas uma edificação. No arruamento original – Rua do Carmo e Rua Espírito Santo - os lotes preservam a configuração original: frentes

mínimas, com testadas (em arruamentos) entre 5 e 10 metros, e profundidades em maior dimensão, em um total de 40% das edificações inventariadas. Neste esquema, destaca-se a presença e importância dos quintais em 68% das edificações, onde está plantada uma parte da subsistência dos moradores, como as hortas, pomares e criação de animais. O fechamento dos lotes, na maioria vazados, deixam transbordar o verde para além dos quintais, principalmente na Rua da Praia, fundos das casas da Rua do Carmo.

A abertura de novas ruas, paralelas às já existentes, transforma em testada os fundos dos terrenos que, então podem se subdividir: é o caso da Rua da Praia. Neste processo, vale observar que os novos desmembramentos – posteriores à segunda metade do século XX e parte da recente ocupação do Distrito – apresentam lotes com dimensões reduzidas se comparados aos lotes da ocupação original e com configuração tendendo ao quadrado. É o caso da Rua dos Lírios, parte da Rua da Praia e parte da Rua do Espírito Santo, onde as edificações ocupam quase todo o lote e as áreas permeáveis têm dimensões mínimas.



Fotos 4.12 – Vista da ocupação das edificações no lote. Frente das edificações para Rua do Carmo e fundos dos lotes para a Rua da Praia.

Autor: Inaiana Barbosa Guerra



Fotos 4.13 e 4.14 – Vista dos fundos dos lotes da Rua do Carmo a partir da Rua da Praia.

Autor: Raquel Alves Ferreira

No conjunto, a maioria das residências tangencia as ruas. Há ocorrência de afastamentos laterais, alguns adaptados para entrada de garagem: 78% das residências estão no alinhamento da rua e um número significativo (70%) apresenta afastamento lateral pelo menos em um dos lados.

No conjunto, predominam edificações com apenas um pavimento acima do nível da rua (81%). Entre as 82 edificações inventariadas, apenas 13 (18,9%) apresentam dois pavimentos acima do nível da rua e apenas uma, três pavimentos. Grande parte das edificações da Rua do Carmo do lado contrário à Matriz apresenta subsolo devido à inclinação do terreno em direção ao Rio das Velhas (Mapa 5 – Mapa de Gabarito).

4.3 USO

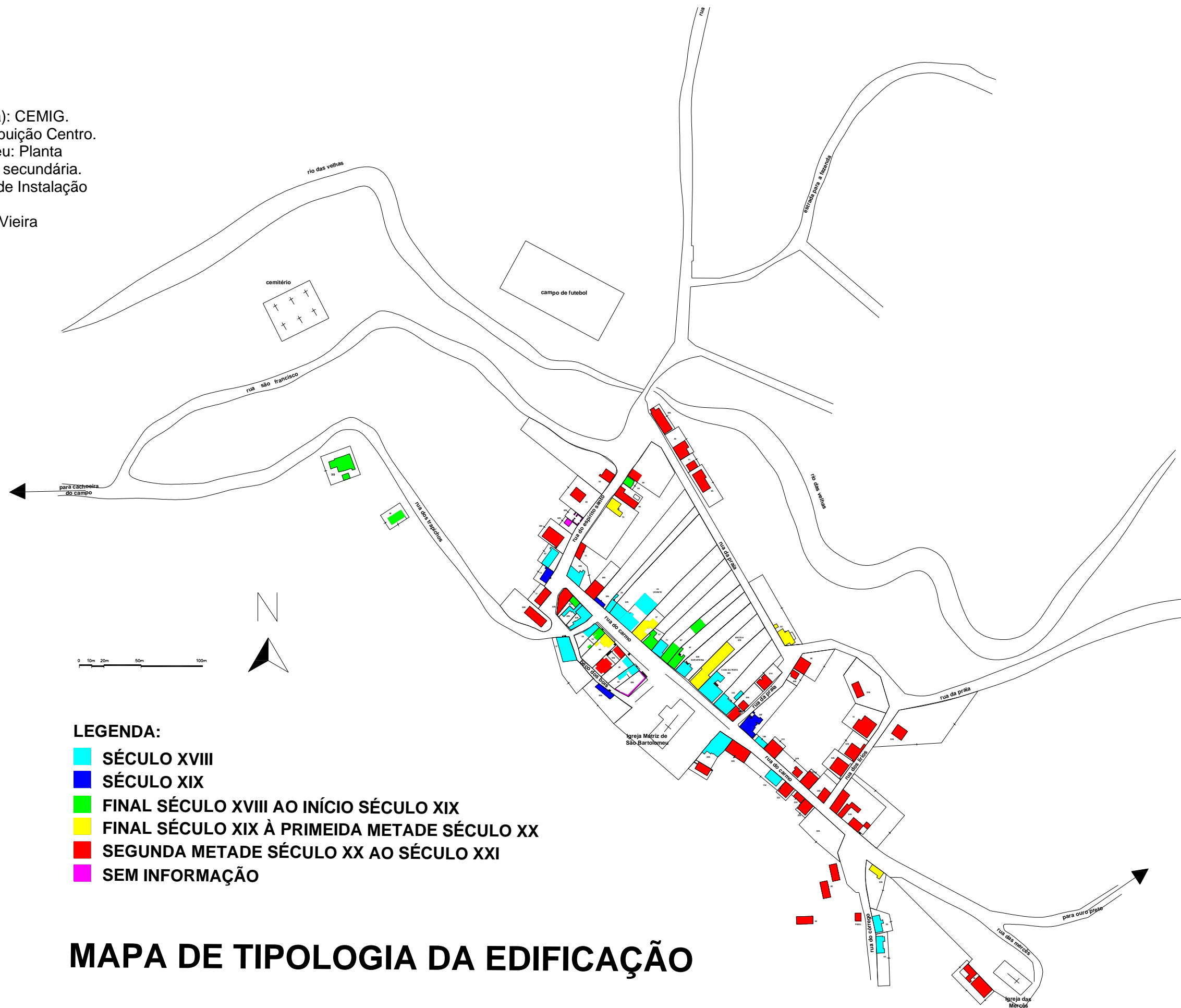
Quanto ao uso das edificações, predomina no conjunto o uso residencial, permanente ou de fim de semana: dentre os imóveis inventariados, 38% do total são utilizados como residência de fim de semana e 41% como residência permanente. Quando existe uma atividade comercial ou prestação de serviços, esta geralmente está associada aos moradores, configurando uma atividade caseira, familiar, representando, no total, apenas 5%. Algumas edificações apresentam vestígios de portas fechadas ou transformadas e janelas, assinalando vestígios de estagnação econômica: a atividade comercial ou serviço que deixou de existir; este fato é confirmado no relato de moradores. Lotes vagos também são raros na área inventariada, apenas um existente logo no início da cidade, sendo a grande área vazia da paisagem proporcionada pelos extensos quintais. Com relação aos demais usos, os vagos compreendem 4%, edificações em obras 7% e em ruínas 4% (Mapa 6 – Mapa de Uso).



Foto 4.15, 4.16 e 4.17 – Uma ruína na Rua do Espírito Santo e duas ruínas na Rua do Carmo
Autor: Bruno Tropia Caldas
Janeiro de 2007

Mapa 1

FONTE (Base Cartográfica): CEMIG.
Superintendência de Distribuição Centro.
Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta
Detalhe de rede primária e secundária.
Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação
Elétrica)
AUTOR: Liliane de Castro Vieira



MAPA DE TIPOLOGIA DA EDIFICAÇÃO

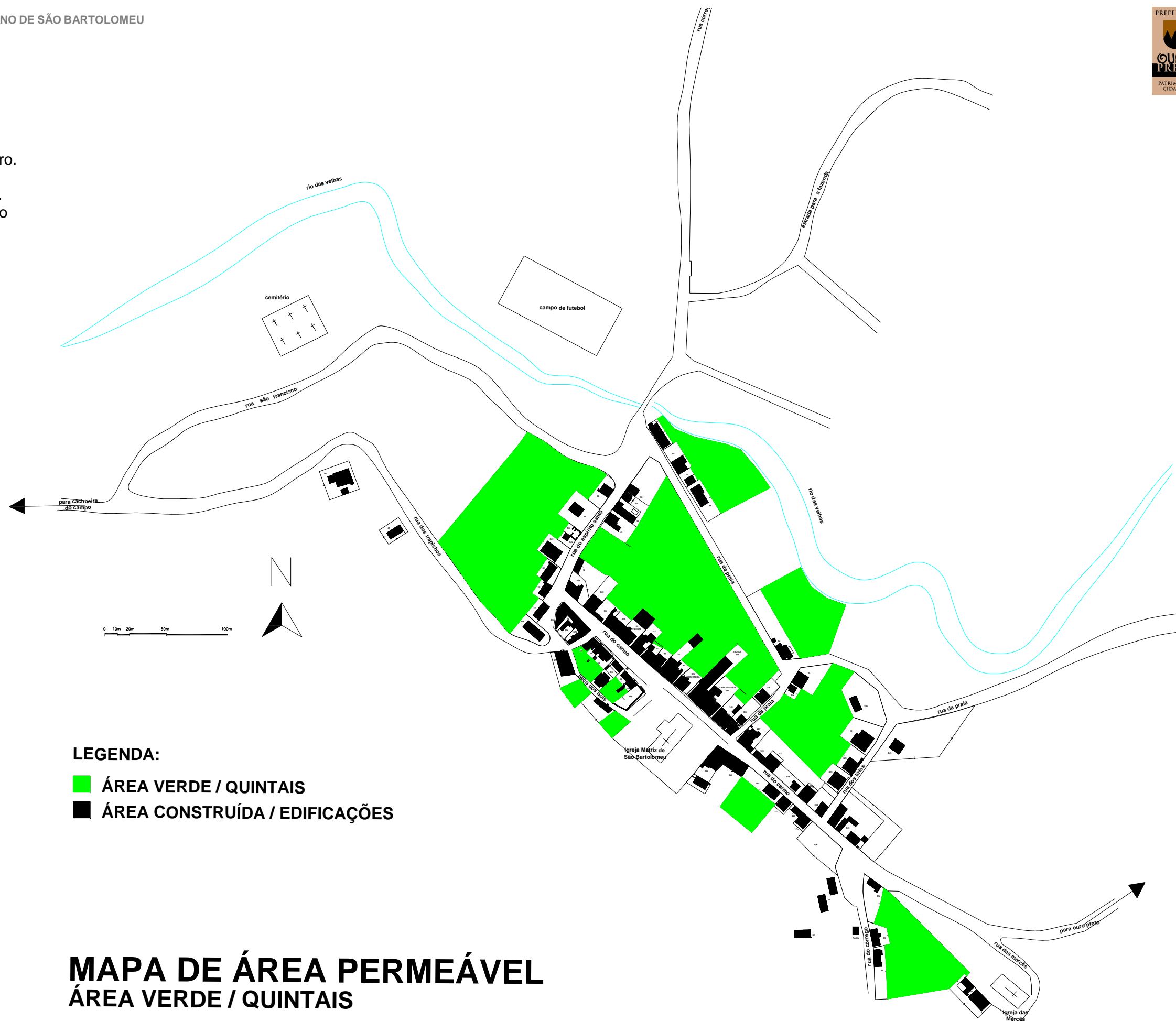
Mapa 2

FONTE (Base Cartográfica): CEMIG.
Superintendência de Distribuição Centro.
Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta
Detalhe de rede primária e secundária.
Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação
Elétrica)
AUTOR: Liliane de Castro Vieira



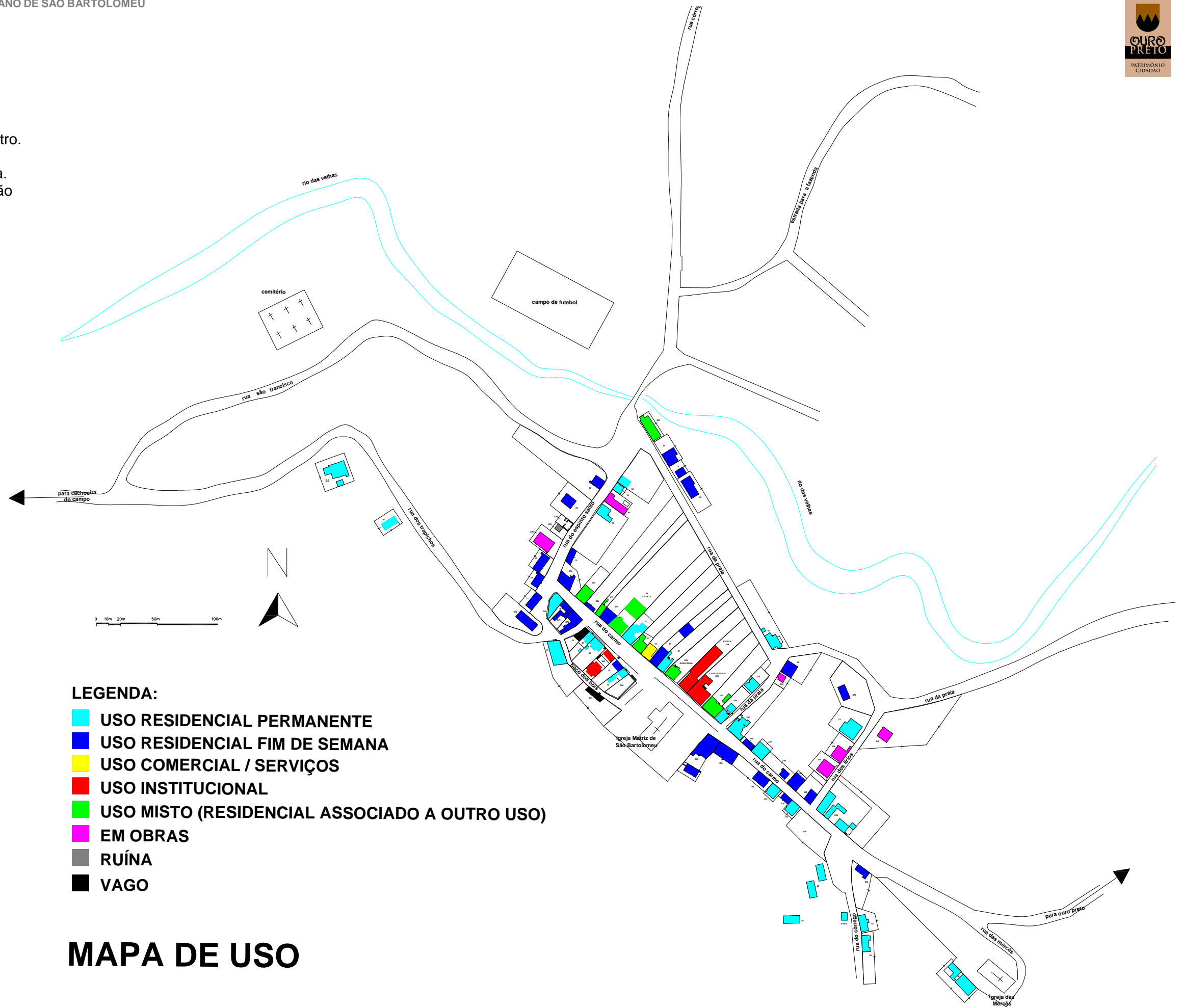
Mapa 4

FONTE (Base Cartográfica): CEMIG.
Superintendência de Distribuição Centro.
Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta
Detalhe de rede primária e secundária.
Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação
Elétrica)
AUTOR: Liliane de Castro Vieira



Mapa 6

FONTE (Base Cartográfica): CEMIG.
Superintendência de Distribuição Centro.
Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta
Detalhe de rede primária e secundária.
Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação
Elétrica)
AUTOR: Liliane de Castro Vieira



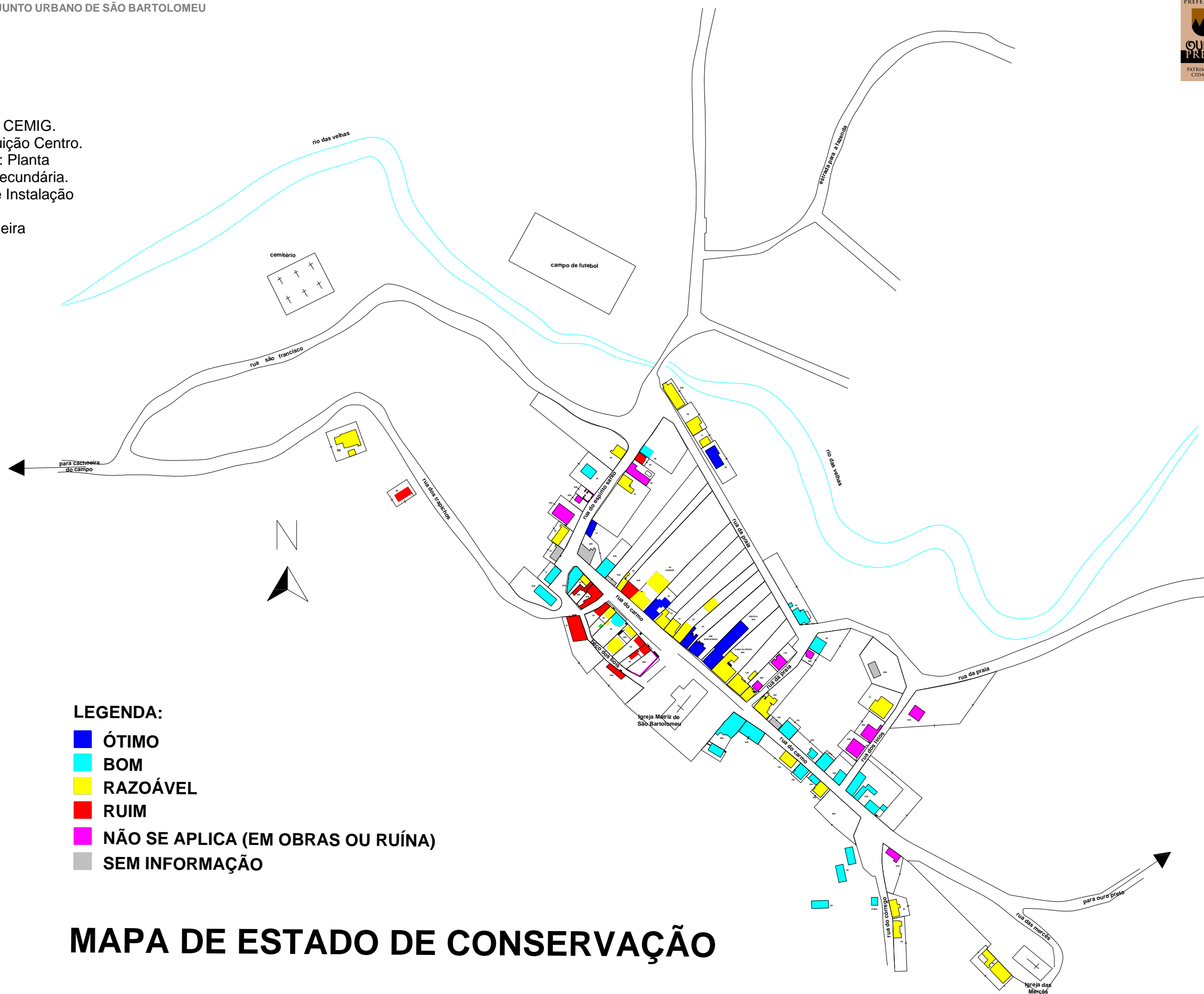
LEGENDA:

- USO RESIDENCIAL PERMANENTE
- USO RESIDENCIAL FIM DE SEMANA
- USO COMERCIAL / SERVIÇOS
- USO INSTITUCIONAL
- USO MISTO (RESIDENCIAL ASSOCIADO A OUTRO USO)
- EM OBRAS
- RUÍNA
- VAGO

MAPA DE USO

Mapa 7

FONTE (Base Cartográfica): CEMIG.
Superintendência de Distribuição Centro.
Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta
Detalhe de rede primária e secundária.
Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação
Elétrica)
AUTOR: Liliane de Castro Vieira



5. JUSTIFICATIVA DE TOMBAMENTO

A justificativa primordial de tombamento do Conjunto Urbano de São Bartolomeu está no reconhecimento e apropriação do Distrito, como patrimônio cultural, pela sua própria comunidade, já declarada através da sua associação – ADECOSB.

Além disso, a necessidade de preservação do Distrito justifica-se: pelo conjunto urbano – malha urbana original em grande parte preservada; pelo histórico - este conjunto representa uma das primeiras ocupações do território mineiro, antes mesmo de Vila Rica, hoje Ouro Preto, e exemplo raro de compatibilização das atividades de mineração e produção de alimentos; pelo conjunto arquitetônico - ocupação harmônica e bem preservada dos séculos XVIII e XIX, concentrada nas Ruas do Carmo e Espírito Santo, com alguns exemplares nas Ruas do Córrego, dos Trapichos e da Praia; pelo patrimônio ambiental; e pela cultura imaterial – preserva tradições religiosas e profanas seculares.

Faz parte do conjunto um valioso bem, de importância histórica e artística, a Igreja Matriz de São Bartolomeu, construída no início do século XVIII e tombada como Patrimônio Nacional, em 1960, pelo IPHAN.

O casario apresenta linguagem arquitetônica homogênea – colonial – e a descaracterização do conjunto encontra-se em poucas edificações recentes, posteriores à segunda metade do século XX (Fotos 5.1, 5.2 e 5.3). Segundo relato de moradores, muitas destas novas edificações ocupam lugar de antigas edificações abandonadas ou em ruínas.

O Distrito de São Bartolomeu, localizado no Vale do Rio das Velhas, está dentro da Unidade de Conservação APA das Andorinhas (Mapa 8), assim como a Floresta do Uaimii, e a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Meio Ambiente, está empenhada em implementar uma Política de Preservação do Patrimônio Natural.

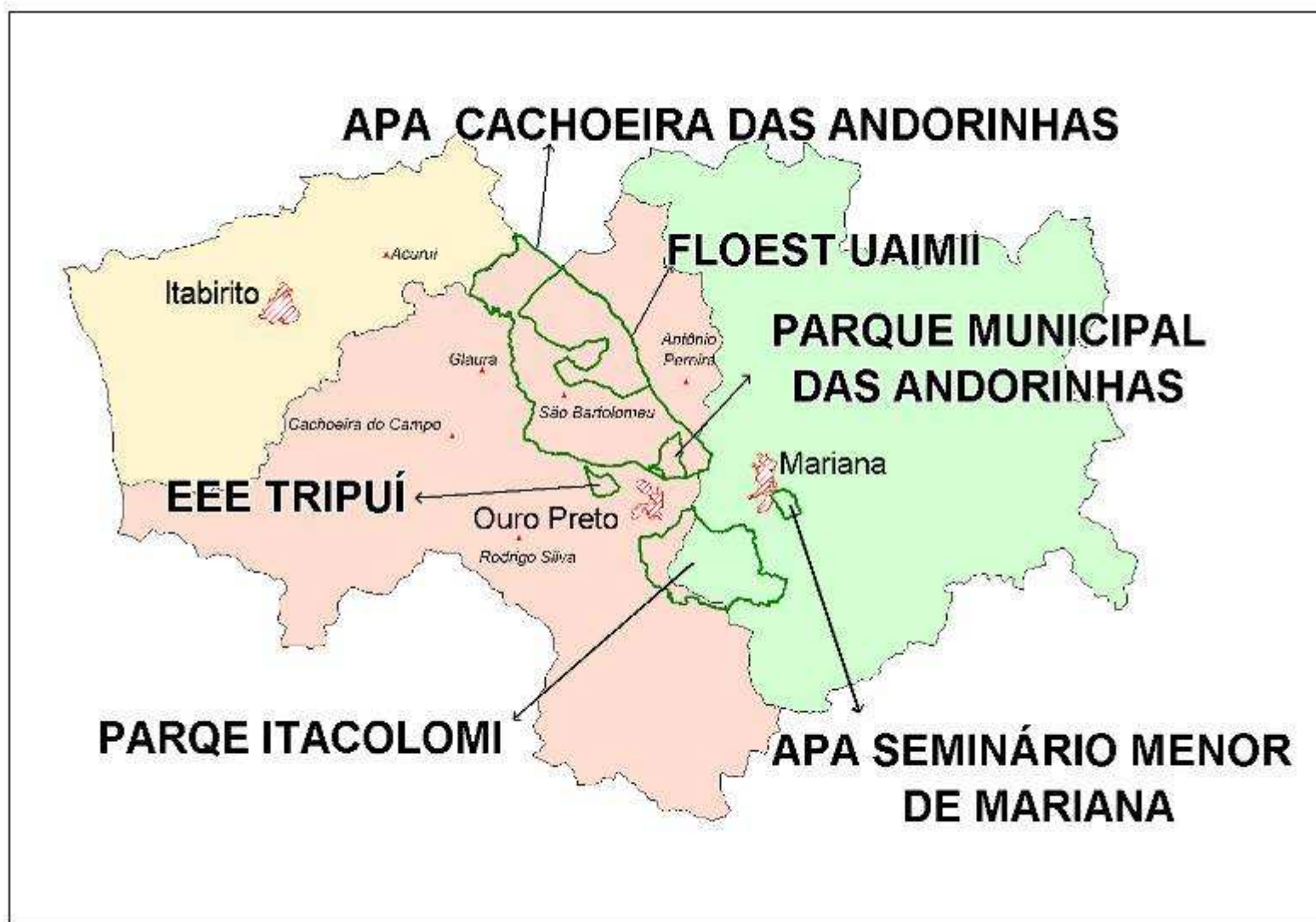


Fotos 5.1, 5.2 e 5.3 – Exemplos de edificações posteriores à segunda metade do século XX.

Autor: Inaiana Barbosa Guerra

Março de 2007

Mapa 8 – APA das Andorinhas



6. DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO

O Inventário das Características Urbano-Arquitetônicas do Distrito de São Bartolomeu foi o norteador na delimitação do perímetro de tombamento. De acordo com as informações históricas, as primeiras ocupações do distrito, as áreas em que os elementos urbano-arquitetônicos são mais significativos e ainda bem preservados e principalmente todas as características que fazem de São Bartolomeu hoje um lugar reconhecidamente especial e singular, onde a proteção dos seus valores passa a ser prioritária.

A Rua do Carmo, primeiro traço na formação de São Bartolomeu, é o principal eixo na delimitação do perímetro, e nela localiza-se o ponto central, marcado na Matriz de São Bartolomeu, bem com proteção individual, tombado pelo IPHAN. Daí estende-se na direção do comprimento dos lotes de ambos os lados da via, visto que a configuração dos lotes é parte do desenho urbano, objeto de preservação e tombamento.

O Rio das Velhas é um elemento simbólico fundamental da formação do arraial. A proteção das suas margens é fundamental, principalmente na região denominada praia, onde eram concentradas as lavras de mineração. Hoje, no gramado da praia, podem ser vistos amontoados de restos de atividade mineradora, potencial certo de preservação do patrimônio arqueológico e, por isso, a área do perímetro atravessa o leito do rio.

Outro elemento norteador na delimitação é a Igreja das Mercês que, de cima do morro, destaca-se no conjunto setecentista. Em direção à saída para Ouro Preto, o perímetro se estende para detrás da igreja.

Os pontos forma medidos com GPS (Global System Position), no sentido leste-oeste, e marcados em coordenadas geodésicas, sendo os seguintes:

A descrição deste imóvel tem início pelo **Marco M1**, deste segue no sentido horário com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **98°15'**, **246°26'** e **201,66m**, até o **Marco M2**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **174°16'**, **252°10'** e **113,82m**, até o **Marco M3**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **148°42'**, **283°28'** e **260,19m**, até o **Marco M4**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **109°20'**, **354°08'** e **662,22m**, até o **Marco M5**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **226°15'**, **307°53'** e **103,28m**, até o **Marco M6**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **110°46'**,

32°01' e **55,68m**, até o **Marco M7**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **136°57'**, **60°10'** e **36,32m**, até o **Marco M8**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **273°17'**, **326°52'** e **114,71m**, até o **Marco M9**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **74°18'**, **72°34'** e **138,11m**, até o **Marco M10**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **174°10'**, **78°09'** e **58,12m**, até o **Marco M11**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **124°09'**, **134°00'** e **192,95m**, até o **Marco M12**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **217°45'**, **96°15'** e **81,15m**, até o ; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **115°17'**, **160°58'** e **49,17m**, até o **Marco M14**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **181°48'**, **159°11'** e **85,18m**, até o **Marco M15**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **236°37'**, **102°34'** e **49,30m**, até o **Marco M16**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **131°28'**, **151°06'** e **99,47m**, até o **Marco M17**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **159°45'**, **171°21'** e **175,73m**, até o **Marco M18**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **213°41'**, **137°04'** e **80,80m**, até o **Marco M19**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **153°00'**, **164°41'** e **298,25m** até o **Marco M1** onde teve início essa descrição, totalizando uma área de **41,9823ha**.

7. DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE ENTORNO DA ÁREA TOMBADA

A Área de Entorno é a área de amortecimento da Área Tombada, tendo em vista a preservação do pano de fundo, ou seja, a paisagem no qual o conjunto urbano se insere. Em São Bartolomeu, assim como alguns dos sítios urbanos do período colonial brasileiro, ainda preservados, o que configura este envolto é a massa verde que recobre os morros. Hoje toda esta área, incluído o próprio perímetro urbano do Distrito, está inserida na APA das Andorinhas, e por isso já preservada legalmente.

O perímetro de entorno foi marcado tendo como referência a poligonal do perímetro de tombamento contornando-o pela parte externa com afastamento de 20 metros da mesma.

A descrição deste perímetro tem início pelo **Marco M20**, deste segue no sentido horário com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **98°15', 246°26' e 219,97m**, até o **Marco M21**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **174°16', 252°10' e 120,42m**, até o **Marco M22**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **148°42', 283°28' e 279,97m**, até o **Marco M23**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **109°20', 354°08' e 667,86m**, até o **Marco M24**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **226°15', 307°53' e 112,79m**, até o **Marco M25**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **110°46', 32°01' e 77,37m**, até o **Marco M26**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **136°57', 72°34' e 23,03m**, até o **Marco M27**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **273°17', 78°09' e 119,92m**, até o **Marco M28**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **74°34', 134°00' e 158,18m**, até o **Marco M29**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **174°10', 96°15' e 77,03m**, até o **Marco M30**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **124°09', 160°58' e 196,71m**, até o **Marco M31**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **217°45', 96°15' e 86,98m**, até o **Marco M32**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **115°17', 160°58' e 61,53m**, até o **Marco M33**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **181°48', 159°11' e 74,09m**, até o **Marco M34**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **236°37', 102°34' e 47,54m**, até o **Marco M35**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **131°28', 151°06' e 112,06m**, até o **Marco M36**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **159°45', 171°21' e 173,25m**, até o **Marco M37**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e

distância de **213°41'**, **137°04'** e **79,55m**, até o **Marco M38**; deste segue com ângulo horizontal interno, azimute e distância de **153°00'**, **164°41'** e **320,36m** até o **Marco M20** onde teve início essa descrição, totalizando uma área de **47,8487ha**.

8. PROPOSTA DE DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO DA ÁREA A SER TOMBADA E ENTORNO

As diretrizes propostas aqui tiveram como base as conclusões geradas na análise das informações obtidas no desenvolvimento do inventário, onde foram observadas e discriminadas as características mais marcantes e significativas do conjunto urbano de São Bartolomeu que, pela sua relevância para a manutenção da memória e cultura locais, e ainda pelas potencialidades de desenvolvimento do distrito, devem ser preservadas. Dentre essas, as características devem ser destacadas: horizontalidade do conjunto e a relação entre a área construída e a área verde, esta última com a presença marcante de vegetação de grande porte, pomares e hortas.

8.1 DIRETRIZES DA ÁREA TOMBADA

8.1.1 O parcelamento do solo não será permitido em toda a área tombada, com o objetivo de evitar o adensamento, prejudicial e incompatível com a preservação do patrimônio Cultural de São Bartolomeu.

8.1.2 A ocupação do solo deverá ser fator de preservação do equilíbrio da relação entre área construída e área livre / verde, aqui representado pelos quintais de fundos dos lotes e a preservação do traçado urbano original de São Bartolomeu:

- Na Rua do Carmo nenhuma edificação poderá ser demolida.
- A **Taxa de Ocupação - TO** - é a relação entre a área de projeção horizontal (em m²) da edificação e a área do terreno (em m²).
- Para toda a área tombada – incluindo-se o setor correspondente à ocupação original do distrito até as linhas de cumeada - a ocupação máxima dos lotes será de **20%** até **40%**, garantindo que pelo menos 60% da sua área permaneça livre, preservando a proporção entre área livre e área construída;
- No trecho inventariado, correspondente ao núcleo original da ocupação do distrito de São Bartolomeu, a **taxa de ocupação – TO - máxima** permitida será de até **20%**, visando manter o padrão de adensamento dos terrenos e lotes dentro de limites próximos aos existentes;
- Nas faixas de terreno que circunscrevem o trecho inventariado (a serem demarcadas), a taxa de ocupação será progressivamente aumentada, até o limite

máximo de 40%, visando preservar as relações entre áreas edificadas e não edificadas e as visadas paisagísticas que configuram a área urbana do distrito;

- A **taxa de ocupação corresponde à projeção total da construção** sobre o terreno, incluindo-se partes já existentes e os acréscimos futuros.
- Para toda a área tombada a taxa mínima de permeabilização, ou seja, a relação entre a área do lote e a área destinada à permanência da vegetação, será de **40%**;
- As edificações novas voltadas para a Rua do Carmo deverão ser alinhadas às demais edificações do conjunto; o afastamento mínimo lateral será de 1,5m e o afastamento de fundo mínimo será de 40% do comprimento médio do lote;
- As edificações já existentes na Rua do Carmo deverão manter um afastamento de fundo mínimo de 40% do comprimento médio do lote e serão áreas não edificantes;
- Nas demais vias, os afastamentos laterais mínimos serão: lateral de 1,5m (um metro e cinqüenta centímetros), fundo de 5m (cinco metros), e frente de 1,5 (um metro e cinqüenta centímetros) que deverão ser destinados para o uso de calçada;
- Para toda a área tombada será permitido o resgate de volumetria original de edificação em ruína ou já desaparecida, desde que isto possa ser comprovado através de fotos e/ou documentos históricos;
- Em caso de construções novas em lotes que possuam ruínas, estas deverão ser consolidadas e preservadas e a nova edificação deverá se harmonizar com as ruínas preexistentes;
- Nas margens do Rio das Velhas, serão permitidas construções apenas com afastamento mínimo de 30 metros das margens;
- Nos morros de acesso à Capela das Mercês e à Capela do Cemitério São Francisco, não será permitida qualquer construção que impeça a sua visão.

8.1.3 O coeficiente de aproveitamento é fator que indica o potencial construtivo do terreno. O potencial construtivo é calculado mediante a multiplicação da área total (em m²) do terreno pelo **Coeficiente de Aproveitamento - CA** - da zona em que se situa.

- O **coeficiente de aproveitamento – CA**, para a área tombada e seu entorno, varia entre o **mínimo** igual a **0,2** e o **máximo** igual a **0,4**, conforme a variação da metragem dos terrenos, dos maiores para os menores

8.1.4 As proporções volumétricas setecentistas, característica do conjunto urbano original, deverão ser prioritariamente preservadas:

- Volumetria da Rua do Carmo e Espírito Santo:

- A volumetria existente hoje, com até dois pavimentos acima do nível da rua, deverá permanecer inalterada, podendo haver acréscimos de fundos, desde que a altura da cumeeira seja menor que a altura da edificação principal e desde que o nível natural do terreno seja mantido, ou seja, que não sejam realizados cortes no terreno para a implantação das novas edificações e acréscimos;
- Todas as novas edificações, voltadas para estas ruas, deverão ter apenas um pavimento acima do nível da rua, com altura máxima de 5m (cinco metros) até a cumeeira;
- Nas demais vias, as edificações novas poderão ter dois pavimentos, desde que a altura máxima total da edificação, até a cumeeira, seja de 8m (oito metros);
- No caso de edificações que causem descaracterização do conjunto urbano, em função de sua volumetria incompatível com a preservação, estas deverão sofrer alterações para se adequarem às características do conjunto;
- As coberturas de todo o perímetro tombado deverão ter forma prismática, com telha curva, em material cerâmico, com inclinação entre 25 e 40% (vinte e cinco e quarenta por cento).

8.1.5 As tipologias originais das edificações e do conjunto em geral deverão ser preservadas e as novas inserções deverão promover a continuidade da harmonia do conjunto:

- O esquema interno, ou seja, divisões internas, sistemas construtivos e revestimentos tradicionais originais deverão ser preservados, podendo haver alterações para a melhoria e atualização das condições de uso, desde que sejam mínimas possíveis;
- Nas ruas do Carmo e Espírito Santo, as fachadas deverão ser preservadas a fim de se manter a relação entre cheios e vazios, ou seja, a proporção entre as áreas de vãos e de parede.
- Nas novas edificações dentro do perímetro tombado, as mesmas proporções entre as áreas de vãos e de parede, marcantes nas edificações do século XVIII e XIX das ruas do Carmo e Espírito Santo, deverão ser respeitadas;
- As cores das fachadas deverão ser escolhidas de tal forma que prevaleça a harmonia do conjunto, ou seja, que uma edificação não se destaque;
- As edificações de tipologia colonial deverão ter parede com cor clara e molduras de vãos e esquadrias cegas com cores fortes e deverão seguir a paleta de cores do

Código de Obras Municipal; em edificações que preservam o pau-a-pique como sistema construtivo, a pintura deverá ser feita a base de cal, não sendo permitidas tintas acrílicas ou PVA;

- Na Rua do Carmo, não serão permitidas construções e inserções de varandas frontais;
- Os terraços abertos, cobertos ou não, não serão permitidos em toda a área tombada. Os existentes deverão ser alterados, com a substituição de telhas de amianto para coberturas prismáticas, com telha cerâmica, e deverão ser fechados de forma a se harmonizarem com o conjunto;
- O coroamento original das edificações do século XVIII e XIX – em grande parte em cachorrada – deverão ser preservados;
- Os fechamentos de fundos deverão ser feitos de tal forma que permita a visibilidade e leitura dos quintais da rua.

8.1.6 O uso residencial unifamiliar permanente deverá ser priorizado, associado ou não a uma outra atividade para garantir a manutenção da dinâmica da cidade:

- Os usos prioritários para a área tombada deverão ser o residencial e o pequeno comércio;
- Não serão permitidos usos que causem incômodo à vizinhança com alta geração de ruídos, ou os que gerem, armazenem produtos combustíveis e altamente inflamáveis que possam causar risco de incêndio;
- Os demais usos serão analisados de acordo com a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo do Município.

8.1.7 Conservar elementos urbanos que apresentam importância referencial, simbólica, histórica e cultural no distrito: visadas para a Matriz, chafariz e as duas bicas, pavimentação das vias, oratórios nas edificações ETC:

- Os chafarizes e bicas não poderão ser retirados do local e deverão estar sempre conservados e em funcionamento, inclusive com água em condições de uso;
- Os oratórios deverão ser mantidos bem conservados e não poderão sofrer qualquer tipo de destruição ou mutilação. Qualquer modificação ou reparo deverá ser comunicado antes ao órgão municipal responsável pela preservação do patrimônio;
- As calçadas da Rua do Carmo deverão ser mantidas em boas condições e o material de revestimento deverá ser laje de pedra;

- Nas vias de rolamento de veículos, a pavimentação deverá ser permeável e com material de forma irregular, ou seja, revestimentos tipo asfalto, laje pré-moldada ETC, não serão permitidos;
- A fiação aérea pública de energia e telecomunicação em toda a área tombada deverá ser substituída pela subterrânea;
- As torres para antenas ERB (torre de telefonia celular) serão permitidas apenas a uma distância mínima de 500m (quinhentos metros) do perímetro de tombamento e desde que não prejudique a preservação da paisagem do conjunto urbano tombado.

8.2 Disposições Gerais:

- Toda e qualquer obra, seja de pintura, restauração, conservação, com alteração de área ou não, deverá ser previamente autorizada pelo órgão municipal responsável pela preservação do patrimônio urbano e arquitetônico;
- Os projetos deverão ser analisados por profissionais especializados e habilitados na área de preservação do patrimônio urbano e arquitetônico;
- Todas as alterações que provocam a descaracterização do conjunto deverão sofrer adequações no prazo máximo de 3 (três) anos;
- Toda supressão de vegetação de grande porte deverá ser previamente autorizada pelo órgão ambiental municipal responsável e pelo órgão responsável pela preservação do patrimônio municipal;
- O coeficiente máximo de aproveitamento não será considerado como parâmetro para a ocupação do solo;
- Deverão ser constantemente executadas políticas públicas municipais que incentivem a preservação das seguintes características:
 - Permanência e plantio concomitante de vegetação de grande porte nos quintais, jardins ornamentais e hortaliças e ervas medicinais;
 - Preservação dos partidos arquitetônicos e sistemas construtivos tradicionais;
- Ações de educação patrimonial e urbana deverão ser prioritárias para o poder público municipal na preservação do patrimônio cultural de São Bartolomeu, assim como as obras de melhoria das condições da infra-estrutura de esgotamento sanitário e drenagem;
- A preservação e conservação de todo o conjunto urbano do distrito de São Bartolomeu, das suas casas e quintais, suas ruas, praças e largos, e de qualquer elemento urbano e natural de importância referencial, simbólica, histórica, cultural e

ambiental deverá ser de responsabilidade conjunta da comunidade local e dos poderes públicos envolvidos.

8.3 Diretrizes para a Área de Entorno do Perímetro Tombado:

8.3.1 Preservar a paisagem de entorno do conjunto urbano tombado:

- Toda e qualquer alteração de ocupação e parcelamento do solo deverá ser previamente autorizada pelos órgãos de preservação competentes;
- A manutenção das principais visadas e perspectivas dos monumentos e conjuntos urbanos, bem como dos mirantes e eixos visuais do conjunto original de São Bartolomeu constitui critério para a definição das diretrizes de intervenção para as novas construções;
- As volumetrias das construções deverão garantir a manutenção da harmonia do conjunto tombado do Distrito de São Bartolomeu, restringindo-se qualquer intervenção que bloqueie as visadas para o conjunto tombado e seus monumentos;
- Os parâmetros de parcelamento, uso e ocupação do solo seguirão os estabelecidos na Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Município de Ouro Preto e nas leis ambientais pertinentes, de acordo com o mapa de zoneamento específico do distrito.

9. DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E FOTOGRÁFICA

9.1 CARTOGRAFIA



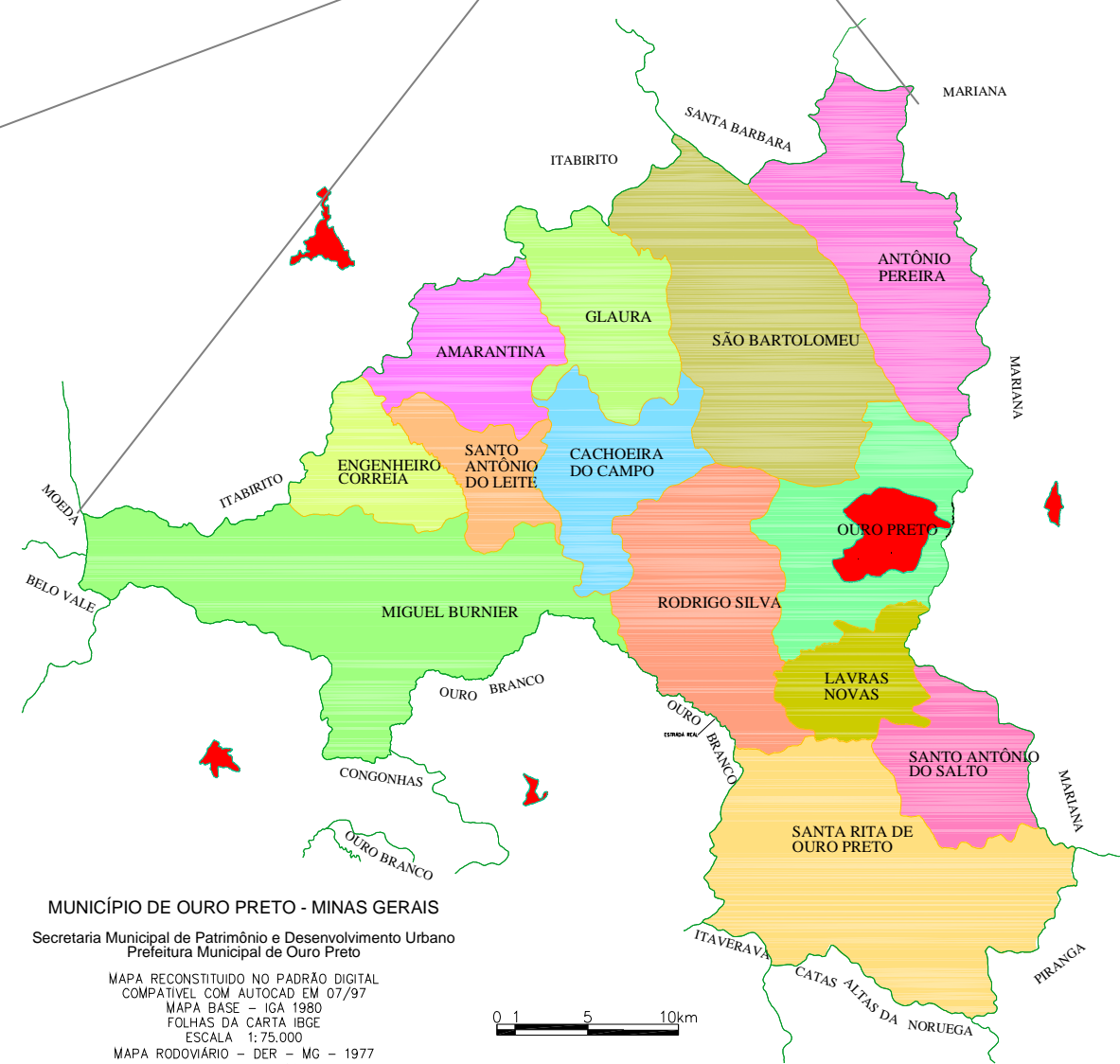
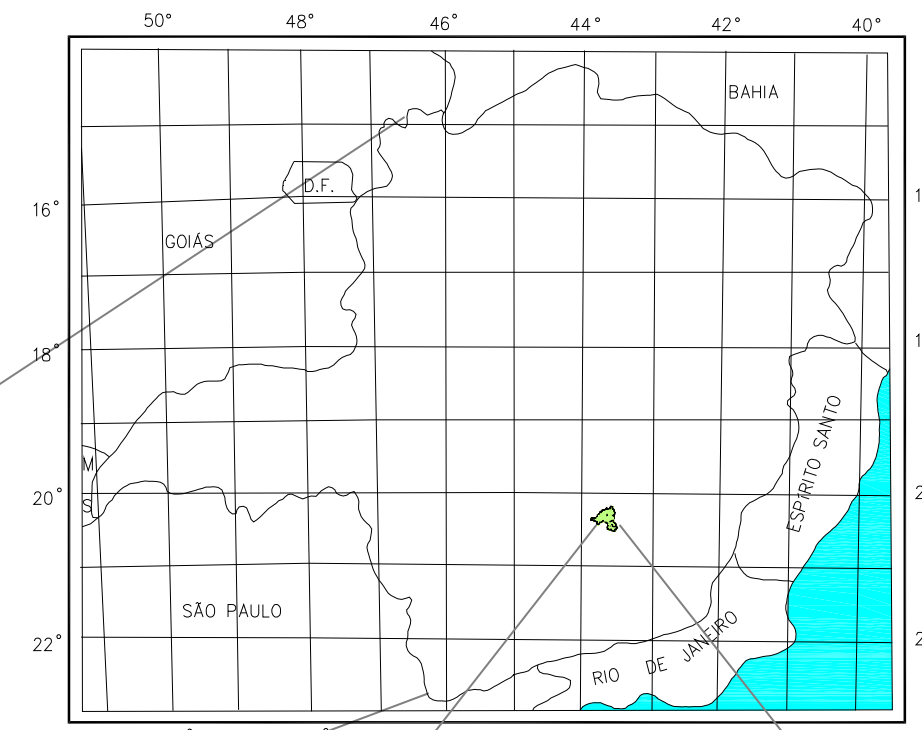
Figura 9.1 – Imagem de satélite do núcleo urbano de São Bartolomeu

Mapa 11

Montagem: Inaiana Barbosa Guerra



SITUAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO

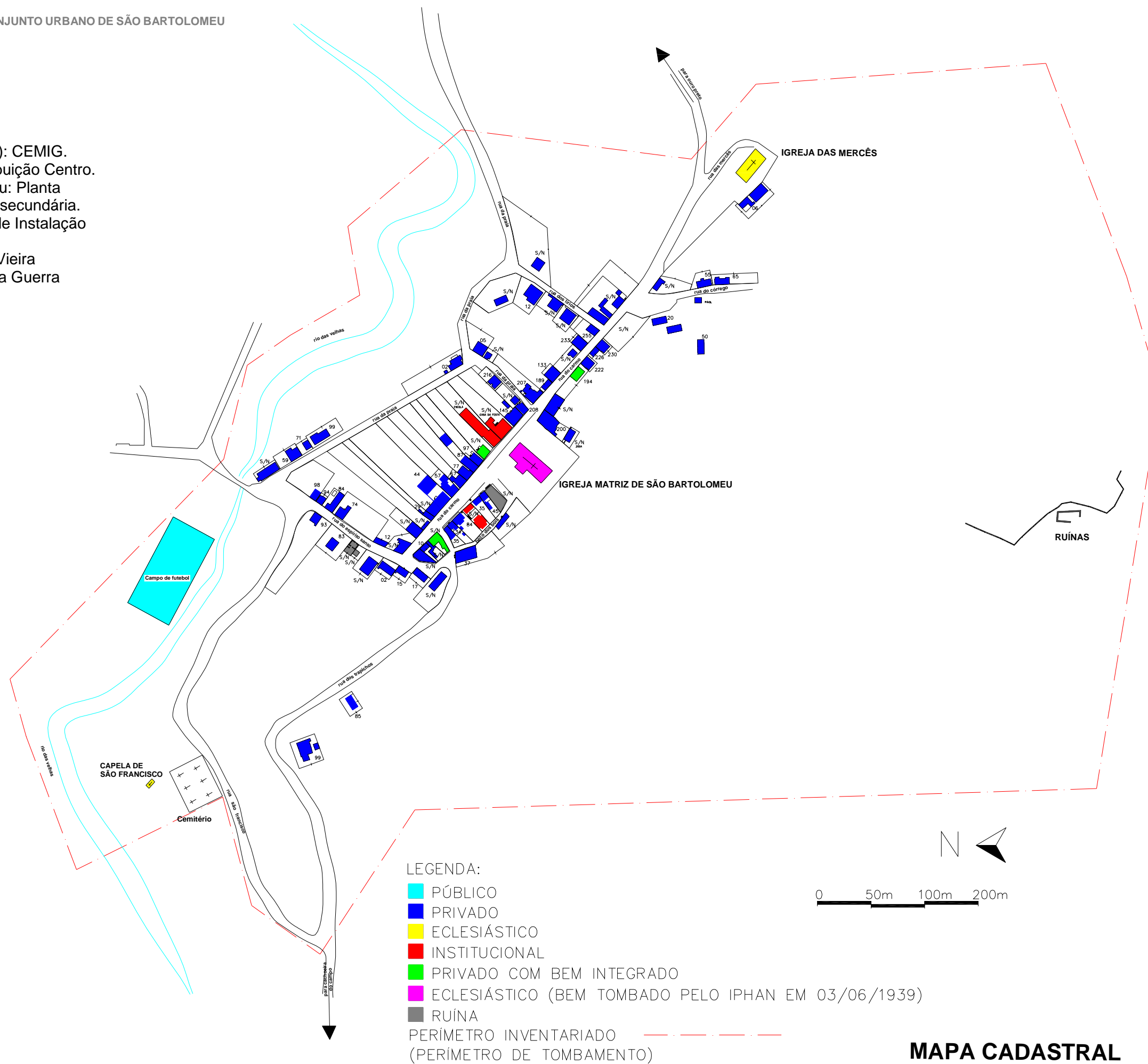


MAPAS DE SITUAÇÃO

- Situação do estado de Minas Gerais no Brasil
- Situação do município de Ouro Preto no Estado
- Situação dos distritos de Ouro Preto no Município

Mapa 13

FONTE (Base Cartográfica): CEMIG.
Superintendência de Distribuição Centro.
Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta
Detalhe de rede primária e secundária.
Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação
Elétrica)
AUTOR: Liliane de Castro Vieira
Montagem: Inaiana Barbosa Guerra



9.2 FOTOGRAFIAS



Foto 9.1 – Vista panorâmica de São Bartolomeu do Adro da Capela de N. Sra. das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.2 – Vista da Rua do Carmo e montanha do entorno, a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.3 – Ruínas de muro no alto da montanha do Rocha, atrás do núcleo urbano.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.4 – Ruínas de edificação no alto da montanha do Rocha, atrás do núcleo urbano.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.5 – Vista panorâmica do núcleo urbano a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.6 – Vista panorâmica do núcleo urbano a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.7 – Vista do núcleo urbano a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês; à direita braço do Rio das Velhas.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.8 – Vista das montanhas do entorno do distrito a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.9 – Vista da ocupação recente do distrito a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.10 – Vista do entorno do distrito a partir da Capela de N. Sra. Das Mercês.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.11 – Vista do distrito a partir da estrada para Cachoeira do Campo.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.12 – Vista aproximada do distrito a partir da estrada para Cachoeira do Campo.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.13 – Vista do Rio das Velhas a partir da ponte de concreto da Rua do Córrego Acima.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.14 – Vista do Rio das Velhas a partir da ponte de concreto da Rua do Córrego Acima.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.15 – Vista da ponte da Rua do Córrego Acima.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.16 – Vista da Rua do Córrego Acima.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.17 – Vista do início da Rua São Francisco.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.18 – Vista do início da Rua do Espírito Santo(subida).
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.19 – Vista da Rua do Espírito Santo (subida).
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.20 – Vista da Rua do Espírito Santo (descida).
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.21 – Vista da Rua da Praia (descida).
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.22 – Vista da Rua da Praia (subida).
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.23 – Vista da Rua da Praia.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.24 – Vista da Rua da Praia; ao fundo
Capela de N. Sra. das Mercês.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.25 – Vista dos fundos dos lotes das casas da Rua do Carmo a partir da Rua da Praia.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.26 – Vista dos fundos dos lotes das casas da Rua do Carmo a partir da Rua da Praia.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.27 – Vista dos fundos dos lotes das casas da Rua do Carmo a partir da Rua da Praia.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.28 – Torres da Matriz vistas a partir da Rua da Praia.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.29 – Rua dos Trapicho (subida).
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.30 – Rua dos Trapichos (descida).
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.31 – Rua dos Lírios.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.32 – Rua do Córrego.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.33 – Beco dos Bois.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.34 – Adro da Matriz.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.35 – Adro da Matriz.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.36 – Igreja Matriz de São Bartolomeu.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.37 – Rua do Carmo; Igreja Matriz de São Bartolomeu.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.38 – Rua do Carmo.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.39 – Detalhe da mureta do adro da Matriz.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.40 – Chafariz da Matriz; Rua do Carmo.
Autor: Cristina Cairo
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.41 – Detalhe de escadaria de pedra.
Autor: Raquel A. Ferreira
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.42 – Rua do Carmo; trecho da Escola Municipal.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.43 – Conjunto de casas da Rua do Carmo.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.44 –Rua do Carmo; Capela das Mercês ao fundo.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.45 –Conjunto de casas da Rua do Carmo.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.46 –Conjunto de casas da Rua do Carmo.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.47 –Conjunto de casas da Rua do Carmo.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.48 –Casarão na Rua do Carmo.
Autor: Bruno Tropia.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.49–Casa da Festa.
Autor: Raquel A. Ferreira.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.50 –Detalhe das portas da Casa da Festa.
Autor: Bruno Tropa.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.51 – Bica na Rua do Córrego.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.52 – Placa indicativa de serviços.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 9.53 – Vista do cemitério com a Capela de São Francisco ao fundo.
Autor: Alex Bohrer.
São Bartolomeu, janeiro de 2007.



Foto 9.54 – Vista da parede feita em pedra.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra.
São Bartolomeu, março de 2007.

10. FICHAS DE INVENTÁRIO

10.1 FICHA DE INFORMAÇÕES GERAIS

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

INFORMAÇÕES GERAIS



Ref.: 10.1.1

Microrregião	Microrregião de Ouro Preto
Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Histórico	<p>O Arraial do Apóstolo São Bartolomeu é dos mais antigos das Minas, sendo seus mais remotos documentos datados de fins do século XVII. Em 02 de fevereiro de 1724 o Arraial foi elevado à Freguesia, compondo juntamente com Antônio Pereira, Cachoeira do Campo e Casa Branca (Glaura) o termo de Ouro Preto. Entre os vestígios remanescentes do período áureo cumpre destacar a Igreja do padroeiro, cujos altares demonstram uma fatura recuada em Estilo Nacional Português, isenta ainda da ornamentação antropomorfa (que está presente na Matriz de Cachoeira, por exemplo). A própria arquitetura desta igreja é prova também da antiguidade do local, sendo a fachada - com suas três janelas, as torres com telhadinho e os cunhais de madeira - típica da primeira 'fase' construtiva que Minas conheceu. Sua fachada e seu interior, bem preservados, nos dão uma idéia de como eram as primeiras igrejas matrizes erguidas com o esforço dos mineradores.</p> <p>No interessante casario preservado neste povoado podemos encontrar certas curiosidades. Em algumas casas, por exemplo, encontram-se raridades do século XVIII e XIX: oratórios públicos inseridos nas construções. Há pelo menos três destes oratórios na rua principal. O casario se estende por uma comprida rua retilínea (certamente projetada), sendo dominada, de um lado, pelo largo da Matriz, com seus muros de arrimo de pedra.</p> <p>Os enormes monturos de cascalho ao longo do Rio das Velhas (a poucos quilômetros das nascentes), as muitas minas e <i>saris</i> (ou sarilhos) indicam a atividade mineradora dos primeiros anos do setecentos. Foi encontrado há poucos anos, perto desses monturos, um delicado estojo de cadinhos, com numeração ainda preservada, usado, ao que parece, na pesagem do ouro.</p> <p>Em agosto a imagem de São Bartolomeu é alvo de romarias vindas de várias partes do Brasil, à procura dos milagres do padroeiro. Na festa do santo apóstolo, o mundo profano se mistura com o sagrado, barracas de jogos e doces se misturam com vendedores de velas e terços. Gente de toda a parte movimentam o pequeno povoado. Esta religiosidade, sempre presente em São Bartolomeu, nos legou várias manifestações culturais.</p> <p>O distrito de São Bartolomeu teve sua formação e consolidação relacionados às lavras de mineração e posteriormente ao fornecimento de víveres aos centros maiores de Vila Rica e Ribeirão do Carmo. A principal atividade econômica exercida atualmente no distrito é a produção de doces caseiros, principalmente a goiabada. Possui povoados e localidades formadas também no século XVIII, muitos deles demarcados por capelas, com fazendas que abasteciam com mantimentos as lavras mineradoras, algumas existentes até hoje, destacando-se a fazenda da casa de tipologia bandeirista na localidade Sítio. Atualmente, porém, nestas fazendas há somente roças e gado para própria subsistência.</p>
Aspectos Naturais	<p>O distrito de São Bartolomeu pertence ao município de Ouro Preto, envolto por belezas naturais e constituído por um conjunto arquitetônico típico das vilas do século XVIII. O Distrito localiza-se no Vale do Rio das Velhas, estando dentro da Unidade de Conservação APA das Andorinhas (Mapa 8) e a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Meio Ambiente, está empenhada em implementar uma Política de Preservação do Patrimônio Natural. O núcleo urbano do distrito situa-se entre a encosta de uma montanha pertencente à Serra de Ouro Preto, parte do conjunto da Serra do Espinhaço, e o Rio das Velhas, caracterizando-se por sua ocupação linear aos pés da encosta, sendo emoldurado por um entorno montanhoso, coberto por vegetação tipo mata atlântica e rico em nascentes, razoavelmente preservado segundo parâmetros paisagísticos e ambientais. Apesar dos desmatamentos sofridos, a mata nativa ainda se faz presente na paisagem, não havendo ocupação dos morros por construções descaracterizantes.</p>
Manifestações Culturais	<p>A festa de São Bartolomeu é integrada com a festa do Divino Espírito Santo, numa investida para poupar esforços e recursos na realização das duas principais</p>

	<p>comemorações do distrito. Nos meses antecedentes à festa, ocorre a visitação da folia do Divino em comunidades, povoados e distritos próximos a São Bartolomeu, para a arrecadação de óbolos e donativos. Os folieiros ou foliões, ao percorrerem as várias localidades, anunciam sua chegada com foguetes e tocando violas são recebidos com hospitalidade pelos moradores locais, que, além de depositarem sua doação na caixa do Divino, oferecem-lhes hospedagem e alimentação. Próxima ao dia de comemoração do padroeiro, 24 de agosto, inicia-se a novena em dedicação a São Bartolomeu e ao Divino Espírito Santo. Essa data é referencial, já que as principais atividades da festa ocorrem no final de semana mais próximo a ela.</p> <p>A festa de Nossa Senhora das Mercês é composta de atividades bastante simples. Todos os anos os festejos acontecem no final de semana mais próximo ao dia 24 de setembro. Nos nove dias anteriores ao fim de semana festivo, faz-se a novena preparatória na Capela das Mercês. A reza conta com poucas pessoas, especialmente mulheres e os mais idosos.</p>
<p>Acervo Arquitetônico e Urbanístico</p>	<p>A estrutura viária atual permanece a mesma do início da formação do distrito, na época colonial. As poucas ruas existentes possuem calçamento em paralelepípedo e pé de moleque, havendo parte do arruamento em terra batida. Os passeios são estreitos, em sua maioria com lajes de pedra, sendo alguns pavimentados com massa de cimento. A tipologia arquitetônica predominante é do início de sua formação, no século XVIII, com casas implantadas no alinhamento da via, de coberturas conformadas por duas ou quatro águas, com telhas curvas e cumeeiras paralelas à rua, vãos com verga reta vedados com folhas cegas em madeira, predominância de cheios sobre vazios, sendo a maioria das edificações térreas, cômodos dispostos em sucessão longitudinal; havendo alguns sobrados na Rua do Carmo. A maior parte das edificações do período colonial concentra-se na Rua do Carmo e na Rua do Espírito Santo; a Rua da Praia teve dois momentos de ocupação, o primeiro no século XVIII e o segundo a partir do século XX. Também podem ser percebidos alguns poucos exemplares do século XIX, com maior número de aberturas nas fachadas, vergas alteadas, pés-direitos mais altos, maior elaboração na disposição interna, com presença de corredor central. O sistema construtivo existente nestas duas épocas também foi preservado, com bases em pedra e alvenarias de pau-a-pique, às vezes em abobe, com também a disposição interna dos cômodos, e os materiais de acabamento: piso tabuado, forros em madeira, pintura branca nas paredes, esquadrias em madeira com pintura em cores escuras, estando praticamente a maioria em bom estado de conservação. As novas construções seguem a volumetria e os parâmetros das primeiras edificações. O distrito caracteriza-se por uma ocupação predominantemente residencial. A configuração tradicional dos terrenos também foi conservada, havendo grandes quintais com pomares, hortas e árvores de grande porte, vistos em bela perspectiva pela Rua da Praia, para onde se voltam os fundos dos lotes da Rua do Carmo. Com a abertura de novas ruas, paralelas às existentes, os fundos dos lotes originais foram transformados em testada, como é o caso da Rua da Praia. O processo de desmembramentos, ocorridos a partir da segunda metade do século XX, teve como consequência a conformação de lotes com dimensões reduzidas, tendendo ao quadrado, como é o caso da Rua dos Lírios, Rua da Praia e parte da Rua do Espírito Santo, onde a taxa de ocupação é alta e a permeabilidade dos terrenos é mínima. Tanto nas edificações mais antigas quanto nas novas, observa-se o costume local da ornamentação frontal das casas com floreiras lineares ao longo das fachadas, conferindo ao distrito agradável aspecto bucólico. A ocupação de áreas além do Rio das Velhas, na parte baixa, é recente, datada do século XX, porém mantém-se o padrão construtivo das edificações antigas, de volumetria simples, gabarito de um pavimento, telhados em duas ou quatro águas, e uso de telhas curvas, implantadas com grande afastamento umas das outras. O arruamento apresenta rede de esgoto instalada, porém não existe rede de drenagem pluvial. O distrito não possui estação de tratamento de esgoto. O núcleo urbano é servido por rede de abastecimento de água, mas sem tratamento. A iluminação pública é feita com postes de fiação aérea. Não há rede de telefonia, nem árvores de grande porte, jardins ou canteiros, nem hidrante. Destacam-se em meio à massa edificada as construções religiosas da Capela de Nossa Senhora das Mercês, situada com destaque no alto da encosta, praticamente sozinha na paisagem, na saída para Ouro Preto; a Igreja Matriz de São Bartolomeu, implantada em adro de patamar elevado no coração do núcleo urbano, tendo à frente um chafariz situado no nível do arruamento e ao lado direito um coreto construído no século XX; e a Capela de São Francisco, pertencente à área do cemitério, localizado na</p>

	outra extremidade do conjunto urbano, próximo à saída para Cachoeira do Campo.
Bens Móveis e Integrados	Os proprietários das edificações que compõe o núcleo histórico de São Bartolomeu não possuem nenhum móvel de valor histórico para o município e somente três dessas residências possuem Bens Integrados – oratórios. Um deles está situado na edificação de esquina entre Rua dos Trapichos e Rua do Carmo e os outros dois estão situados na Rua do Carmo. A igreja Matriz de São Bartolomeu possui vasto acervo de imagens e bens integrados copiosamente trabalhados. A igreja das Mercês possui poucos bens móveis e seus bens integrados são mais simplificados.
Arquivos	Os arquivos existentes são pertencentes ao Cartório local (encontram-se em poder do Fórum da Comarca de Ouro Preto e estão guardados na Casa Stecentista em Ouro Preto), e à Matriz de São Bartolomeu (acondicionados no Arquivo Arquidiocesano de Mariana).
Patrimônio Arqueológico	A mais ou menos três quilômetros do núcleo urbano encontra-se a ruína de uma antiga edificação em pedra, atribuída à primeira capela de devoção à São Bartolomeu, que ficava no alto do morro.
Sítios Naturais	Rio das velhas, cachoeiras do Rio das Velhas e de seus afluentes, Conjunto de montanhas da Serra do Espinhaço.
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\São Bartolomeu\fotos\fotos fichas 10-01-2007 e 02-03-2007
Informações Complementares	A tendência ao adensamento já começa a ser observada, com a construção de novas moradias nos lotes existentes pelos membros de uma mesma família, havendo necessidade de novos loteamentos na área de expansão prevista pelo Plano Diretor, como também de fiscalização e aplicação dos parâmetros das leis de uso e ocupação do solo.
Documentação Fotográfica	<p>Data da foto: 10-01-2007 e 02-03-2007 Autor: Maria Raquel Alves Ferreira Referência: núcleo-f1; núcleo-f2; núcleo-f3; núcleo-f4; núcleo-f5</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Vista da implantação acima da rua do Carmo da Matriz de São Bartolomeu</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Vista da rua da Praia para os fundos dos quintais casas da rua do Carmo</p> </div> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">  </div>

Vista da igreja Nossa senhora das Mercês implantada
no alto da encosta a partir da rua do Carmo



Vista da rua dos Lírios
(piso em terra batida)



Visão da ocupação da rua
Espírito Santo

Ficha Técnica

Lev. Campo: M. Raquel A. Ferreira e Bruno Tropa
Elaboração: Maria Raquel Alves Ferreira

Data: 10/01/2007
Data: 13/02/2007



10.2 FICHA DE CARTOGRAFIA

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL
INFORMAÇÕES GERAIS – CARTOGRAFIA



Ref.: 10.2.1

<i>Município</i>	OURO PRETO		
<i>Distrito</i>	São Bartolomeu		
<i>Plantas Cadastrais</i>	<p>Mapa 11 – MAPA DE SITUAÇÃO: Situação do Estado de Minas Gerais no Brasil; Situação do Município de Ouro Preto no Estado; Situação dos Distritos de Ouro Preto no Município. Escala Gráfica.</p> <p>Mapa 12 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO: Mapa do distrito de São Bartolomeu – Áreas Inventariadas. Escala Gráfica.</p> <p>Mapa 13 – MAPA CADASTRAL: Núcleo Urbano de São Bartolomeu. Escala Gráfica.</p>		
<i>Referências Bibliográficas</i>	<p>Mapa: 11 e 12 – Mapa Base – IGA (Instituto de Geociências Aplicadas da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia) – 1980; Folhas da Carta – IBGE, escala 1:75.000; Mapa Rodoviário – DER-MG – 1977; Trabalho de Campo.</p> <p>13 – Base cartográfica – CEMIG – Superintendência de Distribuição Centro. Ouro Preto: São Bartolomeu: Planta Detalhe de rede primária e secundária. Ouro Preto, 1985. (Planta de Instalação Elétrica).</p>		
<i>Informações complementares</i>	<p>MONTAGEM:</p> <p>11 e 12 – Inaiana Barbosa Guerra – Março de 2007</p> <p>13 – Liliane de Castro Vieira – 2005 e Inaiana Barbosa Guerra – Março de 2007</p>		
<i>Ficha Técnica</i>	<table border="1"> <tr> <td>Inaiana Barbosa Guerra</td> <td>Data: 12/03/2007</td> </tr> </table>	Inaiana Barbosa Guerra	Data: 12/03/2007
Inaiana Barbosa Guerra	Data: 12/03/2007		

10.3 FICHAS DO NÚCLEO URBANO A SER TOMBADO

10.3.1 Fichas do Acervo Religioso

10.3.1.1 – Capela de São Francisco

10.3.1.2 – Capela de N^a S^a das Mercês

10.3.1.3 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Retábulo-mor

10.3.1.4 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Castiçais de banqueta

10.3.1.5 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Quadro com fotografias

10.3.1.6 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Placa INRI

10.3.1.7 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Imagem de Senhor Morto

10.3.1.8 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Imagem de Nosso Senhor dos Passos

10.3.1.9 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Imagem de São Raimundo Nonato

10.3.1.10 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Imagem de São Pedro Nolasco

10.3.1.11 – Acervo Capela de N^a S^a das Mercês – Imagem de Nossa Senhora das Mercês

10.3.1.12 – Igreja Matriz de São Bartolomeu

10.3.1.13 – Acervo Matriz de São Bartolomeu – Imagens e objetos litúrgicos

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL
ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.1.1

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Capela de São Francisco
Endereço	Rua São Francisco
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de Nª Sª de Nazaré de Cachoeira do Campo
Situação de ocupação	Eclesiástica
Uso atual	Culto Religioso
Análise de entorno-situação e ambiência	A Capela de São Francisco está situada no outro extremo do arraial, distante da área urbana original, a pequena Capela de São Francisco era, na verdade, um passo - marco de rotas processionais assim como a Igreja das Mercês.
Documentação fotográfica	<p>Ref: DCS02978; DSC02971; DSC02972; DSC02973; DSC02974; DSC02975; DSC02976; DSC02977</p> <p>Autoria: Alex Fernandes Bohrer</p> <p>Data: 17/01/07</p> <div style="text-align: center;">  <p>Vista da fachada lateral da capela</p>  <p>Vista da fachada frontal e do caminho de acesso à capela</p>  <p>Detalhe da placa de inscrição e datação da fachada principal</p> </div>



Anexo construído aos fundos da capela



Detalhes da parede lateral com reboco e pintura desprendendo



Vistas do cemitério cercado por muro de pedra tipo canjicado

Histórico

Sabe-se que a Capela de São Francisco (precisamente um passo) é apenas uma construção com tipologia simples de função eclesíastica construída em um caminho afastado com ocupação remanescente da segunda metade do século XX.

Descrição

A Capela de São Francisco, no distrito de São Bartolomeu possui características tipológicas simples - semelhante a um passo – como aqueles erigidos na região de Ouro Preto em meados do século XVIII, no período colonial. Sua implantação é em um terreno cuja íngreme topografia dificulta o acesso e, sobressaltado pelo afastamento do sítio urbano, configura o lougradouro onde se situa (Rua São Francisco) num trecho desértico e com a característica de possuir edificações apenas no lado oposto a capela e o cemitério.

A Capela de São Francisco é rodeada por um muro de arame e por uma espécie de jardim sem grandes pretensões paisagísticas, cujo caminho é percorrido por um pequeno alargamento com revestimentos de placas de cerâmica de cor branca e cinza de geometria irregular, cujo acabamento e

	<p>paginação dão-se ao gosto popular (possivelmente uma intervenção da segunda metade do século XX), que direciona-se até a base da capela, sem circundar esta.</p> <p>A Capela de São Francisco possui planta retangular, com diferenciação de largura da nave para a sacristia, numa proporção costumeira de outras edificações similares. A fachada frontal desta possui uma porta simples com duas folhas cegas de abrir, coroada por um pequeno retângulo em madeira com a inscrição e data: "MISSÕES – 4.11.1900" e, acima deste uma pequena abertura em losango, servindo como um primitivo óculo para iluminação, ventilação e decoração (mesmo que singela) do frontão da edificação. As fachadas laterais são praticamente cegas – possuem apenas dois losangos de abertura em ambas laterais, com presença apenas de uma abertura da sacristia – esta última, possivelmente um acréscimo do corpo original da capela.</p> <p>O telhado da nave e da sacristia são de duas águas, com beiral de cachorros e guarda-pó; sendo a telha do tipo cerâmica (capa e canal) e a estrutura em madeira.</p> <p>Quanto a estrutura constata-se o pau-a-pique em algumas paredes e alvenaria de tijolos em outras, inclusive nos acréscimos. A cruz é de concreto. As cores predominantes são: o azul escuro nas portas, molduras e cunhais e o branco no acabamento das fachadas.</p> <p>O Cemitério da capela São Francisco é de configuração bastante simples; com presença apenas de uma cruz em destaques, jazigos gramados e ausência de lápides ou qualquer outro artifício da arquitetura fúnebre. Este mesmo é cercado por um baixo muro de pedras e tijolos.</p>		
Proteção legal existente	Nenhuma		
Proteção legal proposta	Tombamento Municipal do Núcleo Urbano		
Estado de conservação	Razoável		
Análise do estado de conservação	Alvenarias com reboco apresentando estufamento e se desprendendo; pintura com sujidade e também se desprendendo.		
Fatores de degradação	Falta de manutenção preventiva; ação de intempéries.		
Medidas de conservação	Execução de pequenas obras de conservação permanentes, como remoção de trechos do reboco deteriorado, substituindo-o por um novo com os mesmos traços do original, remoção da pintura deteriorada e execução de nova caiacção. Restauração dos elementos artísticos integrados, conforme projeto específico. Vistorias permanentes para averiguar o estado de conservação das estruturas, acabamentos e elementos integrados.		
Intervenções – Responsável/Data	Construção de um anexo aos fundos da capela – obra realizada pela própria comunidade/ Séc. XX.		
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007		
Informações complementares Entrevistas	Não há informações complementares		
Ficha Técnica	<table border="1"> <tr> <td>Lev. Campo: Elaboração: Bruno Tropia Caldas</td> <td>Data: 17/01/2007 Data: 23/02/2007</td> </tr> </table>	Lev. Campo: Elaboração: Bruno Tropia Caldas	Data: 17/01/2007 Data: 23/02/2007
Lev. Campo: Elaboração: Bruno Tropia Caldas	Data: 17/01/2007 Data: 23/02/2007		

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.1.2

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro da Capela das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Situação de ocupação	Própria
Uso atual	Culto Religioso
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>A Capela de N^a S^a das Mercês situa-se no alto de um morro com declividade bastante acentuada. Sua localização é provavelmente de cunho urbano-paisagístico, visto o destaque de seu sítio diante a cidade de São Bartolomeu.</p> <p>Na área de entorno imediato pode-se notar a presença de um cruzeiro junto à fachada frontal da capela, um adro gramado com uma antiga escadaria em uma das perspectivas e um pequeno conjunto de casas na lateral direita da construção.</p> <p>Da vista privilegiada, alcança-se todo o sítio urbano e os desdobramentos topográficos mais ao longe.</p>
Documentação fotográfica	<p>Ref: Imagem 136; Imagem 129; DSC02908; DSC02898; DSC02898; DSC04412; DSC02974; DSC02906; DSC04558; DSC04556; DSC04559; DSC04562; DSC04561; DSC04563</p> <p>Fotografias: Bruno Tropia Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira</p> <p>Data: 10/01/07</p> <div style="text-align: center;">  <p>Fachada frontal e vista da ladeira das Mercês</p>  <p>Vista da escadaria de pedra que acessa à capela</p> </div>



Visada panorâmica de São Bartolomeu a partir do Adro da Capela das Mercês e vista da Capela de Nª Sª das Mercês



Vista da fachada posterior da Capela das Mercês e detalhe do pináculo.



Vista do coro e vista do púlpito



Vista do arco-cruzeiro e detalhe do entablamento do mesmo

	 <p>Detalhe da mesa frontal com imagem de N. Sr. Morto de portas fechadas (época da quaresma) e detalhe da pia batismal na capela-mor</p>
<p>Histórico</p>	<p>Sabe-se que a construção da Capela das Mercês foi iniciada em 1772, no alto de bonita colina. Segundo o documento produzido pelos Visitadores de 1822 (documento já citado) ela estava "por acabar, há 40 anos começada" o que confirma a data acima e mostra a letargia das obras em um povoado que já estava engolfado em relativa estagnação. A paragem em que ela se localiza é de belo efeito paisagístico. Íngreme ladeira, anteriormente calçada, leva até uma velha escadaria de pedra, muito pitoresca.</p>
<p>Descrição</p>	<p>A fachada, em frontão simples triangular, desprovida de torres, não possui ornamentação artística. O frontispício é caracterizado por dois simples cunhais de pedra (pintados) nas extremidades, uma portada central com folhas cegas de abrir, duas sacadas com peitoril entalado, com duas folhas cegas de abrir cada e, mais acima, um óculo simples. O coroamento dá-se por um beiral de cachorros e guarda-pó com a elevação de uma cruz de madeira no alto.</p> <p>Tem lateralmente dois puxados dos corredores que levam da nave à sacristia, colocada transversalmente, nos fundos. Possui pequeno, mas expressivo acervo imaginário, cabendo ressaltar o pungente Senhor dos Passos, guardado em armário próprio na sacristia (Apesar de restauração amadora que lhe desfigurou grandemente a face e as mãos, esta imagem apresenta detalhes interessantes: as volutas formadas pela barba, desencontradas no queixo, e os bigodes, saindo quase da narina, além dos olhos amendoados, nos fazem pensar numa obra ligada à 'escola' do Aleijadinho. Pelas características a datamos de fins do século XVIII e início do XIX).</p> <p>O altar-mor, muito alterado, revela superposições posteriores e colorido mais recente. Há poucos anos a igreja teve seu piso de madeira todo retirado e substituído por piso moderno, de cerâmica, o que causa impacto visual negativo. Dos elementos arquitetônicos, observa-se ainda a presença de quatro pináculos de pedra sobre os cunhais das fachadas posteriores; vê-se também um acabamento em cimalha dos dois escalonamentos das alturas dos telhados.</p> <p>Esta igreja era marco principal para procissões, estando localizada estrategicamente, atendendo ao culto festivo do arraial.</p>
<p>Proteção legal existente</p>	<p>Nenhuma</p>
<p>Proteção legal proposta</p>	<p>Tombamento Municipal do Núcleo Urbano</p>
<p>Estado de conservação</p>	<p>Bom</p>
<p>Análise do estado de conservação</p>	<p>Alvenarias com reboco apresentando estufamento e se desprendendo; pintura com sujidade generalizada, manchas de umidade e desprendimento. Os bens integrados encontram-se com repintura.</p>
<p>Fatores de degradação</p>	<p>Falta de manutenção permanente; ação de intempéries. Intervenções sem critério nos elementos artísticos.</p>
<p>Medidas de conservação</p>	<p>Execução de pequenas obras de conservação permanentes, como remoção de trechos do reboco deteriorado, substituindo-o por um novo com os mesmos traços do original, remoção da pintura deteriorada e execução de nova caiacção. Vistorias permanentes para averiguar a integridade das estruturas. Restauração dos elementos artísticos integrados, conforme projeto específico.</p>
<p>Intervenções – Responsável/Data</p>	<p>Construção e intervenção dos corredores laterais à nave que levam à sacristia, e a substituição de todo o piso da igreja, com a retirada do tabuado e outros materiais originais, substituídos por uma cerâmica cinza de gosto duvidoso/ Séc. XX</p>


Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
Informações complementares Entrevistas	Não há informações complementares	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Bruno Tropa Caldas e Maria Raquel Alves ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas	Data: 17/01/2007 Data: 23/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS INTEGRADOS



Ref.: 10.3.1.3

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro da Capela das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Retábulo-mor
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Elemento Integrado
Época	Século XVIII
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Ateliês locais existentes na época da execução do retábulo
Material/técnica	Madeira / recorte, encaixe, entalhe; tinta/policromia.
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há marcas e/ou legendas
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02874; DSC02889; DSC02890 Fotografia: Maria Raquel Alves Ferreira Data: 10/01/07</p>  <p>Vista do Retábulo-mor</p>



Detalhe do embasamento e de coluna do Retábulo-mor

Descrição

Retábulo datado do século XVIII, do estilo nacional português com influências do gosto popular, estruturado em base formada por painéis de seção retangular; sacrário baixo e estreito; sustentação em par de quartelões com adornos fitomórfos e colunas torsas com elementos fitomórfos e antropomorfos; coroamento em arcos concêntricos adornados com figuras fitomórfas, encimado por escudo da Ordem de N^a S^a das Mercês. Possui composição típica do período barroco, com exuberância de ornamentação escultórica nas pilastras e colunas. Os painéis parietais do camarim são adornados por talha em alto relevo com policromia. A mesa frontal é conformada por uma caixa de vidro com moldura em madeira pintada na parte superior de cor azul e na parte inferior apresentada em estado natural, de volumetria retangular, contendo a imagem do Cristo Morto deitado no seu interior; no topo do móvel um recorte para encaixe de uma pedra. Registro inferior em dois pares de quartelões entalhados em madeira com adornos fitomórfos repintados (ao gosto popular) em verde, rosa, vermelho, branco, azul e amarelo; painéis igualmente tratados também com a mesma repintura e entalhes. Sacrário com porta ovalada com moldura de entalhes fitomórfos e antropomorfos, coroamento arqueado, possuindo em seu centro escudo da Ordem de N^a S^a das Mercês entalhado com desenhos fitomórfos mais sutis com repintura ao mesmo gosto do conjunto.

Na parte superior do retábulo-mor, juntamente com o escudo, nas partes laterais e de modo simétrico, desenvolvem as arquivoltas com desenho simples, possuindo apenas um margeamento em azul e vermelho, com o preenchimento central em branco; quanto aos arcos concêntricos, estes se desenvolvem de maneira entalhada ao estilo fitomórfos com policromia. Unindo estes e direcionando ao camarim, estão os raios que, ora são estriados, ora são fitomórfos. Os painéis parietais do camarim possuem frisos centrais que separam dois níveis de ornamentação com voltas e arquivoltas de entalhes fitomórfos. O trono do retábulo-mor é mais singelo em número de ornatos diante todo o conjunto. Este se mostra com a base com ornamentação – seguindo o mesmo gosto e estilo do restante – mais acima tem-se um oratório repintado em branco, dourado e azul com a conformação geométrica de 4 faces; sendo a posterior cega e as laterais e central armadas em vidro, armação esta que protegia a imagem acolhida. Acima do oratório, há uma espécie de baldaquim na cor branca com as inscrições S, V, M, pintadas em rosa e sobre o V, uma simples cruz de madeira pintada em azul.

Condições de segurança

Regular

Proteção legal existente

Nenhuma

Dimensões

Altura: 4,00m; Largura: 3,00m; Profundidade: 0,80m

Estado de conservação

Ruim

Análise do estado de conservação

O retábulo-mor encontra-se com a policromia totalmente descaracterizada. A alteração das cores fazem com que se tem uma outra impressão do estilo nacional português e infiltra-o ainda mais na hipótese de uma grande intervenção popular durante sua construção e mais recentemente na sua repintura.

Vê-se ainda um afundamento e deslocamento dos entalhes. Principalmente na parte

	superior (arquivoltas, raios e arcos concêntricos). Colocando em grande risco a salvaguarda do retábulo-mor. Percebe-se ainda descascamentos gerais e ação de térmitas e a ausência de certos entalhes e frisos.	
<i>Intervenções – Responsável/Data</i>	Repintura da talha do retábulo-mor	
<i>Características técnicas</i>	Retábulo-mor em madeira esculpido, entalhado e trabalhado com encaixes e acréscimos gerais e concluído com policromia (atualmente descaracterizada).	
<i>Características estilísticas</i>	Retábulo bastante alterado mas que ainda assim deixa entrever partes de fatura muito antiga. Suas colunas em espiral e as arquivoltas concêntricas (neste caso muito separadas para abrigar os nichos) mostram filiação ao Estilo Nacional Português. nas proximidades do sacrário encontramos cariátides bem à moda das encontradas no altar-mor de Nazaré de Cachoeira do Campo, renunciando ambas criações o joanino.	
<i>Características iconográficas</i>	Apresenta todos atributos comuns neste tipo de criação portuguesa: folhas de acanto, fênix, parreiras etc.	
<i>Dados históricos</i>	Não existem dados precisos sobre a confecção deste altar específico.	
<i>Referências Bibliográficas</i>	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
<i>Informações complementares</i>	Não há informações complementares	
<i>Ficha Técnica</i>	Lev. Campo: Bruno Tropa Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 22/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.4

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Castiçal de Banqueta
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Objeto de iluminação
Época	Século XX - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Desconhecida.
Procedência	Desconhecida.
Material/técnica	Ferro com liga metálica
Marcas/ inscrições/ legendas	Possui 3 imagens de Cristo nas laterais da base prismática.
Documentação fotográfica	<p>Castiçal de Banqueta – Capela de N^a S^a das Mercês Fotografia: Maria Raquel Alves Ferreira Data: 10/01/07</p> 
Descrição	<p>Trata-se de um conjunto de 2 Castiçais de Banqueta de ferro com liga metálica modelada.</p> <p>A base tem a conformação de um prisma com base triangular, cujos os lados possuem um alto-relevo da imagem santificado de Nosso Senhor Jesus Cristo inscrito em um trapézio simples. A mesma base é caracterizada por três patas aladas, que continuam numa ornamentação até abaixo da face de Cristo. Após a base há um elemento torneado com pequenos frisos que culmina no início da coluna trabalhada com um estriamento que se dá com um diâmetro maior afinando-se sutilmente até o topo, onde acontece novo torneamento, coroando por vez a peça até o suporte para a vela.</p>
Condições de segurança	Razoáveis
Proteção legal existente	Nenhuma
Dimensões	H: 67cm ; B: 17cm x 17cm x 17cm


<i>Estado de Conservação</i>	Razoável	
<i>Análise do estado de conservação</i>	Possuem alguns descascamentos e certo acúmulo de sujeiras.	
<i>Intervenções – Responsável/Data</i>	Sem intervenções	
<i>Características técnicas</i>	Peça confeccionada em metal, moldada, fundida.	
<i>Características estilísticas</i>	Peças de ferro, sobre peanha enfeitada	
<i>Características iconográficas</i>	Não apresenta características iconográficas específicas.	
<i>Dados históricos</i>	Não há dados históricos sobre estas peças específicas.	
<i>Referências Bibliográficas</i>	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
<i>Informações complementares</i>	Não há informações complementares	
<i>Ficha Técnica</i>	Lev. Campo: Bruno Tropa Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.5

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Quadro com fotografias
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Fotografia
Época	Primeira metade do século XX.
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Laboratório fotográfico local, existente na época da foto
Material/técnica	Conjunto de 3 fotografias em preto e branco molduradas em madeira de cor escura e vidro.
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há marca e/ou inscrição
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02877 Fotografia: Bruno Tropia Caldas Data: 10/01/07</p>  <p>Fotografia de fiéis de Nossa Senhora das Mercês</p>
Descrição	Trata-se de um pequeno quadro de madeira escura e vidro contendo 3 fotografias em preto e branco com uma imagem de duas crianças vestidas com roupas de cunho religioso ladeando uma santa apoiada sobre uma banquetela margeadas pelo molduramento da portada da Capela de N ^a S ^a das Mercês durante uma festividade religiosa. Ambas fotografias laterais possuem semelhantes características, ou seja, crianças que participam de atividades religiosas.
Condições de segurança	Razoáveis
Proteção legal existente	Nenhuma
Dimensões	15cm x 25cm
Estado de conservação	Razoável
Análise do estado de conservação	Suporte de papel apodrecido e se desfazendo; fotografia com manchas e lacunas na imagem.
Intervenções – Responsável/Data	Sem intervenções
Características técnicas	Impressão em preto e branco em papel fotográfico. Primeira metade do século XX.
Características estilísticas	Manifestação religiosa de culto católico


<i>Características iconográficas</i>	Meninas com vestidos brancos e véus sobre a cabeça, segurando uma vela na mão direita e um livrinho de orações na mão esquerda, simbolizando a iluminação espiritual adquirida com a graça recedida pelos sacramentos.	
<i>Dados históricos</i>	As fotografias registram paroquianas que receberam o sacramento da primeira comunhão, datadas do início do século XX.	
<i>Referências Bibliográficas</i>	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
<i>Informações complementares</i>	Não há informações complementares	
<i>Ficha Técnica</i>	Lev. Campo: Bruno Tropa Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.6

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Placa INRI
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Atributo de imaginária
Época	Século XVIII - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Ouro Preto
Procedência	Ateliê local existente na época da confecção da peça
Material/técnica	Madeira e apoio de ferro.
Marcas/ inscrições/ legendas	Possui inscrição central: INRI (Jesus de Nazaré Rei dos Judeus)
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02884 Fotografia: Bruno Tropia Caldas Data: 10/01/07</p>  <p>Placa INRI</p>
Descrição	Trata-se de uma placa INRI em madeira com distribuição ornamental simétrica com apoio em ferro.
Condições de segurança	Razoáveis
Proteção legal existente	Nenhuma
Dimensões	H: 25cm ; L: 40cm e H (apoio de ferro): 14cm
Estado de conservação	Bom
Análise do estado de conservação	Não se aplica
Intervenções – Responsável/Data	Sem intervenções
Características técnicas	Peça esculpida em madeira com policromia nas cores amarelo, laranja e marrom.
Características estilísticas	Placa com ornamentação tipicamente barroca com volutas e curvas interrompidas.


<i>Características iconográficas</i>	A placa condenatória INRI (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus) é um dos símbolos mais importantes do cristianismo. Consta ser a placa que arrematou a cruz de Cristo no calvário.	
<i>Dados históricos</i>	Não há dados históricos sobre esta peça específica.	
<i>Referências Bibliográficas</i>	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
<i>Informações complementares</i>	Não há informações complementares	
<i>Ficha Técnica</i>	Lev. Campo: Bruno Tropa Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.7

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Senhor Morto
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Imaginária
Época	Século XVIII - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Ateliê local existente na época da confecção da imagem
Material/técnica	Madeira policromada esculpida
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há nenhuma marca e/ou inscrição.
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02878 Fotografia: Bruno Tropia Caldas Data: 10/01/07</p> 
Descrição	<p>Imagem masculina jovem, deitada em posição dorsal, cabeça levemente inclinada, voltada para frente, olhos cerrados; rosto magro, ovalado, com carnação tipo pele clara, testa marcada longitudinalmente por ferimentos e sangue escorrendo, pálpebras demarcadas, cílios e sobrancelhas pintadas; nariz fino, boca serrada com lábios pequenos em rosa claro, bigode encontrando com a barba bipartida. Está com as pernas e braços estendidos; palmas das mãos voltadas para cima, com os dedos levemente contraídos; pé esquerdo sobreposto sobre o direito. Os braços são articulados na altura dos ombros. Apresenta pintura em vermelho vivo representado ferimentos e escorrimento de sangue pelo corpo, na testa, nos ombros, nas palmas das mãos, nos joelhos, no dorso dos pés e especialmente no lado direito do peito. Veste perizônio branco atado com nó frontal, com a ponta do panejamento estendendo-se até as coxas.</p>
Condições de segurança	Razoáveis
Proteção legal existente	Nenhuma

<i>Estado de conservação</i>	Razoável	
<i>Análise do estado de conservação</i>	Peça com trincas e perda de partes do suporte; policromia desprendendo, havendo lacunas.	
<i>Intervenções – Responsável/Data</i>	Sem intervenções	
<i>Características técnicas</i>	Imagem esculpida em madeira, com 2 membros superiores e 1 membro inferior articulados; acabamento em policromia.	
<i>Características estilísticas</i>	Imagem colonial articulada	
<i>Características iconográficas</i>	O culto ao Senhor Morto é de larga abrangência nas Minas. Geralmente possui os braços moveis, posto que é o mesmo Senhor da Cruz, utilizado na Sexta-Feira da Paixão, no descentimento da cruz.	
<i>Dados históricos</i>	Não há dados históricos sobre esta peça específica.	
<i>Referências Bibliográficas</i>	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
<i>Informações complementares</i>	Não há informações complementares	
<i>Ficha Técnica</i>	Lev. Campo: Bruno Tropa Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropa Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS




Ref.: 10.3.1.8

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Nosso Senhor dos Passos
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Imagem de roca
Época	Século XVIII - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Ateliê local existente na época da confecção da imagem
Material/técnica	Madeira policromada esculpida
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há nenhuma marca e/ou inscrição.
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02896; DSC02897 Fotografia: Maria Raquel Alves Ferreira Data: 10/01/07</p>  <p>Detalhe da Imagem</p>



Detalhe da face de Nosso Senhor

	 <p>Detalhe da face de Nosso Senhor</p>	
Descrição	Trata-se de uma imagem de roca de Nosso Senhor dos Passos na posição ajoelhada, coberto por uma túnica de cor roxa e uma corda amarrada do pescoço. A imagem, apesar de ser atribuída ao século XVIII foi descaracterizada por repinturas.	
Condições de segurança	Razoáveis	
Proteção legal existente	Nenhuma	
Dimensões	H: 1,35cm ; B: 102cm x 39cm	
Estado de conservação	Razoável	
Análise do estado de conservação	Peça com repinturas que descaracterizaram sua originalidade.	
Intervenções – Responsável/Data	Realização de repinturas ao longo dos anos.	
Características técnicas	Imagem esculpida em madeira, tronco semi-esculpido, montada em partes, com braços, pernas e joelhos articulados, com policromia.	
Características estilísticas	Imagem colonial de roca	
Características iconográficas	O culto ao Senhor dos Passos tem especial trajetória nas Minas. Geralmente, nas mais antigas criações, é uma imagem de roca, com vestes vermelhas ou roxas. Na Procissão do Encontro, carrega a cruz às costas. Possui o rosto ensanguentado e a coroa de espinhos.	
Dados históricos	Não há dados históricos sobre esta peça específica.	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
Informações complementares	Não há informações complementares	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Bruno Tropia Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropia Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.9

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	São Raimundo Nonato
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Imagem de roca
Época	Século XVIII - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Ateliê local existente na época da confecção da imagem
Material/técnica	Madeira esculpida, com policromia e carnação
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há nenhuma marca e/ou inscrição.
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02871; DSC02882; DSC02883; DSC02881 Fotografia: Maria Raquel Alves Ferreira Data: 10/01/07</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">Vista frontal e posterior de São Raimundo Nonato</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">Detalhes da imagem de São Raimundo Nonato</p>

Descrição	<p>Trata-se de um santo de roca composto por cabeça e tórax esculpido na mesma peça, braços presos ao tórax por adição de tampo de madeira e cravos de madeira, no final do tórax fixa-se ripas verticais presas até a base entre as laterais uma madeira horizontal presa, cabeça ligeiramente inclinada para a direita, cabelo pintado na própria madeira com careca na parte posterior, sobancelhas marcadas, delineada e arqueadas em preto, nariz reto e afilado, narinas abertas, olhos de massa abertos e esbugalhados para fora, rosto quadrado, boca fechada, ligeiramente arqueada para baixo, pintada de vermelho, queixo pontiagudo, pescoço longo e liso, barba linear ao maxilar terminando num cavanhaque e ligeira barbicha com traços curvos. Braços encaixados no superior e no antebraço, com adição de rótulas. Pés fixos na base do santo.</p> <p>O santo é coberto por uma túnica vermelha (não original) lisa e sem elementos decorativos.</p> <p>O santo segura uma palma de madeira na mão esquerda.</p>	
Condições de segurança	Razoáveis	
Proteção legal existente	Nenhuma	
Dimensões	H: 1,52cm ; B (ombro): 40cm B: 35cm	
Estado de conservação	Razoável	
Análise do estado de conservação	Peça com policromia desprendendo-se, havendo lacunas, principalmente na região da cabeça.	
Intervenções – Responsável/Data	Provável repintura e substituição da túnica (atualmente vermelha e sem elementos decorativos)/ Século XX.	
Características técnicas	Imagem esculpida em madeira, formada por várias partes, com policromia. Armação em ripas verticais, busto semi-esculpido, com articulações nos braços e pés fixos na base.	
Características estilísticas	Imagem colonial de roca	
Características iconográficas	Típico santo carmelita. Apresenta neste caso vestes vermelhas e a palma. Por análise iconografica percebe-se seu parentesco estilístico e iconografico com seu congener, São Pedro de Nolasco.	
Dados históricos	Não há dados históricos sobre esta peça específica.	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
Informações complementares	Sem informações complementares	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Bruno Tropia Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropia Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.10

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de N ^a S ^a das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de N ^a S ^a de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	São Pedro de Nolasco
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Imagem de roca
Época	Século XVIII - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Ateliê local existente na época da confecção da imagem
Material/técnica	Madeira esculpida com policromia e carnação
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há nenhuma marca e/ou inscrição.
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02872; DSC02887; DSC02885; DSC02886 Fotografia: Maria Raquel Alves Ferreira Data: 10/01/07</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">Vista frontal e posterior de São Pedro de Nolasco</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="text-align: center;">Detalhes da imagem de São Pedro de Nolasco</p>

Descrição	<p>Trata-se de um santo de roca composto por cabeça e tórax esculpido na mesma peça, braços presos ao tórax por adição de tampo de madeira e cravos de madeira, no final do tórax fixa-se ripas verticais presas até a base entre as laterais uma madeira horizontal presa, cabeça ligeiramente inclinada para a direita, cabelo pintado na própria madeira com careca na parte posterior, sobancelhas marcadas, delineada e arqueadas em preto, nariz reto e afilado, narinas abertas, olhos de massa abertos e esbugalhados para fora, rosto quadrado, boca fechada, ligeiramente arqueada para baixo, pintada de vermelho, queixo pontiagudo, pescoço longo e liso, barba linear ao maxilar terminando num cavanhaque e ligeira barbicha com traços curvos. Braços encaixados no superior e no antebraço, com adição de rótulas. Pés fixos na base do santo.</p> <p>O santo é coberto por uma túnica branca (não original) lisa e sem elementos decorativos e uma sobre-túnica de cor bege.</p> <p>O santo segura uma palma de madeira na mão esquerda.</p>	
Condições de segurança	Razoáveis	
Proteção legal existente	Nenhuma	
Dimensões	H: 1,52cm ; B (ombro): 40cm B: 35cm	
Estado de Conservação	Razoável	
Análise do estado de conservação	Apresenta algumas fissuras e perdas de suporte; policromia desprendendo-se, havendo lacunas.	
Intervenções – Responsável/Data	Provável repintura e substituição da túnica (atualmente vermelha e sem elementos decorativos)	
Características técnicas	Imagem esculpida em madeira, formada por várias partes, com policromia. Armação em ripas verticais, busto semi-esculpido, com articulações nos braços e pés fixos na base.	
Características estilísticas	Imagem colonial de roca	
Características iconográficas	Na arte litúrgica São Pedro de Nolasco é apresentado como um velho homem com o habito branco de Mercedário; outras imagens possuem as armas de Aragon no peito, segurando um sino com a imagem da Virgem 2) com o rei vendo um grande sino com a imagem da virgem 3) com a virgem dando a ele o escapulário 4) segurando uma corrente com vários escravos 5) com a visão do céu dado a ele por um anjo 6) tendo a visão de São Pedro crucificado de cabeça para baixo.	
Dados históricos	Não há dados históricos sobre esta peça específica.	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
Informações complementares	Sem informações complementares	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Bruno Tropia Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropia Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL
BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.11

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Capela de Nª Sª das Mercês
Endereço	Adro das Mercês
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de Nª Sª de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Nossa Senhora das Mercês
Localização específica	Capela-mor
Espécie	Imagem de roca
Época	Século XVIII - Atribuição
Autoria	Autor desconhecido
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Ateliê local existente na época da confecção da imagem
Material/técnica	Escultura em madeira com policromia e carnação
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há nenhuma marca e/ou inscrição.
Documentação fotográfica	<p>Ref: DSC02875; DSC02888 Fotografia: Maria Raquel Alves Ferreira Data: 10/01/07</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p style="text-align: center;">Vista frontal e posterior da Nossa Senhora das Mercês</p>


Descrição	<p>Figura feminina de pé em posição frontal, com a cabeça ligeiramente voltada à direita, olhando para frente, rosto oval, com carnação rosada, mais ainda nos málares, sobrancelhas pretas arqueadas, grandes olhos amendoados, com íris castanhas, divergentes, delineados em preto sugerindo cílios; nariz fino e proeminente, lábios vermelhos entreabertos e queixo em montículo. Na cabeça, uma peruca de cabelos longos e pretos naturais. Braços estirados para baixo, mostrando a palma da mão, braço direito mais baixo que o esquerdo, dedos bem longos, separados alguns, com unhas. Veste túnica branca longa, pregueada, sob a qual não aparecem os sapatos. Sobre a túnica branca integrada, apresenta-se vestida com hábito branco de semelhante tecido. A vestimenta possui em sua configuração geral bordados e detalhes brancos, além de arremates dourados em sua extremidades. Sobre a cabeça, possui singela coroa de flores brancas de geometria frontal triangular. No peito, possui um coração vermelho de papel. (certamente uma intervenção contemporânea à gosto popular).</p>	
Condições de segurança	Razoáveis	
Proteção legal existente	Nenhuma	
Dimensões	H: 1,48cm ; B (ombro): 35cm B: 40cm	
Estado de conservação	Razoável	
Análise do estado de conservação	A imagem apresenta algumas fissuras, perda de suporte; policromia desprendendo, com lacunas.	
Intervenções – Responsável/Data	Provável repintura e substituição da túnica, além de substituição esporádica dos atributos.	
Características técnicas	Imagem esculpida em madeira, formada por várias partes, com policromia. Armação em ripas verticais, busto semi-esculpido, com articulações nos braços.	
Características estilísticas	Imagem colonial de roca	
Características iconográficas	A Virgem é representada de pé, usando escapulário da Ordem. Veste-se com amplo manto, sob o qual abrigam-se cativos ajoelhados. Tem os braços estendidos em sinal de proteção. Outras imagens mostram a Senhora das Mercês segurando um ramo de flores com a mão esquerda, e com a direita a insígnia com o brasão dos Mercedários.	
Dados históricos	Não há dados históricos sobre esta peça específica.	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
Informações complementares	Não há informações complementares	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Bruno Tropia Caldas e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropia Caldas	Data: 10/01/2007 Data: 26/02/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.1.12

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Igreja Matriz de São Bartolomeu
Endereço	Rua Nossa Senhora do Carmo, s/n
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de Nossa de Nazaré de Cachoeira do Campo
Situação de ocupação	Própria
Uso atual	Culto Religioso
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>O Adro da Igreja Matriz localiza-se no centro histórico de São Bartolomeu, sendo o coração da cidade. Possui configuração retangular e apresenta pavimentação gramada em bom estado de conservação. Sua primeira fase de ocupação deu-se no período inicial da formação do distrito, no século XVIII, onde foi erigida a Igreja Matriz. A ocupação dos lotes situados ao redor do largo é datada da segunda metade do século XX. Possui topografia plana e situa-se aos pés da encosta, tendo à frente a Rua do Carmo, com pavimentação em paralelepípedo, e, ao lado direito de quem fica de frente para a Igreja, liga-se ao Beco dos bois. Não é permitido o trânsito de veículos de qualquer espécie no adro. A única edificação ali presente é atual, possui gabarito de dois pavimentos com altura de 5,5m, cobertura de três águas e linha de cumeeira perpendicular ao adro, com telha cerâmica curva tipo capcanal, implantada no nível do adro, com afastamento frontal e lateral com garagem, exibindo bom estado de conservação, e sendo usada como residência nos finais de semana. Os terrenos ao redor do adro permanecem desocupados, cobertos com vegetação natural, ou são as laterais dos lotes da Rua do Carmo e do Beco dos bois. Existe rede de esgoto instalada, porém não há rede de drenagem pluvial. O distrito não possui estação de tratamento de esgoto. O local possui rede de abastecimento de água, mas sem tratamento, como em todo o distrito. A iluminação pública é feita com postes de fiação aérea. Não há rede de telefonia, nem árvores de grande porte, jardins ou canteiros, nem hidrante; apenas o muro de pedra em torno da Matriz serve como banco. Há uma bica instalada na frente do adro, no nível da Rua do Carmo. Um coreto foi construído recentemente ao lado da Matriz.</p>
Documentação fotográfica	<p>Ref:- DSC04512; Imagem 127; DSC02808; DSC04574; DSC02845; DSC02859; DSC02850; DSC02847; DSC02848; DSC02858; DSC04569; DSC02863; Imagem 207; DSC02862; DSC02861; DSC02866; Imagem 160.</p> <p>Fonte: Inaiana Barbosa Guerra e M. Raquel A. Ferreira</p> <p>Data: 10/ 01/2007 e 02/03/2007</p>  <p>Fachada frontal da Igreja Matriz</p>



Fachada lateral esquerda e Fachada lateral direita



Vista do coro e Vista do forro da capela-mor



Retábulo lateral da nave e retábulo da capela lateral da nave



Vista do cômodo contíguo à capela lateral e detalhe do piso



Retábulos co-laterais e arco-cruzeiro



Retábulo-mor e sacrário



Pinturas parietais da capela-mor



Sacristia posterior com chafariz e detalhe do piso tijolado existente na sacristia e nos corredores laterais

Histórico

A construção da Igreja Matriz de São Bartolomeu foi iniciada no início do século XVIII em substituição a uma antiga ermida deixada ali provavelmente pelos primeiros bandeirantes. A fachada tem partido característico das primeiras matrizes mineiras: frontão triangular simples, sem ornamentação

	<p>decorativa ou movimentação. As torres, em telhadinho, são também características do período. Na torre esquerda há um sino todo feito em madeira. A igreja possui cinco retábulos. Os laterais (da nave) foram confeccionados em Estilo Nacional Português. O altar-mor é uma mistura de estilos, uma montagem posterior aos outros altares, com dossel destoante do conjunto. Decora o teto da nave um forro em caixotões com cenas da vida do Apóstolo. Neste forro, inusitadamente⁸⁹, encontra-se a rocalha como motivo ornamental (sabe-se que o forro em caixotões é típico da pintura de colorido barroco e a rocalha é marca inerente do rococó, mais recente). Tal presença da rocalha não é de toda estranha nesta igreja. Sabe-se que em fins do século XVIII Manoel da Costa Ataíde residiu algum tempo no distrito de São Bartolomeu, servindo como alferes (militar que era), tendo trabalhado na Igreja Matriz. As rocalhas certamente não são do mestre, mas pela sua presença no arraial vê-se que ondas modernizadoras inspiraram as irmandades no final do século XVIII. Talvez Ataíde seja responsável pela decoração do forro da capela-mor, hoje encoberto por pintura mais recente. Chama atenção na nave a presença de uma capela inserida no lado da epístola, que, segundo a tradição, pertencia aos Irmãos do Rosário. Estes (diga-se de passagem, negros escravos ou libertos), conforme as lendas, impediram a demolição de capela mais antiga existente no lugar e conseguiram inseri-la no conjunto da nova Matriz, que teve seu projeto 'moldado' à velha capelinha. Este artifício arquitetônico é muito incomum nas Gerais. Até hoje os moradores guardam numa caixa-forte os tesouros ainda remanescentes dos tempos áureos das irmandades, constituído por numerosas imagens, jóias e outras alfaias. O conjunto é raramente visto, e a maior parte nunca foi exposto em público. Entre os anos de 1980 e 81, a igreja sofreu considerável restauração conduzida pelo IEPHA. Na época, sofreram intervenção: o forro da nave (cujas cimalkas estavam desmontadas), forro da sacristia e altar-mor.</p>
<p>Descrição</p>	<p>A Igreja Matriz de São Bartolomeu possui características tipológicas das primeiras edificações religiosas erigidas na região de Ouro Preto em meados do século XVIII, no período colonial. Encontra-se implantada em patamar elevado de topografia plana, na Rua do Carmo. Um muro em alvenaria de pedra circunda a edificação, delimitando uma área gramada, havendo do lado direito um coreto construído no século XX. A planta da capela é retangular, composta por nave, coro, capela-mor, capela lateral à nave e cômodo anexo, corredores laterais e sacristia posterior. A edificação compõe-se de sete volumes de altimetria diferenciada, sendo os mais altos os das duas torres, em seguida o volume que abriga a nave e o coro, sucedido pelo volume da capela lateral, em seguida o volume referente à capela-mor, e em seguida um volume mais baixo, composto pelos corredores laterais à capela-mor e pela sacristia, da mesma altura da cobertura do cômodo anexo à capela lateral. As paredes da edificação foram executadas em alvenaria de pedra, assentada com argamassa de barro, pintadas à cal. As paredes do anexo da capela lateral foram feitas posteriormente em alvenaria de tijolo maciço. Os telhados da nave e da capela-mor são conformados cada um por duas águas, usando telha cerâmica curva, com inclinação próxima a 45°, terminados em contrafeito, sendo arrematados em beiral com cachorro e guarda-pó de madeira, pintados em branco. O telhado da sacristia é dividido em três águas, e seu prolongamento cobre os corredores laterais, onde se torna uma água. A cobertura da capela lateral é feita em duas águas, com cumeeira perpendicular à cumeeira da nave, havendo rincões na concordância do encontro destes dois telhados. O cômodo anexo à capela lateral possui cobertura em uma água. A cobertura arqueada das torres é dividida em</p>

⁸⁹ O forro em caixotões é típico dos primeiros tempos da arte religiosa em Minas, quase sempre têm colorido barroco e não os motivos rococós.

quatro águas, usando telha cerâmica curva, com inclinação próxima a 60°, também arrematada em beiral com cachorro e guarda-pó de madeira pintados em branco. O frontispício caracteriza-se por seu aspecto simples, com frontão triangular, havendo um óculo circular no centro. Possui cunhais e pilares pintados na cor azul. Na fachada principal há uma ampla porta com vãos de verga reta, moldura e folhas almofadadas em madeira, sendo todo o conjunto pintado na cor azul. Na altura do coro, há três portas-balcão com moldura dos vãos em madeira, de verga em arco abatido, vedadas com duas folhas de madeira almofadadas na parte inferior e caixilho de vidro na superior, peitoril entalado feito em ferro. Os vãos das torres sineiras possuem verga em arco pleno e são emoldurados por quadros pintados na cor azul; o sino da torre do lado do evangelho é feito em madeira. Na fachada do lado do evangelho, o volume do corredor lateral compõe-se de duas portas, com vãos em verga reta, moldura e folhas almofadadas em madeira, pintadas na cor azul, duas janelas com vãos de verga reta, moldura de madeira pintada em azul e guilhotina externa, e uma seteira. Na fachada do lado da epístola, há dois volumes de corredores laterais, tendo entre eles o volume da capela lateral e do cômodo contíguo. O corredor ao lado da nave possui uma porta com vão em verga reta, moldura e folhas almofadadas em madeira, pintadas na cor azul, e uma janela com vão de verga reta, moldura de madeira pintada em azul e guilhotina externa. O corredor ao lado da capela-mor possui uma porta com vão em verga reta, moldura e folhas almofadadas em madeira, pintadas na cor azul, e duas janelas com vãos de verga reta, moldura de madeira pintada em azul e guilhotina externa. O volume da capela lateral possui uma janela com vão de verga reta, moldura de madeira pintada em azul e guilhotina externa. A fachada dos fundos é composta por duas janelas de mesmas características dos vãos das fachadas laterais. O interior do templo apresenta rebuscamento dos elementos decorativos, havendo cinco retábulos, sendo o retábulo lateral da nave (N. Sra. Das Dores) e os retábulos co-laterais ao arco-cruzeiro (lado do evangelho com brasão repintado e imagem atual de São Gonçalo; lado da epístola com brasão de São Miguel e imagem atual de N. Sra. Da Conceição; capela lateral originalmente de N. Sra. Do Rosário com imagem atual de N. Sra. Das Dores) confeccionados em Estilo Nacional Português. O altar-mor de São Bartolomeu é uma mistura de estilos, uma montagem posterior aos outros altares, com dossel destoante do conjunto. A mesa frontal deste retábulo abriga uma imagem do Senhor Morto, esculpida no século XVIII. Forro da nave em caixotões com cenas da vida de São Bartolomeu. O forro abobadado da capela-mor encontra-se encoberto por pintura mais recente. No átrio encontra-se uma pia de água benta com coluna, e no cômodo do volume da torre do lado do evangelho, uma pia batismal, ambas em cantaria. Inserido no mesmo volume da nave, sobre o átrio de forro com pintura artística rococó, coro possui estrutura de barrotes de madeira engastados nas paredes de pedra, apoiados também em dois pilares de madeira pintados em azul, possuindo parapeito em tremido com peças pintadas em amarelo e corrimão em azul. A nave possui próximos ao forro, tirantes em madeira com pintura. Ainda na nave, delimitando um patamar elevado, encontra-se uma balaustrada de jacarandá, onde estão inseridos dois confessionários. Há um púlpito todo feito em madeira, tambor com talha em auto-relevo, na nave, do lado do evangelho. Arco-cruzeiro em pedra revestido com argamassa e pintura; base da pilastra adornada com figura antropomorfa, fuste com repintura em branco; capitel corinto e parte do entablamento com policromia e douramento, parte do entablamento escalonado e das tábuas do arco com repintura branca. Arremate do arco-cruzeiro com medalhão da Irmandade do Santíssimo Sacramento encontrando a cimalha marmorizada da nave. Piso da nave e da capela-mor em campas. Painéis parietais da capela-mor com pinturas retratando os quatro evangelhistas. Os corredores laterais fazem o acesso à sacristia aos fundos da




	<p>edificação, onde se encontra um chafariz parietal de características populares, um banco e um arcaz encimado por um oratório com policromia e douramento; as janelas possuem conversadeiras. Em cada corredor lateral há um banco de madeira. Tanto os corredores laterais quanto a sacristia e o anexo da capela lateral possuem piso tijolado e forro em madeira tipo saia e camisa. A capela lateral apresenta piso em assoalho e forro abobadado em madeira com pintura branca. O templo permanece fechada para visitação, ficando a chave com a zeladora. Não há sistema de segurança contra roubos, de prevenção contra incêndio ou de proteção contra descargas atmosféricas.</p>	
Proteção legal existente	Tombamento Federal, 04/ 03/ 1960, Processo: 604-T-60, Livro de Belas Artes Vol. 1, Folha nº 84, nº de inscrição 453	
Proteção legal proposta	Tombamento Municipal do Núcleo Urbano	
Estado de conservação	Bom	
Análise do estado de conservação	A edificação não apresenta problemas estruturais aparentes. No cômodo anexo à capela lateral, há empoçamento de águas pluviais, infiltradas pelos vãos do telhado. As paredes apresentam manchas de umidade ascendente, tanto internamente quanto externamente, reboco com estufamento, caiação desprendendo e com sujidade generalizada. Os elementos integrados encontram-se com repintura e sujidade generalizada, sendo necessária uma vistoria mais elaborada para averiguar a existência de insetos xilófagos.	
Fatores de degradação	Falta de manutenção preventiva dos elementos arquitetônicos. Intervenções danosas nos elementos artísticos.	
Medidas de conservação	Vistoria e restauração do telhado; execução de sistema de drenagem no piso externo e de pequenas obras de conservação permanentes, como remoção de trechos do reboco deteriorado, substituindo-o por um novo com os mesmos traços do original, remoção da pintura deteriorada e execução de nova caiação. Restauração dos elementos artísticos integrados, conforme projeto específico. Vistorias permanentes para averiguar o estado de conservação das estruturas, acabamentos e elementos integrados.	
Intervenções – Responsável/Data	A igreja sofreu considerável restauração. Na época, sofreram intervenção: o forro da nave (cujas cimalkas estavam desmontadas), forro da sacristia e altar-mor – IEPHA/1980 a 1981	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007	
Informações complementares Entrevistas	O monumento é utilizado para festividades e ocorrem missas uma vez ao mês, ocorrendo, no entanto, encontros para rezas todos os finais de semana.	
Ficha Técnica	<p>Lev. Campo: Maria Raquel Alves Ferreira, Inaiana Barbosa Guerra. Elaboração: Maria Raquel Alves Ferreira</p>	<p>Data: 17/01/2007 Data: 14/02/2007</p>

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

BENS MÓVEIS



Ref.: 10.3.1.13

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Acervo	Igreja Matriz de São Bartolomeu
Endereço	Rua Nossa Senhora do Carmo, s/n
Propriedade/situação	Eclesiástica: Arquidiocese de Mariana
Responsável	Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo
Designação	Acervo de Imagens Devocionais
Localização específica	Retábulo-mor, retábulo lateral da nave, retábulos co-laterais ao arco-cruzeiro, retábulo da capela lateral e corredor lateral à nave do lado da epístola (cofre).
Espécie	Imaginária e Objetos litúrgicos
Época	A grande maioria das imagens procedo do século XVIII, sendo algumas do século XIX.
Autoria	A imagem de N. Sra. Do Carmo é atribuída à Aleijadinho; o restante das imagens tem autoria desconhecida.
Origem	Ouro Preto
Procedência	Ateliês locais da época
Material/técnica	Madeira/ escultura; tinta/ policromia; douramento. Metal/ fundição; molde.
Marcas/ inscrições/ legendas	Algumas imagens possuem identificação respectiva, ex: INRI nos crucifixos. Todas as imagens possuem identificação respectiva, por terem sido inventariadas pelo IPHAN.
Documentação fotográfica	Ref: DSC04578; DSC04590; DSC04591; DSC04592; DSC04593; DSC04594; DSC04595; DSC04596; DSC04597; DSC04598; DSC04599; DSC04600; DSC04601; Imagem 188; DSC04603; DSC04604; DSC04605; DSC04606; DSC04607; DSC04608; DSC04609; DSC04611; DSC04612; DSC04613; Imagem 181; Imagem 182; Imagem 183; Imagem 192; Imagem 168; Imagem 169; Imagem 170; Imagem 171; Imagem 172; Imagem 173; Imagem 174; Imagem 175; Imagem 176; Imagem 177; Imagem 179; Imagem 178; Imagem 180; Imagem 184; Imagem 185; Imagem 186; Imagem 189; Imagem 190 Autor: Inaiana Barbosa Guerra Data: 03-03-2007
	  
	<p>Crucifixo processional</p> <p>Ostensório do divino</p> <p>São Francisco de Assis</p>



Sta. Efigênia



Sto. Antônio



Crucifixo



São José



Imagem Sem identificação



Crucifixo



N. Sra.do Pilar



Imagem sem identificação



S. Sebastião



Imagem sem identificação
(sem o rosto)



Rosto da imagem



Crucifixo



Crucifixo



Crucifixo



Crucifixo



Imagens dentro de uma redoma de vidro



Imagens dentro de uma redoma de vidro



Imagens dentro de uma redoma de vidro



Imagens dentro de uma redoma de vidro



Imagens dentro de uma redoma de vidro



Crucifixo



Cálices dentro da redoma de vidro



Peças sacras dentro da redoma de vidro



Peças sacras dentro da redoma de vidro



Imagens dentro da redoma de vidro



Campainhas



Sino



Anjo Tocheiro



Imagem de santo evangelista; sem identificação



Sta. Rita



Imagem sem identificação



N. Sr. Dos Passos



São Elesbão



Sto. Antônio



S. Miguel Arcanjo



Castiçal



Lustre






Anjo tocheiro



Imagem de N. Sra. sem identificação



Im. N. Sra. sem identificação; feições orientais

			
	N. Sra do Carmo atribuída à Aleijadinho	S. Francisco de Paula	São Benedito
Descrição	<p>Conjunto de imagens representando figuras de anjos tocheiros, santas e santos incluídos no plano devocional do moradores do Distrito de São Bartolomeu, em Ouro Preto, presentes no acervo da Igreja Matriz: figuras femininas em pé, vestidas com túnicas, algumas segurando criança nos braços, outras objetos litúrgicos ou simbólicos; figuras masculinas em pé, vestidos com túnicas, algumas segurando criança nos braços, outras objetos litúrgicos ou simbólicos, crucifixos com imagem masculina pregada pelos pés e pelas mãos, com ferimentos sangrando. Objetos litúrgicos: cruz processional, sinos, cálices, coroas, castiçal e lustre, peças de grande elaboração ornamental.</p>		
Condições de segurança	Razoáveis		
Proteção legal existente	Tombamento Federal, 29/ 11/ 1949, Processo: 403-T-49, Livro de Belas Artes Vol. 1, Folha nº 69, nº de inscrição 327		
Dimensões	Altura: de 5cm a 100cm; Largura: de 4cm a 40cm; Prof.: de 3cm a 35cm.		
Estado de conservação	Razoável		
Análise do estado de conservação	Imagens com policromia desprendendo, com lacunas e sujidade, repintura, perda de suporte, partes quebradas ou faltando.		
Intervenções – Responsável/Data	As imagens receberam tratamentos de restauração – IEPHA/1980 a 1981		
Características técnicas	Peça esculpida em madeira com policromia, carnação e douramento. Peças fundidas em liga metálica, com relevos.		
Características estilísticas	O acervo se compõe de imagens de estilo barroco, rococó, neoclássico e algumas peças de cunho popular.		
Características iconográficas	Cada imagem possui características iconográficas próprias que as identifica.		
Dados históricos	O acervo da Igreja Matriz foi sendo formado ao longo dos anos, havendo desde peças esculpidas na época da construção do monumento religioso, e outras sendo adquiridas por meio de doações feitas pelos fiéis.		
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS \SãoBartolomeu\fotos\São Bartolomeu_igreja_imagens - 10-01-2007		
Informações complementares	Sem informações complementares		
Ficha Técnica	Lev. Campo: Inaiana B. Guerra e Raquel Ferreira	Data: 16/01/2007	Elaboração: M. Raquel A. Ferreira
		Data: 15/02/2007	

10.3.2 Fichas do Acervo Urbano

- 10.3.2.1 – Adro lateral da Igreja Matriz, s/n
- 10.3.2.2 – Adro da Capela das Merc~es, s/n
- 10.3.2.3 – Rua do Carmo, s/n (1º imóvel à esquerda, a partir da esquina com Rua Espírito Santo)
- 10.3.2.4 – Rua do Carmo, s/n (2º imóvel à esquerda – bar)
- 10.3.2.5 – Rua do Carmo, s/n (3º imóvel à esquerda)
- 10.3.2.6 – Rua do Carmo, 29 (Na Trilha das Gerais)
- 10.3.2.7 – Rua do Carmo, s/n (5º imóvel à esquerda)
- 10.3.2.8 – Rua do Carmo, s/n (6º imóvel à esquerda)
- 10.3.2.9 – Rua do Carmo, 57
- 10.3.2.10 – Rua do Carmo, 67 (Casa do Padre)
- 10.3.2.11 – Rua do Carmo, 77
- 10.3.2.12 – Rua do Carmo, 87
- 10.3.2.13 – Rua do Carmo, 97
- 10.3.2.14 – Rua do Carmo, s/n (12º imóvel à esquerda – imóvel com oratório)
- 10.3.2.15 – Rua do Carmo, s/n (13º imóvel à esquerda – Escola Municipal)
- 10.3.2.16 – Rua do Carmo, s/n (14º imóvel à esquerda – Casa da Festa)
- 10.3.2.17 – Rua do Carmo, 145
- 10.3.2.18 – Rua do Carmo, 208
- 10.3.2.19 – Rua do Carmo, 207
- 10.3.2.20 – Rua do Carmo, 189
- 10.3.2.21 – Rua do Carmo, 133
- 10.3.2.22 – Rua do Carmo, s/n (20º imóvel à esquerda)
- 10.3.2.23 – Rua do Carmo, 233
- 10.3.2.24 – Rua do Carmo, 255
- 10.3.2.25 – Rua do Carmo, s/n (esquina com Rua dos Lírios)
- 10.3.2.26 – Rua do Carmo, s/n (1º imóvel à direita, a partir da esquina com Rua Espírito Santo)
- 10.3.2.27 – Rua do Carmo, 10
- 10.3.2.28 – Rua do Carmo, s/n (3º imóvel à direita)
- 10.3.2.29 – Rua do Carmo, s/n (esquina com Rua dos Trapichos - oratório)
- 10.3.2.30 – Rua do Carmo, 35 (esquina com Rua dos Trapichos)
- 10.3.2.31 – Rua do Carmo, 34
- 10.3.2.32 – Rua do Carmo, 84

- 10.3.2.33 – Rua do Carmo, s/n (7º imóvel à direita – posto médico)
- 10.3.2.34 – Rua do Carmo, 35
- 10.3.2.35 – Rua do Carmo, 45
- 10.3.2.36 – Rua do Carmo, s/n (10º imóvel à direita – ruína)
- 10.3.2.37 – Rua do Carmo, 200
- 10.3.2.38 – Rua do Carmo, s/n (12º imóvel à direita)
- 10.3.2.39 – Rua do Carmo, 194
- 10.3.2.40 – Rua do Carmo, 222
- 10.3.2.41 – Rua do Carmo, 226
- 10.3.2.42 – Rua do Carmo, 230
- 10.3.2.43 – Rua do Carmo, s/n (19º imóvel à direita, esquina com Rua do Córrego – lote vago)
- 10.3.2.44 – Rua do Carmo, s/n (20º imóvel à direita, esquina com Rua do Córrego – Pousada São Bartolomeu)
- 10.3.2.45 – Rua Espírito Santo, 17
- 10.3.2.46 – Rua Espírito Santo, 15
- 10.3.2.47 – Rua Espírito Santo, 02
- 10.3.2.48 – Rua Espírito Santo, s/n (4º imóvel à esquerda, a partir da esquina com Rua do Carmo)
- 10.3.2.49 – Rua Espírito Santo, s/n (5º imóvel à esquerda – ruína)
- 10.3.2.50 – Rua Espírito Santo, s/n (6º imóvel à esquerda – ruína)
- 10.3.2.51 – Rua Espírito Santo, 83
- 10.3.2.52 – Rua Espírito Santo, 93
- 10.3.2.53 – Rua Espírito Santo, 12
- 10.3.2.54 – Rua Espírito Santo, 74
- 10.3.2.55 – Rua Espírito Santo, 84 (3º imóvel à direita, a partir da esquina com Rua do Carmo)
- 10.3.2.56 – Rua Espírito Santo, 94
- 10.3.2.57 – Rua Espírito Santo, 98
- 10.3.2.58 – Rua da Praia, s/n (1º imóvel à esquerda, a partir da esquina com Rua do Carmo – construção)
- 10.3.2.59 – Rua da Praia, 216
- 10.3.2.60 – Rua da Praia, 02
- 10.3.2.61 – Rua da Praia, s/n (1º imóvel à direita, a partir da esquina com Rua do Carmo - Construção)
- 10.3.2.62 – Rua da Praia, 05

- 10.3.2.63 – Rua da Praia, s/n (construção na esquina da Rua dos Lírios)
- 10.3.2.64 – Beco do Bois, s/n (1º imóvel à esquerda, esquina com o adro da Matriz)
- 10.3.2.65 – Rua dos Trapichos, 37
- 10.3.2.66 – Rua dos Trapichos, s/n (1º imóvel à direita, esquina com Rua Espírito Santo)
- 10.3.2.67 – Rua dos Trapichos, 85
- 10.3.2.68 – Rua dos Trapichos, 99
- 10.3.2.69 – Rua dos Lírios, s/n (1º imóvel à esquerda, esquina com Rua do Carmo – construção)
- 10.3.2.70 – Rua dos Lírios, s/n (2º imóvel à esquerda – construção)
- 10.3.2.71 – Rua dos Lírios, 12
- 10.3.2.72 – Rua dos Lírios, s/n (4º imóvel à esquerda)
- 10.3.2.73 – Rua da Praia, s/n (1º imóvel, esquina com Rua Espírito Santo)
- 10.3.2.74 – Rua da Praia, 59
- 10.3.2.75 – Rua da Praia, 71
- 10.3.2.76 – Rua da Praia, 99
- 10.3.2.77 – Rua do Córrego, 20
- 10.3.2.78 – Rua do Córrego, 50
- 10.3.2.79 – Rua do Córrego, 55
- 10.3.2.80 – Rua do Córrego, 65
- 10.3.2.81 – Rua do Carmo (Chafariz do adro da Matriz)
- 10.3.2.82 – Rua do Carmo (Hidrante de ferro))
- 10.3.2.83 – Rua do Espírito Santo (Hidrante de ferro))

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL
ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.2.1

Município	OURO PRETO
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Residência
Endereço	Rua do Carmo, 200-A – (Adro Lateral da Igreja Matriz)
Propriedade/situação	Francisco P. da Costa e Tomé B. da Costa
Responsável	Tomé B. da Costa
Situação de ocupação	Própria
Uso atual	Residencial de fim de semana
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>O Adro da Igreja Matriz localiza-se no centro histórico de São Bartolomeu, sendo o coração da cidade. Possui configuração retangular e apresenta pavimentação gramada em bom estado de conservação. Sua primeira fase de ocupação deu-se no período inicial da formação do distrito, no século XVIII, onde foi erigida a Igreja Matriz. A ocupação dos lotes situados ao redor do largo é datada da segunda metade do século XX. Possui topografia plana e situa-se aos pés da encosta, tendo à frente a Rua do Carmo, com pavimentação em paralelepípedo, e, ao lado direito de quem fica de frente para a Igreja, liga-se ao Beco dos bois. Não é permitido o trânsito de veículos de qualquer espécie no adro. A única edificação ali presente é atual, possui gabarito de dois pavimentos com altura de 5,5m, cobertura de três águas e linha de cumeeira perpendicular ao adro, com telha cerâmica curva tipo capcanal, implantada no nível do adro, com afastamento frontal e lateral com garagem, exibindo bom estado de conservação, e sendo usada como residência nos finais de semana. Os terrenos ao redor do adro permanecem desocupados, cobertos com vegetação natural, ou são as laterais dos lotes da Rua do Carmo e do Beco dos bois. Existe rede de esgoto instalada, porém não há rede de drenagem pluvial. O distrito não possui estação de tratamento de esgoto. O local possui rede de abastecimento de água, mas sem tratamento, como em todo o distrito. A iluminação pública é feita com postes de fiação aérea. Não há rede de telefonia, nem árvores de grande porte, jardins ou canteiros, nem hidrante; apenas o muro de pedra em torno da Matriz serve como banco. Há uma bica instalada na frente do adro, no nível da Rua do Carmo. Um coreto foi construído recentemente ao lado da Matriz.</p>
Documentação fotográfica	<p>Data da foto: 10-01-2007 Foto: Maria Raquel Alves Ferreira Referência: 01-adrodamatriz</p>  <p>Fachada principal</p>

<i>Histórico</i>	A edificação foi construída recentemente, no final do século XX, pelos atuais proprietários.	
<i>Descrição</i>	Trata-se de uma edificação posterior à segunda metade do século XX, sendo a única construção existente no lote, o qual é praticamente plano. A testada do lote é de 9,45m e profundidade de 15,90m, estando a edificação implantada com recuo frontal, com afastamento dos fundos de menos de 3,00m, e afastamento lateral em um dos lados, com garagem, inexistindo passeio frontal. A área descoberta é usada como depósito, estacionamento, lavagem e secagem de roupas. O lote é fechado com muro de bloco de concreto sem acabamento, e possui pavimentação tipo cimentado. O gabarito da edificação é de dois pavimentos acima do nível do adro, com 4,0m de altura da fachada e 5,5m de altura total até a cumeeira. A cobertura da edificação principal é conformada por três águas, com cumeeira perpendicular ao adro, inexistindo abertura ou chaminé. O telhado da edificação principal é feito com telha cerâmica curva tipo capa-canal. O coroamento da fachada é do tipo beiral simples de madeira em estado natural. A fachada frontal é revestida com argamassa, com pintura na cor ocre, e embasamento em ardósia. Os vãos desta fachada possuem moldura e vedação de folha cega de abrir, ambos de madeira em estado natural. Toda a edificação utiliza sistema construtivo em alvenaria de tijolo queimado.	
<i>Proteção legal existente</i>	Nenhuma	
<i>Proteção legal proposta</i>	Tombamento Municipal do Núcleo Urbano	
<i>Estado de conservação</i>	Bom	
<i>Análise do estado de conservação</i>	Nenhum problema evidente	
<i>Fatores de degradação</i>	Não se aplica	
<i>Medidas de conservação</i>	Deve-se fazer uma manutenção periódica dos aspectos físicos, estruturais e compositivos da edificação, já que ela está em uso constante.	
<i>Intervenções – Responsável/Data</i>	Como a edificação é nova, não sofreu modificações desde sua construção.	
<i>Referências Bibliográficas</i>	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\São Bartolomeu\fotos\fotos fichas 10-01-2007 e 02-03-2007	
<i>Informações complementares</i>	Não há informações complementares	
<i>Ficha Técnica</i>	Lev. Campo: Equipe da Secretaria de Patrimônio Elaboração: Liliane V. de Castro Revisão: Maria Raquel Alves Ferreira	Data: 03/10/2005 Data: 03/11/2005 Data: 09/01/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.2.2

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Residência
Endereço	Adro das Mercês, 06 (casa mais galpão)
Propriedade/situação	Espolio de José Madalena Fortes
Responsável	João Roberto Fortes e João Batista
Situação de ocupação	Própria
Uso atual	Residência permanente
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>A edificação localiza-se na área urbana de São Bartolomeu, voltada para o adro da Igreja das Mercês. Em lote em declive com acesso pelo pátio gramado do adro. No local não possui bens tombados individualmente. A época da ocupação data do século XVIII. As características topográficas do logradouro são de declividade plana e implantação de cumeada. As volumetrias predominantes acima do nível da rua são de residências térreas com altura média das edificações de 4,4m. A tipologia predominante das coberturas é de inclinação entre 25 e 40%, com 3 águas e com cumeeira perpendicular à rua e a tipologia predominante nas coberturas são telhas cerâmicas tipo capa/canal. Existe ocupação nova de dois pavimentos, posterior à segunda metade do século XX. As fachadas estão em bom estado de conservação. As edificações se encontram no alinhamento da rua e possuem afastamentos laterais com implantação no nível da rua uso predominantes de residência permanente. Os passeios são gramados em bom estado de conservação. A via predominante é gramada em bom estado de conservação com trânsito de veículos leves e veículos pesados impedidos. Não existe ETE (estação de tratamento de esgoto). Existe rede de abastecimento de água, mas não tratada. Existe rede elétrica e iluminação pública por meio de postes com fiação aérea. Não possui rede telefônica, arborização de grande porte, telefone público, hidrante, chafariz, banco. Os jardins e canteiros são somente gramados. Existe um cruzeiro na frente da Igreja das Mercês.</p>
Documentação fotográfica	<p>Data da foto: 10-01-2007 Foto: Maria Raquel Alves Ferreira Referência: 02-adrodasmercês-f1; 02-adrodasmercês-f2</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Fachada principal</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Fachada principal e galpão</p> </div> </div>
Histórico	A edificação foi construída no final do século XX, nunca sofreu grandes alterações e sempre manteve o uso como residência.
Descrição	Lote em declive construído com duas edificações (casa e galpão) posterior à

	<p>segunda metade do século XX com 21m de testada, frente no alinhamento da rua, afastamento dos fundos com mais de 3m; lateral com garagem em um dos lados. Na parte externa existe depósito, pomar/horta, criação de animais, mina d'água, lavagem/secagem de roupa, o piso é natural (terra/grama). O lote é cercado com cerca de bambu e metálica e muro de bloco e argamassa. A edificação possui 1 pavimento acima do nível da rua e 1 nível de subsolo. A fachada possui 2,90 m de altura e altura até a cumeeira de 4,4m. Possui cobertura em telha cerâmica (capa e canal curva) com engradamento em madeira, possuindo 6 águas no corpo principal, sendo a cumeeira paralela à rua. Existe um banheiro fora da casa. O coroamento da fachada são cachorros com guarda-pó, ambos em madeira. A fachada principal é em argamassa e pintada. As molduras dos vãos são em madeira na cor verde. As esquadrias são de madeira, de abrir na cor verde. A cor do coroamento é natural e fachada em cor branca. O sistema construtivo é feito todo em alvenaria de tijolo. Os pisos são de ardósia no quarto, banheiro e cozinha da frente; cimentado na cozinha de trás e depósito. Os forros são de lambril no quarto, banheiro e cozinha da frente, telha vã na cozinha de trás; esteira no depósito.</p>	
Proteção legal existente	Sem informação	
Proteção legal proposta	Tombamento municipal do núcleo urbano	
Estado de conservação	Bom	
Análise do estado de conservação	Bem conservada.	
Fatores de degradação	Não se aplica, pois a casa foi recentemente reformada.	
Medidas de conservação	Deve-se fazer uma manutenção periódica dos aspectos físicos, estruturais e compositivos da edificação, já que ela está em uso constante.	
Intervenções – Responsável/Data	No final de 2006 a edificação sofreu manutenção - pintura	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\São Bartolomeu\fotos\fotos fichas 10-01-2007 e 02-03-2007	
Informações complementares	Não há informações complementares	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Equipe da Secretaria de Patrimônio Elaboração: Liliâne Vieira de Castro Revisão: Inaiana Barbosa Guerra	Data: 03/10/2005 Data: 03/11/2005 Data: 10/01/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.2.3

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Residência
Endereço	Rua do Carmo, s/n (1º imóvel a partir da esquina com Rua Espírito Santo)
Propriedade/situação	José Fortes e Laurentina Souza
Responsável	Fortunato Fortes
Situação de ocupação	Cedida
Uso atual	Residencial de fim de semana.
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>Localiza-se no centro histórico de São Bartolomeu, na Rua do Carmo. Esta é ocupação inicial do distrito, nos momentos iniciais do século XVIII. Observa-se que a pavimentação dos passeios é de lajes de pedra assentadas irregularmente e cimentadas, e sua conservação é razoável. A pavimentação da via encontra-se em bom estado, sendo esta poliédrico e pé de moleque. O trânsito de veículos ocorre eventualmente. Todos os imóveis possuem abastecimento de água não tratada e são ligadas na rede de esgoto sanitário que é lançada diretamente no Rio das Velhas. Possui rede de drenagem fluvial, porém com problemas de funcionamento. A iluminação da área é feita por postes da rede pública da CEMIG, com fiação aérea. O sistema telefônico é feito via rádio, havendo um único ponto de aparelho público no posto de saúde. A volumetria predominante é de edificações térreas com características do período colonial simplificada do século XVIII, com predominância de cheios sobre os vazios. A maioria das edificações é construída no alinhamento da rua e algumas possuem afastamentos laterais. As testadas dos lotes variam entre 5 e 12 metros. O tipo de telha predominante nas coberturas é a telha cerâmica tipo capa - canal. As coberturas possuem inclinação entre 25 e 40%, variando entre 4 e 2 águas, com cumeeira hora paralela, hora perpendicular à rua. A partir do largo da Matriz de São Bartolomeu, todo o lado direito da via é implantado acima do nível da rua, com passeios largos e acessos às casas por meio de escadas. Desta maneira, a Igreja domina a paisagem do conjunto urbano de São Bartolomeu. Praticamente todo o lado esquerdo do passeio é estreitado, com largura média de 50 cm de laje de pedra mais ou menos regular. A simplicidade na composição plástica do conjunto urbano da Rua do Carmo, típica do século XVIII, proporciona a qualidade semântica de clareza e nitidez na configuração do espaço. As fachadas, sem rebuscamentos, formam uma leitura horizontalizada, com proporções entre base e altura que variam entre 1:2 a 1:4. Poucas são as intervenções que descaracterizam a volumetria característica da via, como uma edificação construída recentemente com três pavimentos e duas com inserção de varanda paulista. A via pode ser apreendida logo de início. Nas áreas onde hoje possui pavimentação em poliédrico era antes em pé-de-moleque, substituído em 1972.</p>
Documentação fotográfica	<p>Data da foto: 10-01-2007 Foto: Maria Raquel Alves Ferreira Referência: 03-ruadocarmo-f1; 03-ruadocarmo-f2</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p style="display: flex; justify-content: space-around;"> Fachada principal Lateral direita (Rua Espírito Santo) </p>
Histórico	O imóvel pertence à família de José Fortes e esposa e atualmente é ocupada

	ocasionalmente pelo filho Fortunato e a esposa Dona Didi. José Fortes e sua esposa Dona Laurentina Souza, a teriam herdado dos pais da mesma, Crispim Sebastião de Souza e Maria Leonídia de Souza.	
Descrição	Trata-se de um imóvel construído em um declive, com testada do lote de 13,43m e profundidade de 16,55m; alinhado à Rua do Carmo, com afastamento maior de 3m nos fundos e lateral sem garagem em ambos os lados. O passeio possui pavimentação do tipo lajeado com largura de 23cm. A área descoberta possui horta / pomar vegetação de grande porte e área de lazer. A configuração do terreno é retangular (profundidade maior que a testada). O fechamento do lote é de argamassa e o piso da área descoberta é natural (terra e grama). A edificação possui 1 pavimento acima do nível da rua e inexistência de subsolo, sendo a altura da fachada de 3,00m e da cumeeira de 1,50m. O telhado possui 4 águas no corpo principal, sendo que a cumeeira é paralela à rua; não há abertura no vão da cobertura mas existe chaminé no plano posterior da cobertura. A cobertura é de telha cerâmica (capa e canal curva), laje plana e a estrutura de madeira. A fachada é caracterizada por coroamento de cachorros e guarda-pó em madeira. O acabamento da fachada principal é em argamassa com pintura e chapisco no embasamento. A moldura dos vãos da fachada principal é em madeira, assim como suas esquadrias – estas de abrir e folhas cegas. Em relação às cores predominantes temos: o azul no coroamento, esquadrias e molduras dos vãos, palha / vermelho no acabamento da fachada e inexistência de caixilharia. O sistema construtivo da fachada é em alvenaria de tijolos; quanto ao restante não há informação a respeito a este. Também não há informação quanto aos materiais de acabamento. A tipologia da construção é aparentemente do século XVIII.	
Proteção legal existente	Nenhum	
Proteção legal proposta	Tombamento municipal do núcleo urbano	
Estado de conservação	Razoável	
Análise do estado de conservação	A edificação apresenta algumas trincas, manchas de umidade na base desta e descolamento do reboco.	
Fatores de degradação	A degradação de algumas partes da edificação se dá pela falta de manutenção periódica	
Medidas de conservação	Deve-se fazer uma manutenção periódica dos aspectos físicos, estruturais e compositivos da edificação.	
Intervenções – Responsável/Data	Não se têm informações a cerca de intervenções realizadas no imóvel	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\São Bartolomeu\fotos\fotos fichas 10-01-2007 e 02-03-2007	
Informações complementares	As informações referentes ao histórico foram obtidas com os moradores Vicente Fortes e Maria Natalina da Costa (irmã de Dona Didi)	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Equipe da Secretaria de Patrimônio Elaboração: Liliane Vieira de Castro Revisão: Bruno Tropa Caldas	Data: 03/10/2005 Data: 03/11/2005 Data: 09/01/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.2.4

Município	Ouro Preto
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Bar
Endereço	Rua do Carmo, s/nº (2º imóvel à esquerda)
Propriedade/situação	Mano
Responsável	Ernane Alves Góis
Situação de ocupação	Alugada
Uso atual	Residência permanente e comércio
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>Localiza-se no centro histórico de São Bartolomeu, na Rua do Carmo. Esta é ocupação inicial do distrito, nos momentos iniciais do século XVIII. Observa-se que a pavimentação dos passeios é de lajes de pedra assentadas irregularmente e cimentadas, e sua conservação é razoável. A pavimentação da via encontra-se em bom estado, sendo esta poliédrico e pé de moleque. O trânsito de veículos ocorre eventualmente. Todos os imóveis possuem abastecimento de água não tratada e são ligadas na rede de esgoto sanitário que é lançada diretamente no Rio das Velhas. Possui rede de drenagem fluvial, porém com problemas de funcionamento. A iluminação da área é feita por postes da rede pública da CEMIG, com fiação aérea. O sistema telefônico é feito via rádio, havendo um único ponto de aparelho público no posto de saúde. A volumetria predominante é de edificações térreas com características do período colonial simplificada do século XVIII, com predominância de cheios sobre os vazios. A maioria das edificações é construída no alinhamento da rua e algumas possuem afastamentos laterais. As testadas dos lotes variam entre 5 e 12 metros. O tipo de telha predominante nas coberturas é a telha cerâmica tipo capa - canal. As coberturas possuem inclinação entre 25 e 40%, variando entre 4 e 2 águas, com cumeeira horizontal, paralela à rua. A partir do largo da Matriz de São Bartolomeu, todo o lado direito da via é implantado acima do nível da rua, com passeios largos e acessos às casas por meio de escadas. Desta maneira, a Igreja domina a paisagem do conjunto urbano de São Bartolomeu. Praticamente todo o lado esquerdo do passeio é estreitado, com largura média de 50 cm de laje de pedra mais ou menos regular. A simplicidade na composição plástica do conjunto urbano da Rua do Carmo, típica do século XVIII, proporciona a qualidade semântica de clareza e nitidez na configuração do espaço. As fachadas, sem rebuscamentos, formam uma leitura horizontalizada, com proporções entre base e altura que variam entre 1:2 a 1:4. Poucas são as intervenções que descaracterizam a volumetria característica da via, como uma edificação construída recentemente com três pavimentos e duas com inserção de varanda paulista. A via pode ser apreendida logo de início. Nas áreas onde hoje possui pavimentação em poliédrico era antes em pé-de-moleque, substituído em 1972.</p>
Documentação fotográfica	<p>Data da foto: 10-01-2007 Foto: Maria Raquel Alves Ferreira Referência: 04-ruadocarmo-f1; 04-ruadocarmo-f2</p>


	 <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 5px;"> Lateral esquerda Fachada Principal </div>	
Histórico	<p>Na década de 1950 ainda não existia o presente imóvel, no qual hoje funciona uma mercearia. Não havia construção alguma neste local. Era um lote vago, com plantação de bananeiras. Este lote pertencia ao avô de Dona Maria Natalina (conhecia como Natalice). O avô se chama Benedito Angelo Rodrigues e a avó (ambos maternos) Maria dos Reis Lana.</p>	
Descrição	<p>Trata-se de um imóvel construído em um declive, com testada do lote de 7,49m e profundidade de 33m; alinhado à Rua do Carmo, com afastamento maior de 3m nos fundos e lateral sem garagem em ambos os lados. O passeio possui pavimentação do tipo lajeado com largura de 60cm. A área descoberta não possui uso. A configuração do terreno é retangular (profundidade maior que a testada). O fechamento do lote é de argamassa e o piso da área descoberta é natural (terra e grama). A edificação possui 2 pavimentos acima do nível da rua e inexistência de subsolo, sendo a altura da fachada de 6,00m e da cumeeira de 1,50m. O telhado possui 4 águas no corpo principal, sendo que a cumeeira é paralela à rua; não há abertura no vão da cobertura e nem existe chaminé no plano posterior da cobertura. A cobertura é de telha cerâmica (capa e canal curva), laje plana e a estrutura de madeira. A fachada é caracterizada por coroamento de cachorros e guarda-pó em madeira. O acabamento da fachada principal é em argamassa com pintura e barrado de tijolinho. As molduras dos vãos da fachada principal são em madeira, assim como suas esquadrias – portas com folhas cegas e janelas com guilhotina. Em relação às cores predominantes temos: azul e creme no coroamento, creme nas esquadrias e molduras dos vãos, azul claro no acabamento da fachada e creme nas caixilharias. O sistema construtivo da fachada é em alvenaria de tijolos; quanto aos materiais de acabamento tem-se a cerâmica no 1º pavimento; quanto aos forros, tem-se a laje no pavimento térreo e o lambri no 2º pavimento (com exceção da I.S.). A tipologia da edificação é posterior a segunda metade do século XX.</p>	
Proteção legal existente	Nenhum	
Proteção legal proposta	Tombamento municipal do núcleo urbano	
Estado de conservação	Bom	
Análise do estado de conservação	Nenhum problema aparente	
Fatores de degradação	Não se aplica	
Medidas de conservação	Deve-se fazer uma manutenção periódica dos aspectos físicos, estruturais e compositivos da edificação.	
Intervenções – Responsável/Data	A edificação foi pintada no final de 2006	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\São Bartolomeu\fotos\fotos fichas 10-01-2007 e 02-03-2007	
Informações complementares	Não há informações complementares.	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Equipe da Secretaria de Patrimônio Elaboração: Liliene Vieira de Castro Revisão: Bruno Tropia Caldas	Data: 03/10/2005 Data: 03/11/2005 Data: 09/01/2007

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS



Ref.: 10.3.2.5

Município	OURO PRETO
Distrito	São Bartolomeu
Designação	Residência
Endereço	Rua do Carmo, s/n (3º imóvel à esquerda)
Propriedade/situação	Madalena
Responsável	Madalena
Situação de ocupação	Própria
Uso atual	Residencial de fim de semana
Análise de entorno-situação e ambiência	<p>Localiza-se no centro histórico de São Bartolomeu, na Rua do Carmo. Esta é ocupação inicial do distrito, nos momentos iniciais do século XVIII. Observa-se que a pavimentação dos passeios é de lajes de pedra assentadas irregularmente e cimentadas, e sua conservação é razoável. A pavimentação da via encontra-se em bom estado, sendo esta poliédrico e pé de moleque. O trânsito de veículos ocorre eventualmente. Todos os imóveis possuem abastecimento de água não tratada e são ligadas na rede de esgoto sanitário que é lançada diretamente no Rio das Velhas. Possui rede de drenagem fluvial, porém com problemas de funcionamento. A iluminação da área é feita por postes da rede pública da CEMIG, com fiação aérea. O sistema telefônico é feito via rádio, havendo um único ponto de aparelho público no posto de saúde. A volumetria predominante é de edificações térreas com características do período colonial simplificada do século XVIII, com predominância de cheios sobre os vazios. A maioria das edificações é construída no alinhamento da rua e algumas possuem afastamentos laterais. As testadas dos lotes variam entre 5 e 12 metros. O tipo de telha predominante nas coberturas é a telha cerâmica tipo capa - canal. As coberturas possuem inclinação entre 25 e 40%, variando entre 4 e 2 águas, com cumeeira hora paralela, hora perpendicular à rua. A partir do largo da Matriz de São Bartolomeu, todo o lado direito da via é implantado acima do nível da rua, com passeios largos e acessos às casas por meio de escadas. Desta maneira, a Igreja domina a paisagem do conjunto urbano de São Bartolomeu. Praticamente todo o lado esquerdo do passeio é estreitado, com largura média de 50 cm de laje de pedra mais ou menos regular. A simplicidade na composição plástica do conjunto urbano da Rua do Carmo, típica do século XVIII, proporciona a qualidade semântica de clareza e nitidez na configuração do espaço. As fachadas, sem rebuscamentos, formam uma leitura horizontalizada, com proporções entre base e altura que variam entre 1:2 a 1:4. Poucas são as intervenções que descaracterizam a volumetria característica da via, como uma edificação construída recentemente com três pavimentos e duas com inserção de varanda paulista. A via pode ser apreendida logo de início. Nas áreas onde hoje possui pavimentação em poliédrico era antes em pé-de-moleque, substituído em 1972.</p>
Documentação fotográfica	<p>Data da foto: 10-01-2007 Foto: Maria Raquel Alves Ferreira Referência: 05-ruadocarmo</p>  <p>Fachada principal</p>

Histórico	A casa pertencia aos pais da esposa do Sr. José Fortes, Dona Laurentina. O imóvel foi comprado pelo Sr. José do sogro, Crispim Souza, para doação a sua sobrinha Nazaré, quem posteriormente a vendeu para Dona Madalena.	
Descrição	Trata-se de uma edificação com tipologia simples, característica do século XIX, com vergas em arco rebaixado e pé direito elevado. O lote possui configuração tradicional, retangular, com profundidade maior que testada, terminando em rua secundária. A topografia do lote é em declive, com apenas uma construção e uma garagem anexa, possuindo testada de 9,59m e profundidade igual a 110,0m, estando a edificação implantada no alinhamento da rua, com afastamento lateral em ambos os lados, sem garagem. O passeio frontal apresenta pavimentação tipo lajeado, com largura de 0,6m. A área descoberta não é utilizada, possuindo pavimentação natural em terra e grama, sendo fechada com muro revestido de argamassa. A edificação possui um pavimento acima do nível da rua, com 4,0m de altura da fachada e 5,5m de altura total até a cumeeira. A cobertura é conformada por quatro águas, com cumeeira perpendicular à rua. O telhado é feito com telha cerâmica curva tipo capa-canal sobre engradamento de madeira. O coroamento da fachada apresenta cachorro e guarda-pó executados de madeira, com pintura azul. A fachada frontal é revestida com argamassa, com pintura branca. Os vãos desta fachada possuem moldura e vedação com folha cega de abrir, ambos em madeira com pintura azul. Moradores vizinhos informaram que o sistema construtivo e os materiais de acabamento originais foram preservados, sendo a edificação feita sobre base de pedra, com sistema construtivo em pau-a-pique.	
Proteção legal existente	Nenhuma	
Proteção legal proposta	Tombamento Municipal do Núcleo Urbano	
Estado de conservação	Regular	
Análise do estado de conservação	Apresenta manchas de umidade na parte inferior da fachada principal	
Fatores de degradação	Falta de manutenção periódica; ação de umidade acendente	
Medidas de conservação	Deve-se fazer uma manutenção periódica dos aspectos físicos, estruturais e compositivos da edificação.	
Intervenções – Responsável/Data	Não se tem registro de intervenções realizadas	
Referências Bibliográficas	C:\Documents and Settings\User\Meus documentos\INVENTÁRIOS\São Bartolomeu\fotos\fotos fichas 10-01-2007 e 02-03-2007	
Informações complementares	As informações referentes ao histórico foram obtidas com Dona Maria Natalina da Costa Seabra	
Ficha Técnica	Lev. Campo: Equipe de Secretaria de Patrimônio Elaboração: Liliane V. de Castro Revisão: Maria Raquel Alves Ferreira	Data: 03/10/2005 Data: 03/11/2005 Data: 09/01/2007